



**Universidade
Federal
Fluminense**

**Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Mestrado em Filosofia**

Louise Ferreira Carvalho

**Do filósofo e das meninas:
Pontos brilhantes sobre os dados do acaso**

Niterói
2019

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Mestrado em Filosofia

Louise Ferreira Carvalho

Do filósofo e das meninas:
Pontos brilhantes sobre os dados do acaso

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana de Toledo Barbosa

Niterói

2019

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Mestrado em Filosofia

Louise Ferreira Carvalho

Do filósofo e das meninas:
Pontos brilhantes sobre os dados do acaso

Aprovada em: __/__/____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mariana de Toledo Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Cíntia Vieira da Silva
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Paulo Domenech Oneto
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro (suplente)
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2019

*Para Mamãe,
“a mais bela, a melhor”
(Guimarães Rosa)*

Agradecimentos

À minha orientadora, Mariana de Toledo Barbosa, por ter me apresentado ao mundo maravilhoso da filosofia deleuziana, por me auxiliar com o rigor da pesquisa acadêmica e, sobretudo, por me ajudar a ladrilhar meu próprio caminho.

Aos membros da banca de qualificação, Cíntia Vieira da Silva e Paulo Domenech Oneto, e também ao professor Sandro Kobol Fornazari, pelas contribuições a este trabalho.

Aos queridos membros do Grupo de Pesquisa DEVIR: Anna, Frederico, Henrique, Ivan, Jorge, Laura, Letícia, Thiago.

Aos membros do Grupo de Leitura sobre *Lógica do sentido*, especialmente ao professor Marcus Reis Pinheiro, pelos ensinamentos estoicos.

Aos meus professores e professoras, especialmente à Maria Cristina Franco Ferraz e à Tereza Cristina B. Calomeni, pelos olhares nietzschianos.

Aos meus alunos, por me ensinarem o brilho da docência.

À Luciene, pelo auxílio e pelas conversas calorosas.

À Solange, por me socorrer todas as vezes.

Aos meus amigos e amigas, Almir, Arthur, Carol, Ix, Marcos, Maria Eugênia, Mariana, Melina, Rachael, Raoni, Tainá, pela eterna compreensão e paciência diante do meu (não-)desaparecimento, enquanto escrevia este texto.

À Marianna, pelas conversações e “auroridades”.

Às meninas Manu e Vitória, pelas “tardes douradas de verão”.

Ao meu irmão, por me inspirar infinitos jogos.

Ao meu pai, por me ensinar a mergulhar, e à minha mãe, por me esperar, a cada vez, a emergir à superfície.

Não valem só estóicos e mártires.
Virtudes meninas também são virtudes.

Esau e Jacó, Machado de Assis

faça, faça, faça.
faça.

até o fim
até o fim.

you will ride life straight to
perfect laughter, it's
the only good fight
there is).

*(do it, do it, do it.
do it.*

*all the way
all the way.*

*you will ride life straight to
perfect laughter, its
the only good fight
there is).*

“Jogue os dados” (*Roll the dice*), Charles Bukowski

Resumo

Lógica do sentido, publicado em 1969, é um livro central na obra de Gilles Deleuze, e também um dos mais complexos. Nele o filósofo francês elabora a sua concepção de linguagem em geral e do sentido em particular, a partir da literatura de Lewis Carroll e da filosofia dos Estoicos. Esta pesquisa focaliza esse livro a partir de um ponto de vista singular: o de uma menina – a Alice, personagem carrolliana. O objetivo principal é investigar o encontro entre Alice e os Estoicos na dimensão na superfície, com foco nos eixos do corpo, da linguagem e da ética. Propomos uma hipótese que se ramifica em duas direções, remetendo uma a outra mutuamente: a do devir-menina do filósofo e a do devir-filósofo da menina. A cada linhagem corresponde uma fórmula, a saber, a da “reversão do platonismo” e a da “conquista das superfícies”, cujos representantes são Nietzsche e os Estoicos, respectivamente. Neste trabalho, a reconstituição desse duplo movimento é efetuada em duas partes. Na primeira, intitulada “A Toca”, o objetivo específico é dar consistência ao corpo e à linguagem das meninas, bem como analisar uma ética do acontecimento. Aos poucos, o movimento de mergulho em cavernas pré-socráticas e fundos dionisíacos dão lugar a espelhos deformantes e tabuleiros planos. Na segunda parte, chamada “O Espelho”, o objetivo específico é apresentar as personagens que mobilizam os conceitos expostos nas passagens éticas, como também explorar o sentido como criação de superfícies. A partir da dupla hipótese proposta e dos objetivos almejados, esta pesquisa justifica-se duplamente: por fazer falarem as meninas e por fazer ver a sua filosofia.

Palavras-chave: Deleuze; meninas; corpo; linguagem; ética.

Abstract

Logic of sense, published in 1969, is a central book in Gilles Deleuze's work, and also one of the most complex. In this book the French philosopher elaborates his conception of language in general and of meaning in particular, from Lewis Carroll's literature and the Stoic philosophy. This research investigates this book from a singular point of view: on of a little girl – Alice, the Carroll's character. The main objective is to investigate the encounter between Alice and the Stoics in the dimensiono of the surface, focusing on the following themes: body, language and ethics. We propose a hypothesis that branches in two directions, mutually referring to one another: the philosopher's becoming-girl and the little girl's becoming-philosopher. To each lineage corresponds a formula, "the overturning of Platonism" and "the conquest of surfaces", reresented by Nietzsche and the Stoics, respectively. In this work, the reconstruction of this double movement is performed in two parts. In the first, entitled "The Hole", the specific objective is to give consistency to the little girls' body and language, as well as to analyze an ethics of the event. Gradually, the diving movement into pre-Socratic caves and Dionysian abyss turn into deforming mirrors and flat boards' sliding. In the second part, called "The Mirror", the specific objective is to present the characters that mobilize the concepts exposed in the ethical passages, as well as to explore the sense as the creation of surfaces. Based on the double hypothesis proposed and the objectives exposed, this research is justified in two ways: by making little girls speak and by making their philosophy visible.

Key-words: Deleuze; girls; body; language; ethics.

Lista das abreviaturas dos livros de Gilles Deleuze

NPh (1962) *Nietzsche et la philosophie / Nietzsche e a filosofia*

PS (1964/1970) *Proust et les signes / Proust e os signos*

B (1966) *Le bergsonisme / Bergsonismo*

DR (1968) *Différence et répétition / Diferença e repetição*

LS (1969) *Logique du sens / Lógica do sentido*

K (1975) *Kafka – pour une littérature mineure / Kafka – por uma literatura menor*

D (1977) *Dialogues / Diálogos*

MP (1980) *Mille Plateaux – capitalisme et schizophrénie 2 / Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia 2*

SPP (1981) *Spinoza: philosophie pratique / Espinosa: filosofia prática*

P (1990) *Pourparlers / Conversações*

QPh (1991) *Qu'est-ce que la philosophie? / O que é a filosofia?*

CC (1993) *Critique et clinique / Crítica e clínica*

ID (2002) *L'île déserte et autres textes / A ilha deserta e outros textos*

DRF (2003) *Deux régimes de fous / Dois regimes de loucos*

Lista de figuras

Figura 1: (1909) *Um buraco através da Terra / A hole through the Earth*, de Camille Flammarion. Fonte: *The Strand Magazine*, vol. 38, 1909, p. 348.

Figura 2: (1859) *Edith, Lorina and Alice* Fonte: Graham Ovenden Collection, Akehurst Bureau.

Sumário

PRÓLOGO (Deleuze e as meninas).....	01
LIVRO I: A TOCA	06
1. Entrada (O papel de Alice em <i>Lógica do sentido</i>).....	08
2. Construção (Lewis Carroll e o estruturalismo).....	14
3. Geografia (As coordenadas do pensamento: altura, profundidade, superfície).....	22
4. Combate (A distinção platônica entre as cópias e os simulacros).....	29
5. Oceano (O puro devir e a identidade infinita).....	38
6. Corrida (O círculo da proposição: designação, manifestação, significação).....	48
7. Caça (O sentido ou a quarta dimensão da proposição).....	55
8. Floresta (A dualidade estoica dos corpos e dos acontecimentos-incorporais).....	57
9. Monstro (O elemento paradoxal e o não-senso de superfície).....	65
10. Batalha (As singularidades ou “quem” fala em filosofia).....	73
11. Ferida (O desafio ético da contra-efetuação).....	76
12. Saída (O devir-menina do filósofo e o devir-filósofo da menina).....	79
LIVRO II: O ESPELHO	83
1. Apresentação (<i>O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice</i>).....	84
2. Do Perverso (O Chapeleiro Louco).....	90
3. Do Jogador Ideal (O Coelho Branco).....	92
4. Do Alcoólatra (O Arganaz).....	93
5. Do Adivinho (O Gato de Cheshire).....	94
6. Do Arqueiro Zen (A Lagarta).....	95
7. Do Ator (Tweedledee e Tweedledum).....	96
8. Do Humorista (Humpty Dumpty).....	98
9. Do Esquizofrênico (A Lebre de Março).....	99
10. Do Dançarino (A Tartaruga Falsa).....	100
11. Da Filósofa-Rainha (Alice).....	101
12. Final do jogo (O lance de dados).....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	104

ANEXO I. A Tabela.....102

ANEXO II. O Tabuleiro.....111

Prólogo

Deleuze e as meninas

Pois ela era uma menina, que arrojava pão aos patos, na companhia dos pais, e ao mesmo tempo uma mulher que se dirigia para os seus pais junto ao lago, carregando nos braços a própria vida, que ia crescendo à medida que se lhes aproximava, até se tornar uma vida inteira, uma vida completa, que ela pôs ante eles, dizendo: “Foi isto o que eu fiz da minha vida! Isto!” E que havia feito? Que havia feito dela, afinal?

Mrs. Dalloway, Virginia Woolf ¹

Era uma vez uma menina que amava ler sobre as aventuras de outras meninas: a Emília, de *A menina do narizinho arrebitado*; a Dorothy, de *O mágico de Oz*; a sueca Píppi Meialonga. Todos os gibis da Turma da Mônica. *Alice no País das Maravilhas*, ela enfrentaria mais tarde, na adolescência, porque na infância sentia um verdadeiro pavor da primeira metade. Não por acaso, pois na casa onde crescera havia (e ainda há) um poço muito profundo, de que ela não deveria jamais se aproximar; embora tenha espiado pela beirada, durante a madrugada, umas duas ou três vezes, carregando ainda consigo o irmãozinho na jornada (como isca, talvez?). E quando lhe perguntavam o que queria ser quando crescesse, ela respondia que não queria se tornar adulta, mas uma menina, particularmente a Píppi: porque a pequena heroína morava sozinha na Vila Vilekula – sozinha, não: com seu cavalo e com o sr. Nilson, o macaquinho –; porque ela era a pessoa mais forte do mundo, independente, corajosa, rebelde; porque ela não ia à escola, dormia na hora em que queria e acordava para assar biscoitos; porque no restante do tempo ela brincava e salvava seus amigos de meninos valentões. Certamente parecia ser muito mais divertido do que a vida adulta. Nossa menina queria também se tornar pirata, como desejava a própria Píppi: viajar por lugares desconhecidos, em mares abertos, a mais audaz das navegantes, de todas e todos... Mas ela não podia ser pirata, dizia-lhe a mãe. Tampouco “princesa dos canibais”, que era a sua segunda opção. Pensou e pensou, e chegou a uma solução: ela escreveria então sobre as aventuras das meninas, assim como lia nos livros.²

¹ WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 49.

² Seguem os livros mencionados, direta e indiretamente: BAUM, L. F. *O mágico de Oz*. São Paulo: Barba Negra, 2011; LINDGREN, A. *Píppi Meialonga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; LOBATO, M. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Editora Nacional, 1930; ROSA, G. “Partida do audaz navegante”. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 166-175; SOUSA, M. d. *Turma da Mônica*. São Paulo: Ed. Globo, 1987-2006.

Enquanto crescia, no desenvolvimento de um corpo e uma linguagem próprios, uma menina descobria, aos poucos, que tinha seu corpo roubado, tomado em oposição aos meninos, em comparações constantes: “pare de se comportar assim, você não é mais uma menininha, você não é um moleque, etc”³ – constatam Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mil Platôs*. Não se compara, no entanto, uma menina a qualquer menino, mas especialmente àqueles que não possuem nenhum desvio, nenhuma declinação; que não gaguejam, não enrubescem, não choram, não brincam com bonecas, não vestem rosa etc. Nesta visão limitadora de mundo, desconsideram-se, por exemplo, as nuances de matizes e a tensão que vibra na profundidade de uma cor, seja ela rosa ou azul. O binarismo menina/menino, imposto desde a infância, tende a abafar as vozes das meninas, que não conseguem ser ouvidas, vistas ou compreendidas; ainda que uma delas corte os cabelos como os deles, sentando-se em manhãs ensolaradas próximo ao campo de futebol, na esperança ser convidada para uma partida... Assim contava uma palestrante, em outros mares, no Espírito Santo. No encontro do GT Deleuze, ocorrido no congresso da ANPOF em 2018, Cíntia Vieira da Silva apresentava o texto “Desviando da pergunta ‘o que é ser mulher?’ com Despententes e Preciado” – ou então: “Era uma vez uma menina (ou menino), muitas mulheres e alguns felinos”, por (seu pseudônimo) Janaína dos Mares Guia –, em que coloca os questionamentos de uma menina tornada mulher.⁴ Com sua própria história ficcionada, a autora mostra que não apenas meninas se transformam em filósofas, pensadoras e mulheres, mas que também filósofos e filósofas, pensadoras, mulheres podem se tornar meninas.

Na entrevista sobre *O Anti-Épido*, publicada em 1972 na revista francesa *L'Arc*, e mais tarde inserida em *Conversações*, Deleuze afirma o seguinte, a respeito de escrever a dois, com Félix Guattari: “seria preciso falar como as meninas, no condicional [...]”.⁵ O que isto quer dizer? O que é fazer algo “como” as meninas e, mais ainda, falar “como” as meninas? Segundo esta filosofia, seria preciso inicialmente remover da palavra “como” qualquer conotação metafórica ou comparativa. Não se trata de imitar uma forma, nem de ganhar as mesmas proporções, mas de dissolver todas as formas e proporções. Tampouco se trata de tomar o sujeito como Modelo, mas de corromper a identidade fixa e estável. Não há pontos de chegada e de partida, nem dois polos que intercambiam, na medida em que os dois termos são arrastados

³ MP, p. 72 [ed. fr., p. 339].

⁴ SILVA, C. V. Desviando da pergunta ‘o que é ser mulher?’ com Despententes e Preciado. In: *XVIII Encontro Nacional da ANPOF*, Vitória, Espírito Santo, 2018. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/agenda-encontro-2018/item/559-categoriaagenda2018/19551-desviando-da-pergunta-o-que-e-ser-mulher-com-despententes-e-preciado>. Acesso em: 17 jun. 2019. A história de “nossa menina”, contada no início do Prólogo, foi claramente inspirada na palestra, performada no dia 25 de outubro de 2018.

⁵ P, p. 23 [ed. fr., p. 24].

em um movimento sem início nem fim. Trata-se de um processo chamado “devir”. “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam”.⁶ Na filosofia deleuziana,⁷ a palavra “como” entra em variação, assume uma nova função gramatical, passando a expressar ações, que são maneiras de ser. Deleuze e Guattari escrevem, a dois, em *Mil Platôs*: “a palavra ‘como’ faz parte dessas palavras que mudam singularmente de sentido e de função a partir do momento em que [...] fazemos delas expressões de devires”.⁸ Isto se verifica facilmente. Basta ouvir uma menina falar, cantar: a linguagem das meninas, no condicional, escapa ao presente e faz coexistir o futuro e o passado no interior da proposição, nos dois sentidos ao mesmo tempo.

Dizemos “como” simplesmente por hábito. Em vez de fazer “como” – por exemplo, falar, cantar, jogar – propomos fazer *com* as meninas. No lugar de dar-lhe lições, podemos aprender com elas, criando condições para que se estabeleça um diálogo, cultivando uma relação cujos termos possam entrar em variação contínua, em devir: “nunca se aprende fazendo *como* alguém, mas fazendo *com* alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende”.⁹ Na visada deleuziana, falar “como” uma menina não implica a desqualificação do pensamento filosófico; ao contrário, trata-se de uma linguagem que reverte a história tradicional da filosofia, a do Modelo-homem-adulto-racional, e suscita novos modos de pensar e de agir. Deleuze parece sugerir, com as meninas, um devir da filosofia, ou melhor, o devir-menina da filosofia e, nesta reversão, uma menina também é arrastada pelos traços dos filósofos. Recolocamos portanto a questão – “o que é falar como uma menina?” – em termos mais precisos: como falam as meninas? Como falamos com as meninas? E ainda, como nos tornamos meninas? Isto é, o que acontece com a filosofia quando ela é atravessada pelo pensamento de uma menina?

Assim como Vieira da Silva – Mares Guia –, desviamos-nos estrategicamente da pergunta “o que é”, formulada ao final de *Lógica do sentido*, em referência à obra de Lewis Carroll, a saber: “o que é uma menina?”.¹⁰ Deleuze certamente fornece todas as pistas para reformulá-la. Talvez seja preciso imaginar uma cena em que Alice – a discípula – faz uma

⁶ D, p. 03 [ed. fr., p. 11].

⁷ Neste caso particular, com ou sem Félix Guattari.

⁸ MP, p. 66 [ed. fr., p. 336].

⁹ PS, p. 21 [ed. fr., p. 32].

¹⁰ LS, p. 245 [ed. fr., p. 278]. A pergunta é ressaltada por Backès-Clément, na conclusão do texto de abertura à revista *L’Arc*: “[...] toutes les figures d’enfance qui peuvent servir d’emblème à ce numéro de Deleuze, ne cessent de se demander: ‘qu’est-ce qu’une petite fille?’ (Logique du sens)”. Cf. BACKÈS-CLÉMENT, C. “Les petites filles ou les aventures de la philosophie”. In: *ARC n° 49*. Paris: Éditions Inculce, 2005, p. 21.

pergunta de significação:¹¹ “o que é uma menina, ó mestre?”. Humpty Dumpty – o sábio estoico –, designa, com o seu cajado, algo como uma árvore. (Ou então, Alice já entrou na toca do coelho e tornou-se alguma outra coisa...). Cada vez que fizerem uma pergunta de significação, usaremos o cajado e responderemos com uma designação, mostrando que a pergunta está mal colocada. E se perguntarem, ainda, “o que você está se tornando?”, responderemos que a pergunta é “particularmente estúpida”, pois “o que” ela se torna muda tanto quanto ela mesma.¹² Assim pois a questão “o que é uma menina?” remete a um clarão, um encontro, um devir. “Toda a obra não para responder a esta questão, mas para evocar e compor o único acontecimento que disso faz uma questão”.¹³

A própria palavra “filosofia” contém uma menina: *Sofia*... Em “Metamorfoses de Sofia”, publicado na revista *L’Arc*, Jean-Noël Vuarnet identifica duas filosofias – duas *Sofias* – radicalmente distintas no pensamento deleuziano. De um lado, a Sofia celeste, amante dos sábios, dos moralistas e dos teólogos, que amam aquilo que possuem, à maneira platônica. De outro lado, sua irmã rebelde, amante daqueles que afirmam estar mais próximos daquilo que praticam: os “sofistas”. Por toda parte, surge uma Sofia rebelde, que não é mais aquela dos filósofos antigos: “talvez seu duplo”.¹⁴ Nesse sentido, há pelo menos duas meninas em filosofia: “Imperiosa Prima”,¹⁵ a irmã mais velha, amiga dos sábios e das estrelas; “Impetuosa Secunda”, a mais nova, que perverte toda a história da filosofia. Alice: o duplo de Sofia, sua irmã perversa?

Tanto Alice como Sofia – as meninas de Deleuze – aparecem no texto de Catherine Backès-Clément, precisamente intitulado “As meninas ou as aventuras da filosofia”, na abertura do mesmo volume da revista *L’Arc*, antes citado. Segundo a autora, Sofia não é apenas a menina das *Desgraças* de Comtesse de Ségur,¹⁶ é também o nome da Sabedoria, através da qual a

¹¹ Sugestão do próprio Deleuze: “o mestre estoico não é o próprio Humpty Dumpty? E a aventura do discípulo, a aventura de Alice [...]”. LS, p. 145 [ed. fr., p. 167].

¹² D, p. 03 [ed. fr., p. 08]. Segue a pergunta no francês para que se observe o verbo “*devenir*”, traduzido por por “tornar-se”, ora pelo neologismo “devir”: “*qu’est-ce que tu deviens?*”.

¹³ LS, p. 245 [ed. fr., p. 278].

¹⁴ VUARNET, J-N. *Métamorphoses de Sophie*. In: *L’Arc n° 49*. Paris: Éditions Inculte, 2005, p. 92.

¹⁵ Referência ao poema que abre o livro *Alice no País das Maravilhas*, no qual Lewis Carroll narra o encontro com três meninas, em uma tarde dourada de verão, que deu início às aventuras subterrâneas de Alice: “Imperiosa, Prima estabelece: / ‘Começar já!’; enquanto Secunda / Mais brandamente, encarece: / ‘Que não tenha nem pé nem cabeça!’ [...]” (“*Imperious Prima flashes forth / Her edict ‘to begin it’: / In gentler tones Secunda hopes / ‘There will be nonsense in it’*”). De acordo com Martin Gardner, na primeira nota à edição comentada de *Alice*, Alice Liddell, ou “Secunda”, foi a menina que inspirou o clássico carrolliano. CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 07 [ed. ing., p. 21].

¹⁶ O título do romance de Comtesse de Ségur foi traduzido na edição portuguesa como *As desgraças de Sofia*. Até 2019, não se verificou uma edição brasileira do livro. Em relação ao texto de Cathérine Backès-Clément, que começa com “Sophie, Alice”, não encontramos referência direta à primeira personagem em LS e nas demais obras de Deleuze. Trata-se, portanto, de uma relação feita pela pesquisadora em referência ao texto “Metamorfoses de Sofia”, de Jean-Noël Vuarnet, que se encontra no mesmo volume da revista. Cf. SÉGUR, C. de. *Les malheurs de Sophie*. Paris: Gallimard Jeunesse, 2008; BACKÈS-CLÉMENT, C. *Les petites filles ou les aventures de la philosophie*. In: *L’Arc n° 49*. Paris: Éditions Inculte, 2005, p. 19.

filosofia designa sua figura antiga; e Alice não é somente aquela de Lewis Carroll, mas a que desvenda os paradoxos do sentido e do não-senso. Surge uma outra personagem nesta trama: “do mesmo modo, Gilles Deleuze não é apenas *filósofo*, mas também *aventureiro*”.¹⁷ Em suas explorações estilísticas, o autor ora se aproxima de uma escrita acadêmica (como nos livros sobre Espinosa, Kant, Bergson, Nietzsche, Hume, por exemplo), ora da literatura (com Proust,¹⁸ Sacher-Masoch, Lewis Carroll, apenas para citar alguns escritores).¹⁹ Em Deleuze, portanto, “os filósofos não possuem nenhum privilégio”.²⁰ Pois já não se trata dos mesmos filósofos, nem das mesmas pequenas donzelas literárias oitocentistas. Os filósofos e as meninas são lançados em uma única aventura do pensamento.

Celebramos o aniversário de cinquenta anos de *Lógica do sentido* com o encontro, promovido por Deleuze em 1969, entre os filósofos e as meninas. Livro que arrastou nossa menina em uma aventura sem volta, desde suas primeiras linhas, quando Deleuze diz “Alice cresce”, e que permite-lhe hoje dizer: uma menina se torna maior do que era, em relação àquela que ainda tinha medo de tocas, de poços e de espelhos, e ao mesmo tempo menor do que é agora, enquanto escreve este texto.

¹⁷ Tradução nossa. Segue o texto no francês: “*de même, Gilles Deleuze n’est pas seulement philosophe, mais aussi aventurier*”. BACKÈS-CLÉMENT, C. Les petites filles ou les aventures de la philosophie. In: *L’Arc n° 49*. Paris: Éditions Inculce, 2005, p. 19.

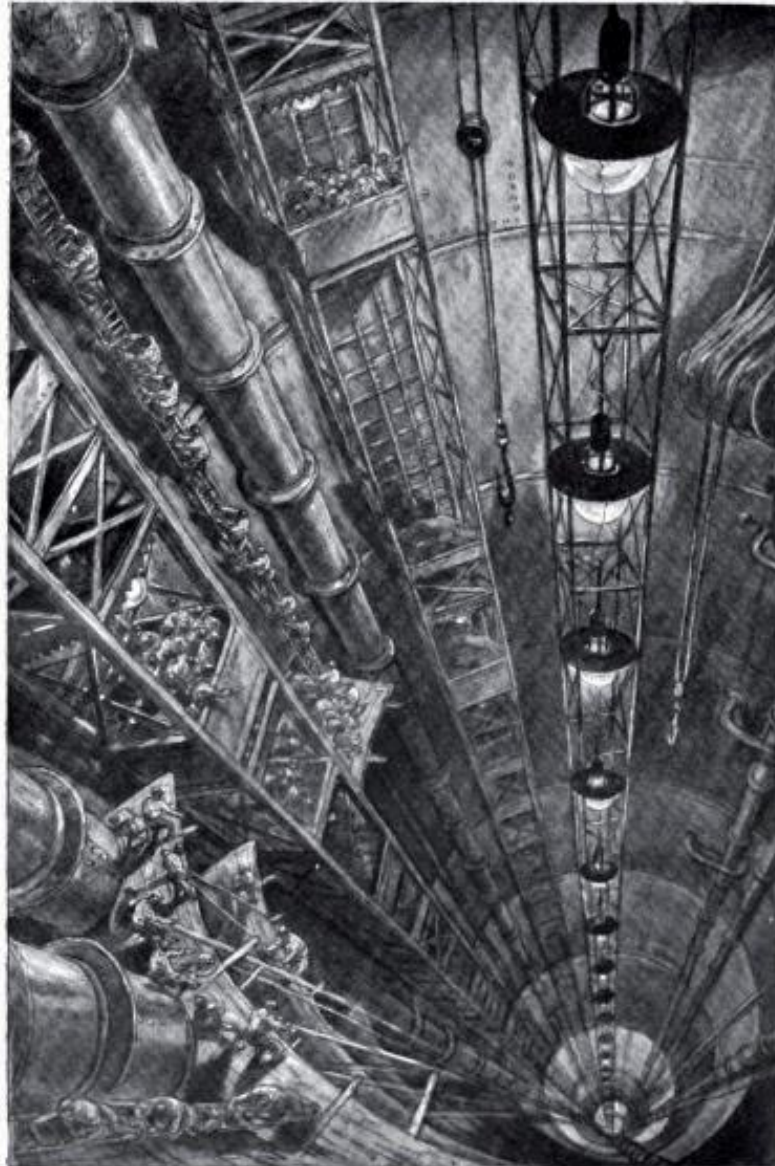
¹⁸ Em termos de estilo, o caso de *Proust e os signos* é excepcional. Neste livro, a escrita do escritor se funde a tal ponto com a do narrador de *Em busca do tempo perdido* (*À la recherche du temps perdu*) que é difícil cernir um do outro. Além disso, a primeira parte do livro, publicada em 1964, é estruturada em sete capítulos e uma conclusão, conforme a própria da *Recherche* em sete volumes, cujo último efetuará a sistematização final. Cf. PS, p. 04 [ed. fr., p. 02].

¹⁹ No mesmo texto, Cathérine Backès-Clément aponta para um terceiro momento da exploração estilística deleuziana, com Félix Guattari.

²⁰ BACKÈS-CLÉMENT, C. Les petites filles ou les aventures de la philosophie. In: *L’Arc n° 49*. Paris: Éditions Inculce, 2005, p. 19.

I

A Toca



AT WORK IN THE GIGANTIC SHAFT.

Figura 1:

1909 – “Um buraco através da Terra” (*A hole through the Earth*),
do astrônomo Camille Flammarion

Em uma nota à edição italiana de *Lógica do sentido*, publicada em 1976, Gilles Deleuze inicialmente ressalta a dificuldade de sua tarefa, bem como os riscos que a envolviam. Como refletir sobre uma obra escrita sete anos antes, quando tanta coisa se passou depois? “Não que um livro esteja necessariamente ultrapassado; porém, mesmo que ele continue presente, é um presente ‘deslocado’”.²¹ Se tal era a dificuldade do autor, cabe a nós assumir uma outra, apontada no próprio texto: “um leitor benévolo é necessário para lhe conceder sua atualidade e lhe dar um prolongamento”.²² Tomando como objeto este livro, o desafio desta pesquisa é lançar uma nova luz sobre alguns de seus pontos singulares, abraçá-lo em sua complexidade própria. Assumir esta tarefa é fazê-lo crescer por dentro, expandindo suas curvas e prolongando suas bordas. O risco, no entanto, é inerente: afogar-se num mar de conceitos, que por vezes parece se estender infinitamente, até o horizonte... E talvez o perigo maior seja o de fixar limites, abafando sua potência tão atual como necessária. Para não afundar, é preciso aprender a surfar na superfície, onde se processa toda lógica do sentido: ora rindo, como nas aventuras de humor do estoicismo antigo; ora chorando, curto momento em que “a menina aflora à água, como Alice na bacia de suas próprias lágrimas”.²³

Como, então, mergulhar sem se afogar? Com tantos riscos envolvidos, e ameaças à espreita, como entrar em *Lógica do sentido*? É uma construção serial, em paradoxos. É uma toca: “por um trecho, a toca do coelho seguia na horizontal, como um túnel, depois se afundava de repente”.²⁴ Deleuze pula de série em série, puxando paradoxos atrás de paradoxos, conceitos pululam por toda parte; com efeito, não é fácil acompanhá-lo nessa corrida louca. Todas as séries estão, de certo modo, entrelaçadas, o que permite uma primeira leitura linear; de fato, é o que aconselha vossa Majestade, em *Alice* de Lewis Carroll: “por onde devo começar, por favor [...]?” ‘Comece pelo começo’, disse o rei gravemente, ‘e prossiga até chegar ao fim; então pare’.²⁵ Uma menina rebelde, porém, não obedece a regras já dadas, nem a ordens impostas,

²¹ Vale a pena citar o trecho no original, em francês, para que se observe o jogo de palavras realizado entre as palavras “*dépassé*” (“ultrapassado”) e “*déplacé*” (“deslocado”): “*Non pas qu’un livre soit nécessairement dépassé; mais, même s’il reste présent, c’est un présent ‘déplacé’*”. DRF, p. 66 [ed. fr., p. 58].

²² DRF, p. 66 [ed. fr., p. 58].

²³ LS, p. 96 [ed. fr., p. 114]. Todas as modificações feitas na tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes à *Lógica do sentido* (LS) serão indicadas em nota de rodapé. A paginação das edições originais dos livros de Gilles Deleuze serão colocada em nota de rodapé, depois da paginação no português, utilizando-se da abreviatura “ed. fr.” Os títulos dos livros de Gilles Deleuze, abreviados nas notas, constam na “lista de abreviações”, logo no início. As referências completas encontram-se ao final deste trabalho.

²⁴ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 09 [ed. ing., p. 26]. Neste trabalho, consultamos a edição comentada por Martin Gardner, tanto no português como no inglês. A paginação da edição original será colocada após a edição brasileira, utilizando-se da abreviatura “ed. ing.”. Ao longo deste trabalho, também abreviou-se o título *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* por “*Alice*”, e o título *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* por “*Através do Espelho*”.

²⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 98 [ed. ing., p. 158].

tampouco segue um só caminho – reto. Em uma leitura aprofundada, exploramos passagens secretas, passando por encruzilhadas, portas e galerias para conectar duas ou mais séries, cavando uma saída para cada toca e relacionando-as a outras tantas.²⁶ É o que faremos aqui, seguindo as pegadas de Deleuze, cruzando-as, no caminho, com os rastros de Carroll, nesta aventura que se inicia.

Diante desta construção complexa, com múltiplas passagens, portas e portinholas, tomamos uma **entrada** modesta, que permite explorar um ponto de vista muito especial: o de uma menina.²⁷ Em *Lógica do sentido*, a Alice, personagem de Lewis Carroll, aparece ao lado dos Estoicos, que não possuem diante dela nenhum privilégio: é ela quem descobre, depois desses sábios filósofos, os acontecimentos; ela enrubesce e verdeja, como nos exemplos de Crisipo de Solos; eleva à superfície, ao nível da linguagem, todos os paradoxos do devir. Daí algumas perguntas. Que papel ocupa Alice na obra de Deleuze? Trata-se tão-somente de um exemplo utilizado pelo autor na compreensão da filosofia dos Estoicos,²⁸ permanecendo à margem e sem ser afetada por eles? Ou então haveria aí uma relação mais sutil, mais *delicada*, entre Alice e os Estoicos? Há uma zona de indistinção entre Alice e os Estoicos, em que não é mais possível discernir um e outro, no jogo de máscaras sobre máscaras do *theatrum*

²⁶ Convém mencionar o aparecimento da “toca” na abertura de *Kafka, por uma literatura menor* (KPLM), publicado em 1975, por Gilles Deleuze e Félix Guattari: “como *entrar* na obra de Kafka? É um rizoma, uma toca” (grifo nosso). Na passagem, os autores se referem-se ao conto de Franz Kafka intitulado *Der Bau*, na língua alemã, e traduzido no português por “A construção” e, no francês, por “A Toca” (*Le terrier*). Em outro trecho, os filósofos escrevem: “procurar-se-á somente com quais outros pontos conecta-se aquele pelo qual se entra, por quais encruzilhadas e galerias se passa para conectar dois pontos”. Neste livro, a toca é o “rizoma”, conceito que será desenvolvido pelos autores, mais tarde, em *Mil Platôs*. Sendo a série e o rizoma conceitos diferentes, trata-se de dois tratamentos da toca. KPLM, p. 09 [ed. fr., p. 07].

²⁷ Ao longo desta pesquisa, verificou-se que poucos comentadores realçam o papel da “menina” (“*petite fille*”) na filosofia de Gilles Deleuze. Na maioria dos textos encontrados, a menina é tematizada à luz da mulher (“*femme*”) ou da moça (“*jeune fille*”), detendo-se a uma análise psicanalítica e feminista, com ênfase no conceito de “devir-mulher”, desenvolvido por Deleuze e Guattari no Platô 10. Neste trabalho, procuramos explorar o papel da menina em LS sem associá-lo aos conceitos elaborados posteriormente, tais como “devir-mulher” e “devir-criança”. Deixamos fora desta lista de referências, certamente incompleta, as menções a Alice nos trabalhos encontrados sobre Lewis Carroll na filosofia de Deleuze, que se distanciam ainda mais da proposta desta dissertação, a saber, a exploração do pensamento de uma menina-filósofa, e de um filósofo-menina. Seguem alguns textos encontrados sobre o tema: Cf. DRISCOLL, C. The Little Girl. In: GENOSKO, G. (org.) In: *Deleuze and Guattari: Critical Assessments of Leading Philosophers*. Vol III. London and New York: Routledge, 2001, pp. 1464-1479; KARAKAS, Ö. *À la recherche de la petite fille: La différence sexuelle dans la pensée de Deleuze*. Turquia: Éditions universitaires européennes, 2017; KARAKAS, Ö. La petite fille de la surface comme figure de la dissolution du soi. In: *La Deleuziana – Revue en Ligne de Philosophie*, n° 2, 2015.

²⁸ Deleuze não se preocupa em diferenciar as três fases dos Estoicos: o estoicismo antigo, com Zenão de Cítio, Cleontes de Assos, Crisipo de Solos (séculos IV-III a.C.); o médio, com Posidônio, Panétius de Rodes (século II a.C.) e o imperial, com Sêneca, Epiteto, Marco Aurélio (no início da era cristã). De acordo com o comentador Alain Beaulieu, em LS, a referência a Crisipo é a mais recorrente, seguem Marco Aurélio, Sêneca e Epiteto, e, por fim, Cícero e Sexto Empírico. Deleuze usa o termo genérico “Estoicos”, apoiando-se nos comentários de Emile Bréhier e Victor Goldschmidt, o que não compromete a elaboração de uma teoria do sentido e de uma ética do acontecimento a partir da descoberta dos incorporais como efeitos de superfície. Cf. BEAULIEU, A. Gilles Deleuze et les Stoïciens. In: *Gilles Deleuze: Héritage philosophique*. Paris: Presses Universitaires France, 2005, pp. 47-48.

philosophicum deleuziano – como nomeara Michel Foucault.²⁹ Pela toca de Deleuze-Coelho, os Estoicos vestem a saia de Alice, enquanto a menina ganha os bigodes de Nietzsche, que já veste o manto duplo de Antístenes e de Diógenes.

À luz dessas questões iniciais, esta pesquisa propõe a hipótese principal de que há um duplo movimento de “devir-menina do filósofo” e “devir-filósofo da menina”, que atravessa o encontro, promovido por Deleuze em *Lógica do sentido*, entre Alice e os Estoicos.³⁰ Surgem, então, outras perguntas. Trata-se de uma mesma operação? Ou então elas se orientam segundo eixos e dimensões distintas, implicam formulações próprias e conquistas singulares? Como elas se distribuem ao longo das séries de paradoxos, a que problemas respondem e que conceitos movimentam? Em que medida elas se diferenciam e em que dimensão se encontram?

A seguir, iremos detalhar a dupla hipótese acima esboçada, que serve de entrada à *Lógica do sentido*. Em um primeiro movimento, o devir-menina do filósofo implica um mergulho em profundidade, no reino dos simulacros e dos devires-ilimitados, e remete à fórmula da “reversão do platonismo”, no combate de Nietzsche contra Platão. Em um segundo movimento, o devir-filósofo da menina envolve a emergência à superfície, a descoberta dos efeitos-incorporais e dos acontecimentos, e corresponde à fórmula da “conquista das superfícies”, elaborada a partir dos Estoicos. Entretanto, as duas operações remetem uma a outra, nos dois sentidos ao mesmo tempo: um filósofo não se torna menina sem que uma menina se torne ela mesma filósofa, e o inverso. Com efeito, a exploração do duplo movimento de devir – o “devir-menina do filósofo” e o “devir-filósofo da menina” – e das duas fórmulas que ele implica – a “reversão do platonismo” e a “conquista das superfícies” – é o objetivo geral deste trabalho, analisando as etapas de cada operação e os conceitos correspondentes.

²⁹ Segue a passagem completa, ao final da fala de Foucault sobre LS e DR: “a filosofia não como pensamento, mas como teatro: teatro de mímicas com cenas múltiplas, fugidias e instantâneas onde os gestos, sem se verem, fazem sinais: teatro onde, sob a máscara de Sócrates, estala de súbito o rir do sofista; onde os modos de Espinosa dirigem um anel descentralizado enquanto que a substância gira ao seu redor como um planeta louco; onde Fichte manco anuncia ‘eu fendido/eu dissolvido’; onde Leibniz, chegando ao cimo da pirâmide, distingue na obscuridade que a música celeste é o *Pierror lunair*. Na guarita de Luxenburgo, Duns Scoto passa a cabeça pelo ante-olho circular; traz uns consideráveis bigodes; são os de Nietzsche disfarçado de Klossowski”. FOUCAULT, M. “Theatrum Philosophicum”. In: *Nietzsche, Freud e Marx & Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio Editora, 1997, p. 81.

³⁰ Deleuze usa o termo “devir-filósofo” no livro *Diálogos* (D), com Claire Parnet: “meu encontro com Félix Guattari mudou muitas coisas. Félix já tinha um longo passado político e de trabalho psiquiátrico. Ele não era ‘filósofo de formação’, mas tinha, por isso mesmo, um devir-filósofo, e muitos outros devires”. D, p. 14 [ed. fr., p. 25]. Com efeito, o devir-filósofo vai muito além de uma formação acadêmica, de um diploma. Há um devir que perpassa Deleuze e Guattari através da filosofia, que culmina no último livro da dupla, *O que é a filosofia?*, de 1992. Neste trabalho, optamos por manter o termo “filósofo” no devir-filósofo da menina, a fim de realçar o devir-Estoico de Alice, variando por vezes com o feminino (tornar-se “uma menina-filósofa”, por exemplo); contudo, tratando-se de um movimento de devir, não há mais nem masculino nem feminino. No Prólogo deste trabalho, vimos que Deleuze não usa o termo “devir-menina”, embora mencione, com Guattari, no Platô 10, os devires que atravessam o corpo de uma menina. MP, p. 72 [ed. fr., p. 339]. O “devir-menina do filósofo” e o “devir-filósofo das meninas” são hipóteses originais deste trabalho, elaboradas a fim de acessar os conceitos centrais de LS.

De um lado, chamamos de “devir-menina do filósofo” a operação em direção à profundidade, em cavernas obscuras e fundos dionisíacos. Deleuze identifica este movimento na primeira metade de *Alice*, e, na filosofia antiga, com a imagem do filósofo pré-socrático, realçada por Nietzsche. O representante desta operação é portanto Nietzsche, que mergulha na profundidade e denuncia a altitude platônica. O encontro entre os filósofos e as meninas nas profundezas tem como consequência a perda do nome próprio e da identidade pessoal. A perda do nome próprio é, pois, a aventura subterrânea do filósofo, que se repete através de todas as aventuras de Alice: tudo se perde, nome, identidade, mundo e Deus. Com efeito, um filósofo adquire traços do corpo e da linguagem de uma menina, sem que isto implique a transformação de suas formas e proporções, quando faz a filosofia – essa “velha pessoa”,³¹ um velho senhor travestido de velha senhora – entrar na toca do coelho, isto é, no pensamento de uma menina.

Porém, o devir-menina do filósofo não é suficiente. Pois o mergulho profundo, em tocas, poços e cavernas, não faz de Alice uma menina-filósofa. Se ela permanecer muito tempo na profundidade da terra, corre sérios riscos de afundar-se infinitamente, entrando em um labirinto paranoide, às voltas com sua própria construção, como o animal kafkiano.³² Alice não pode permanecer dentro da toca, escura e quentinha, e construir nela um lar.³³ Todas as aventuras de Alice confluem em uma única aventura: a conquista da superfície. Uma vez que Alice conquista as superfícies, as aventuras subterrâneas ganham um novo sentido, um novo brilho e esplendor. Damos um salto, em um segundo movimento. É lançado o desafio ético.

De outro lado, chamamos de “devir-filósofo da menina” a operação da conquista da superfície. Os representantes desta operação são os Estoicos, em sua descoberta do acontecimento. Porém, há uma reviravolta nesta história, uma espécie de duplicação, ou de espelho invertido. Na primeira metade de *Lógica do sentido*, os acontecimentos puros (ainda não efetuados) emergem da profundidade dos corpos. São os devires rebeldes, subterrâneos, que mudam de natureza, deixando o reino dos simulacros e passando a fazer valer seus direitos na superfície da terra. Na segunda metade, entretanto, especialmente nas séries sobre a ética estoica, os acontecimentos se afundam nos corpos, cortam-nos e mortificam-nos na medida em que mais se afundam. É preciso então contra-efetuar o acontecimento, tornar-se “quase-causa”

³¹ Qph, p. 17 [ed. fr., p. 16]. A tradução foi modificada. Trocamos a palavra “velha senhora” por “velha pessoa” (*vielle personne*).

³² KAFKA, F. “A construção”. In: *Um artista da fome e A construção*. São Paulo: Editora 34, 1988.

³³ “Perdoe as conjunções, e os pronomes mal-colocados e o não dito”, escreve a subterrânea Mardou Fox, no livro *Os subterrâneos*, de Jack Kerouac: “somos como dois animais fugindo para tocas escuras e quentinhas e vivemos nossas dores sozinhos”. KEROUAC, J. *Os subterrâneos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018, p. 65.

do que se efetua, liberar um duplo-incorporal: eis a aventura de Alice, sua única aventura, a de conquistar a superfície e tornar-se filósofa.

Como defender, porém, que Alice se torna uma menina-filósofa explorando a dimensão ética da superfície, se ela desaparece justamente nas séries em que Deleuze elabora uma ética do acontecimento? Mas isto não é um impasse em nossa análise. Trata-se, antes, do “não-desaparecimento” de Alice, pois ela se encontra plenamente presente, mas com outros nomes, com máscaras de filósofos já fantasiados. Alice leva o nome dos Estoicos, assim como os Estoicos levam o nome de Alice; ambos se transformam em atores, dançarinos, adivinhos, arqueiros, alcoólatras... Enfim, há todo um palco teatral em *Lógica do sentido*, sobre o qual os filósofos e as meninas encenam vários personagens, utilizando-se de máscaras, figurinos e gestos, em diferentes cenários, ambientes, dimensões. Com cada personagem, em encontros sobre os dados lançados ao acaso, uma menina aprende a ladrilhar seu próprio caminho ético.³⁴

O que permite afirmar que Alice se transforma nestas personagens, nas séries dedicadas à ética em *Lógica do sentido*, é que Deleuze elabora uma fórmula, na segunda série (“Dos efeitos de superfície”), a respeito das meninas carrollianas: “em regra geral, somente as meninas compreendem o estoicismo, têm o senso do acontecimento e liberam um duplo incorporal”.³⁵ Mais adiante, na vigésima série (“Do acontecimento”), o autor apresenta as três determinações do acontecimento, a saber: “ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que

³⁴ Neste ponto, o papel de Alice em LS se aproxima do conceito de “personagem conceitual” elaborado por Deleuze e Guattari, em *O que é a filosofia?* (Qph), de 1992. “Pode acontecer que o personagem conceitual apareça por si mesmo muito raramente, ou por alusão. Todavia, ele está lá; e, mesmo não nomeado, subterrâneo, deve sempre ser reconstituído pelo leitor. Por vezes, quando aparece, tem um nome próprio [...]. Qph, p. 77 [ed. fr., p. 62]. Em resumo, o personagem conceitual relaciona o plano de imanência, que são as coordenadas do pensamento, e os conceitos, que são criados a partir destas coordenadas. Os conceitos são filosóficos, e o plano, pré-filosófico. Esta argumentação se alia à tese deleuziana de que a filosofia é uma disciplina criadora, e o que ela cria são os conceitos. O personagem conceitual relaciona o plano com os conceitos, isto é, ele estabelece as coordenadas para o pensamento e cria conceitos filosóficos. O livro explica, de certo modo, a emergência de Alice à superfície, motivo pelo qual ela não pode permanecer indefinidamente dentro da toca do coelho, na profundidade, no caos absoluto. Em Deleuze, o caos possui uma velocidade excessiva, de modo que as coisas se fazem e se desfazem, são evanescentes. Alice precisa sair do caos e dar consistência aos elementos colhidos no subterrâneo, em suas aventuras. Nesse sentido, o plano é o crivo para que sejam selecionados e montados alguns elementos do caos, para uma composição desses elementos, que devem adquirir consistência. O papel do personagem conceitual é traçar esse plano, selecionar os elementos do caos e dar consistência a eles, e a partir daí estabelecer as coordenadas do pensamento. Portanto, o mergulho no caos é necessário, mas ele não é suficiente para fazer de Alice uma filósofa. Ela apenas se torna um personagem conceitual se criar superfícies, assim como o filósofo traça um plano. “E o destino do filósofo é de transformar-se em seu ou seus personagens conceituais, ao mesmo tempo que estes personagens se tornam, eles mesmos, coisa diferente do que são historicamente, mitologicamente ou comumente [...]. O personagem conceitual é o devir”. Qph, p. 79 [ed. fr., pp. 62-63]. Na medida em que Alice é a personagem do puro devir em LS, ela se aproxima da definição de personagem conceitual, elaborada por Deleuze e Guattari. Nos termos de Qph, Alice é um personagem conceitual. Optamos por não utilizar o conceito explicitamente neste trabalho, por conta de mudanças terminológicas significativas que podem comprometer nossa argumentação, atendo-nos aos conceitos de LS que servem à elaboração do personagem conceitual em Qph, tal como as “singularidades”.

³⁵ LS, p. 11 [ed. fr., p. 20].

deve ser representado no que acontece”.³⁶ Não podemos ainda dimensionar o alcance destas fórmulas. Por ora, basta salientar que as três determinações do acontecimento surgem nas regras das meninas, de modo que é possível sustentar que há uma ética das meninas inseparável de uma ética dos acontecimentos. Alice perde a identidade e o nome próprio; torna-se uma singularidade e encarna múltiplos personagens. Assim, o conceito de “acontecimento”, tal qual elaborado por Deleuze, é o termo apto a equacionar o encontro entre Alice e os Estoicos na dimensão da superfície.

Em *Lógica do sentido* encontram-se diversas fórmulas. Entretanto, elas não visam, como nos tratados lógicos, nenhuma prova formal, nem demonstrações regradas. Há toda uma regulação da vida na ética deleuziana, que dizem respeito os modos de vida; mas elas são variáveis e facultativas, e modificam conforme as circunstâncias concretas.³⁷ Nesse sentido, o corpo e a linguagem das meninas encontram uma formulação ética: em primeiro lugar, uma menina compreende o estoicismo, isto é, compreende o acontecimento como efeito-incorporal de superfície; em segundo lugar, tem o senso do acontecimento, ou seja, quer o acontecimento em sua verdade eterna, identificando-se à sua “quase-causa”; em terceiro lugar, libera um duplo incorporal, contra-efetuando o acontecimento, isto é, representando o que acontece enquanto acontece.

O devir-filósofo da menina é necessário, pois devir-menina não é mesmo fácil. Ser vista como uma menina – uma “menininha” – é ouvir comentários inconvenientes sobre o seu corpo, pele, cabelos (“seu cabelo precisa de um corte”, disse o Chapeleiro Louco. Mas Alice logo responde: “devia aprender a não fazer comentários pessoais... é muito indelicado”). É observarem o que se come e o que se deixa de comer, o que se veste, o que se pensa e o que se diz. Como comportar-se, sentar-se, andar... É conviver diariamente com olhares que atravessam um corpo diminuto em crescimento, em desenvolvimento, sobrevoado por transformações. É passar pela situação paradoxal de ser ainda menina e ascender mãe e avó na mesma ocasião, como Maria Sombrinha.³⁸ É ter o corpo roubado a ponto de temer o próprio desaparecimento. É estar cercada de lições e quase não ter tempo de fazer meninices.³⁹ Também os meninos que

³⁶ LS, p. 152 [ed. fr., p. 175].

³⁷ Cf. BARBOSA, M. de T. Regras facultativas ou variáveis: a regulação da vida na ética deleuziana. In: *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, vol. 8, nº 2, 2º quadrimestre de 2015, pp. 54-72.

³⁸ Cf. COUTO, M. “O não-desaparecimento de Maria Sombrinha”. In: *Contos do nascer da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 11-14.

³⁹ Em carta a Mary Forshall, datada em 6 de março de 1879, Lewis Carroll escreve: “Minha querida May, você gosta de jogar? Ou a ideia que você faz da vida se limita a: ‘café da manhã, aulas, almoço, aulas, chá, aulas, dormir, aulas, almoço, aulas’, etc? Eis um projeto de vida muito simples e quase tão apaixonante como o de uma máquina de costura ou de um moedor de café. (Entre parêntesis: eis uma questão bem interessante e eu ficaria contente se você respondesse: desses dois objetos, qual você preferiria ser?)”. CARROLL, Lewis. *Cartas às suas amiguinhas*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1997, pp. 62-63.

possuem desvios, os gogos e os canhotos, são atravessados pelos acontecimentos que sobrevoam os corpos das meninas. Do devir-menina o filósofo decorre necessariamente o devir-filósofo da menina.

A tematização das meninas em filosofia e a investigação a respeito dos devires que atravessam seus corpos e linguagem tornam-se urgentes, no contexto de compreender esta maneira singular de pensar e de agir no mundo, tornar-se sensível aos acontecimentos que mortificam seus corpos, aos olhares que as atravessam, às vozes mais altas que as abafam, aos corpos que as sufocam... O desafio ético da contra-efetuação nos é lançado diariamente. Nós, meninas, nós sabemos disso desde sempre. Como seguir vivendo após um beijo roubado, um aperto, um corte, uma queimadura, um ferimento...? Como fender uma fissura que emerge – vulcânica – à superfície dos corpos, tal como uma voz, um grito? Como extrair do que acontece, por mais mortificante que seja, um clarão, um encontro, um devir? Como cicatrizar uma ferida profunda? Como encontrar uma cura? O desafio é amar a vida a ponto de afirmar a morte, tal como na passagem ética estoica. “Ou a passagem de Lewis Carroll: ele é fascinado pela menina cujo corpo é trabalhado por tantas coisas em profundidade, mas também sobrevoado por tantos acontecimentos sem espessura”⁴⁰ – escreve Deleuze, em *Diálogos*, em que dimensiona a necessidade de estudar as meninas do ponto de vista filosófico, abraçando toda a complexidade e delicadeza que o tema suscita.

Por que, afinal, perseguir Deleuze, enfiar-se em uma toca atrás dele, ignorando inúmeros avisos e conselhos, correndo todos os riscos? Por que entrar em *Lógica do sentido*? Talvez seja preciso que algo aconteça, que atice a curiosidade e nos arraste para dentro da toca; algo como um coelho, de unhas longas e não aparadas, usando uma jaqueta de camponês, correndo a toda pressa pela campina (“quando pensou nisso, bem mais tarde, ocorreu-lhe deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo pareceu muito natural”;⁴¹ até mesmo suas unhas, “achando-as inteiramente naturais, plantadas aí ao acaso, como que pelo vento, que traz sementes...”).⁴² Quando o Coelho tira, de repente, do bolso da jaqueta um relógio, e olha as horas, dizendo “Alice cresce! Alice cresce!”⁴³ não há mais tempo a perder. “No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele”;⁴⁴ tarde demais para agarrá-lo pelas orelhas, mas bem a

⁴⁰ D, p. 54 [ed. fr., p. 80].

⁴¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 09 [ed. ing., p. 26].

⁴² P, p. 13 [ed. fr., p. 14] ... “e não faz ninguém falar”.

⁴³ LS, p. 01 [ed. fr., p. 09]. A passagem de LS foi modificada. Segue o trecho: “quando digo ‘Alice cresce’ [...]”.

⁴⁴ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 14 [ed. ing., 38].

tempo de ouvi-lo dizer: “Alice não cresce sem ficar menor, e inversamente”.⁴⁵ O paradoxo de Alice, na abertura da primeira série do livro, “Do puro devir”, insere-nos em uma passagem secreta, na profundidade da terra, onde movimentos de mergulho e soterramento nos arrastam, tripas se alongam, monstros nos tragam, corpos se misturam.⁴⁶ Tudo isso no meio do pelo, da imundice, da lama. “E, o que pois: – ‘Agora, já me sujei, então agora posso não ter cuidado...’” – diz Brejeirinha, uma menina roseana, ao escorregar em altas rodelas de esterco cogumeleiro.⁴⁷ Entramos no mundo maravilhoso das meninas.

Como pensa uma menina? Que portas ela abre, que caminhos percorre e que galerias atravessa? Qual é a orientação deste pensamento? A **construção** possui múltiplas entradas, seus caminhos foram pouco explorados, suas passagens não são exatamente conhecidas.⁴⁸ Mundo sombrio e agitado, de corredores longos e escuros, com múltiplas portas, fechaduras antigas, enferrujadas, e chaves raras... Dentro da toca, Alice testa uma portinhola. Ou a chave é grande demais para a porta ou, ao contrário, a porta é pequena demais para a chave; pouco importa: ela não consegue entrar, então senta no chão e chora. Como chorar não parece adiantar, a menina procura outra chave, mas encontra sobre a mesa uma garrafinha e, debaixo dela, um pedaço de bolo. ““COMA-ME””, ““BEBE-ME””: lê-se nos rótulos. Primeiro, ela verifica se está escrito “veneno” e, como não estava, supõe que é alimento; em seguida, manda tudo para dentro. Alice é arrastada por um movimento de puro devir, crescendo e diminuindo a um só tempo. Nestas transformações, a menina não sabe mais quem ela é, nem quantos anos têm; ela chega a temer o próprio desaparecimento. (““Pois isso poderia acabar”, disse Alice consigo mesma, ‘me fazendo sumir completamente, como uma vela. Nesse caso, como eu seria?’ E tentou imaginar como é a chama de uma vela depois que a vela se apaga, pois não conseguia se lembrar de jamais ter visto tal coisa”).⁴⁹ Em *Lógica do sentido*, a menina aparece e desaparece ao longo das trinta e quatro séries de paradoxos: ela nunca está onde a procuramos e, inversamente, nunca

⁴⁵ LS, p. 01 [ed. fr., p. 09].

⁴⁶ CC, p. 34 [ed. fr., p. 34].

⁴⁷ ROSA, G. “Partida do audaz navegante”. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 171.

⁴⁸ Deleuze e Guattari mencionam as construções labirínticas kafkianas em KPLM, como no romance *O Castelo, A construção*. KPLM, p. 09 [ed. fr., p. 07]. Em relação aos poucos que se aventuraram na *Lógica do sentido*, vale a pena lembrar o início da conferência ministrada por Foucault, “Theatrum philosophicum”: “é preciso que fale de dois livros que considero grandes entre os maiores: *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*. Tão grandes que sem dúvida é difícil falar deles e muito pouco o fizeram [...]. Uma a seguir à outra gostaria de experimentar várias vias de acesso ao coração desta obra temível. A metáfora de nada vale, disse-me Deleuze: não há coração, não há coração mas um problema, quer-se dizer, uma distribuição de pontos relevantes; nenhum centro mas sempre descentralizações, séries com, de uma a outra, a claudicação de uma presença e uma ausência – de um excesso e de um defeito”. FOUCAULT, M. “Theatrum Philosophicum”. In: *Nietzsche, Freud e Marx & Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio Editora, 1997, p. 45.

⁴⁹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 12-13 [ed. ing., p. 32]. A história que acabamos de narrar é baseada no primeiro capítulo de *Alice*, “Pela toca do coelho”.

a encontramos onde está. Ela é uma exploradora, mas é também o elemento a ser explorado: a chave de Alice permite o acesso aos conceitos centrais da construção, a saber, *devir*, *acontecimento*, *singularidades*. A reconstituição do caminho percorrido por uma menina no livro requer, portanto, um leitor benévolo, sobretudo amante de paradoxos e de enigmas, para seguir pequenos passos e embarcar na aventura do pensamento deleuziano.

Cada entrada da construção divide-se em dois corredores paralelos. *Lógica do sentido* tem direções subdivididas, caminhos duplos, ramificados. É possível entrar por qualquer série ou porta, extrair uma instância paradoxal e persegui-la em outras séries, investigando os problemas que ela coloca e os conceitos que respondem a tais problemas. Com efeito, a estrutura do livro permite que o leitor construa sua própria toca, percorra seu caminho, jogue os dados e siga os pontos brilhantes sobre a superfície. Para isso, Deleuze dispõe de um método próprio ao jogo das séries, inspirado na literatura, ou melhor, em certa literatura moderna. James Joyce, Edgar Allan Poe, Pierre Klossowski – são apenas alguns escritores mencionados pelo filósofo que radicalizaram a arte da superfície, inaugurada por Lewis Carroll. *Sílvia e Bruno*, do autor de *Alice e Através do espelho*, é o primeiro livro que conta duas histórias ao mesmo tempo, que se cruzam em certos pontos: “não uma dentro da outra, mas duas histórias contíguas, com passagens constantemente sendo abertas entre elas, aproveitando um fragmento de frase comum às duas, ou então estrofes de uma canção admirável [...]”.⁵⁰ As portas são abertas com uma chave-mestra muito especial, uma instância paradoxal que se move sem jamais se deter, percorrendo duas séries ao mesmo tempo e fazendo o cruzamento entre elas. É o que ocorre no livro aqui em foco, que dá testemunho de uma inspiração carrolliana presente no estilo serial. “Lewis Carroll é o explorador, o instaurador de um método serial em literatura”.⁵¹ Deleuze extrai do romancista um elemento paradoxal, evanescente, e o insere em sua própria estrutura. Tal elemento chamamos provisoriamente pelo nome: “Alice”.

Para aprender o mapa da construção, remeteremos à noção de “estrutura” em Deleuze, que subjaz às séries de paradoxos em *Lógica do sentido*. Ela é apresentada, em todas as suas nuances, no texto “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”, escrito em 1967, publicado em 1972 e mais tarde inserido na coletânea *A ilha deserta*, organizada por David Lapoujade, de 2002. O autor identifica em alguns filósofos, psicanalistas, escritores, antropólogos, certos critérios que ele reconhece como sendo próximos do “estruturalismo”, distanciando-se das

⁵⁰ CC, p. 32 [ed. fr., p. 35]. Na sétima série de LS, Deleuze insere, entre parêntesis: “(não compreendemos por que os melhores comentadores de Carroll, especialmente os franceses, fazem tantas reservas e críticas a *Sílvia e Bruno*, obra-prima que dá testemunho de técnicas inteiramente renovadas em relação a *Alice* e ao *Espelho*)”. LS, p. 46 [ed. fr., p. 58].

⁵¹ LS, p. 45 [ed. fr., p. 57].

marcas de Saussure, da escola de Moscou e da escola de Praga impressas no movimento. Roman O. Jakobson, Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Michel Foucault, Louis P. Althusser, Roland Barthes são alguns pensadores reunidos no grupo, independentemente da diversidade de trabalhos e projetos por eles desenvolvidos. A questão proposta no título do texto merece, portanto, ser detalhada: em que Deleuze reconhece aqueles que ele chama de “estruturalistas”? Em suas palavras, “como fazem os estruturalistas para reconhecerem uma linguagem em alguma coisa, a linguagem própria a um domínio? Que é que eles encontram nesse domínio?”.⁵² A seguir, iremos analisar alguns critérios apontados no texto, que esclarecem as noções particulares de linguagem e de sentido elaboradas por Deleuze em 1969.

A construção serial, como na *Lógica do sentido*, supõe uma estrutura que anima seus elementos internos. Estes elementos não possuem designação extrínseca, nem significação intrínseca; eles possuem tão-somente um sentido, local ou de posição.⁵³ O sentido não ocupa um local em uma extensão real ou imaginária, mas um espaço inextensivo, pré-extensivo, anterior aos corpos e aos estados de coisas que vêm a ocupá-lo, e também aos papéis e aos acontecimentos que surgem quando ele é ocupado. Trata-se de um local em um espaço propriamente estrutural, isto é, “topológico”.⁵⁴ De acordo com o critério topológico, discernido por Deleuze a partir de Lévi-Strauss, os lugares prevalecem sobre aquilo que os preenche e, conseqüentemente, o sentido é um sentido de posição, um resultado, um “efeito”: “não somente um efeito como produto, mas um efeito de óptica, um efeito de linguagem, um efeito de posição”.⁵⁵ Mais profundamente, subsiste um não-senso do sentido, que o faz valer e o produz circulando na estrutura.⁵⁶ Em Deleuze, sentido não se opõe ao não-senso; ao contrário, eles são inseparáveis. O não-senso tampouco deve ser confundido com o absurdo, ao qual

⁵² ID, p. 222. [Deixaremos as referências do texto “Em que se pode reconhecer o estruturalismo” no francês para a revisão final, antes do envio da dissertação completa para a Biblioteca da UFF. Justificamos esta ausência por conta da dificuldade de leitura no original deste texto específico].

⁵³ ID, p. 225.

⁵⁴ ID, p. 225.

⁵⁵ ID, p. 226. Na décima primeira série de LS, Deleuze faz uma formulação parecida, retomada à luz da descoberta da superfície no estoicismo antigo, que iremos estudar mais adiante: “em suma, o sentido é sempre um *efeito*. Não somente um efeito no sentido causal; mas um efeito no sentido de ‘efeito óptico’, ‘efeito sonoro’, ou melhor, efeito de superfície, efeito de posição, efeito de linguagem”. LS, p. 73 [ed. fr., pp. 87-88]. O tópico intitulado “O sentido como ‘efeito’”, na série “Do não-senso”, é dedicado à importância do estruturalismo em filosofia, com ênfase em suas inspirações carrollianas e estoicas. “O estruturalismo, conscientemente ou não, celebra novos achados de inspiração estoica ou carrolliana”. Optamos por não utilizar explicitamente esta série no corpo do texto, pois o autor insere elementos acerca da linguagem que não podemos ainda dimensionar. Assim, o texto de ID fornece neste ponto os elementos necessários para a compreensão do tema na filosofia deleuziana em geral e em LS em particular, e também para introduzir as bases da formulação do sentido como efeito de superfície incorporal. Cf. LS, pp. 72-76 [ed. fr., pp. 87-91].

⁵⁶ ID, p. 226.

necessariamente falta significação.⁵⁷ “Para o estruturalismo, [...] sempre há demasiado sentido, uma superprodução, uma sobredeterminação do sentido, sempre produzido em excesso pela combinação de locais na estrutura”.⁵⁸ Lewis Carroll é mais uma vez convocado na construção deleuziana de uma noção de estrutura próxima do *nonsense*, o não-senso, e animada por uma trama de paradoxos, radicalmente diferente da filosofia do absurdo. “O estruturalismo nada tem a ver com Camus, porém, muito com Lewis Carroll”.⁵⁹ Este critério topológico se aproxima de uma das teses centrais do livro de 1969: a superfície como o espaço topológico do sentido.

De acordo com os critérios deleuzianos, a primeira condição para a construção de uma estrutura é a produção de duas séries heterogêneas. “Toda estrutura é serial, multisserial, e não funcionaria sem esta condição”.⁶⁰ A forma serial possui pelo menos duas séries, simultaneamente.⁶¹ Ou seja, duas (ou mais) séries heterogêneas já estão contidas na série homogênea. Daí a multisserialidade. Nas matemáticas, por exemplo, uma série é construída na vizinhança de um ponto em função de uma outra série, que por sua vez é construída em torno de outro ponto, convergindo ou divergindo da primeira. “A forma serial é, pois, essencialmente multisserial”.⁶² As duas séries heterogêneas podem ser determinadas de maneiras diversas, mas não arbitrariamente. A lei das duas séries simultâneas é que elas nunca são iguais; uma delas apresenta um excesso de sentido e, a outra, uma falta, ainda que elas troquem de papéis quando são observadas sob um novo ponto de vista. Além disso, a diferença entre as séries, dependendo do autor, pode ser maior ou menor; mas o que importa, no estruturalismo de Deleuze, é quando as diferenças são primeiras relativamente às semelhanças, quando “duas histórias completamente distintas se desenvolvem simultaneamente, quando as personagens têm uma identidade vacilante e maldeterminada”.⁶³ Assim procedem os escritores que criam técnicas seriais de um “formalismo exemplar”: Klossowski, Joyce, Poe, Carroll...⁶⁴ Com efeito, o método serial, composto por duas séries simultâneas, na qual uma apresenta excesso sobre a outra, remete a diversas dualidades percorridas nas séries de *Lógica do sentido*, sendo constantemente retomadas a partir de novos pontos de vista.

⁵⁷ Na quinta série de LS, Deleuze explicita esta perspectiva, a partir de Alexius Meinong: “elas [a proposição] são sem significação, isto é, absurdas”. LS, p. 38 [ed. fr., p. 49].

⁵⁸ ID, p. 226.

⁵⁹ ID, p. 226. A esse respeito, Deleuze é enfático, na décima primeira série de LS: “Lewis Carroll sim, Camus não”. O escritor Albert Camus escreveu três textos vinculados à “filosofia do absurdo”: o romance *O estrangeiro*, o ensaio *O mito de Sísifo* e a peça *Calígula*. Com esta afirmação, Deleuze afasta o estruturalismo do absurdo e o aproxima do não-senso, este distinto do absurdo e intrínseco ao sentido. Cf. LS, p. 74 [ed. fr., p. 88].

⁶⁰ ID, p. 235.

⁶¹ LS, p. 39 [ed. fr., p. 50].

⁶² LS, p. 39 [ed. fr., p. 50].

⁶³ LS, p. 41 [ed. fr., p. 54].

⁶⁴ LS, pp. XV e 41 [ed. fr., pp. 07 e 54].

A respeito do critério serial, Deleuze sistematiza a relação e a distribuição das séries em uma estrutura de acordo com três caracteres, apresentados na sexta série de paradoxos, chamada “Sobre a colocação em séries”: 1. Os termos de cada série encontram-se em perpétuo deslocamento relativo diante dos termos da outra série. Este deslocamento relativo é a condição para que cada série desdobre-se na outra, constituindo-se neste desdobramento e relacionando-se à outra por esta variação primária. 2. O desequilíbrio é orientado, isto é, uma das duas séries apresenta um excesso de sentido sobre outra. 3. O deslocamento relativo e o excesso de uma série sobre a outra é assegurado por uma instância paradoxal, irreduzível aos termos das séries e à relação entre estes termos. Tais são os três caracteres da distribuição serial em uma estrutura.

A segunda condição de uma estrutura em geral, apontada por Deleuze em *A ilha deserta*, são as singularidades. Cada série é constituída por termos que não existem, apenas nas relações que mantêm uns com os outros, e aos valores destas relações correspondem singularidades designáveis na estrutura. Uma estrutura comporta necessariamente duas distribuições de pontos singulares correspondendo às séries de base. Há toda uma história que lhe é interior: “por exemplo, se as séries comportam ‘personagens’, uma história reúne todos os pontos singulares que correspondem às posições relativas dos personagens entre eles nas duas séries”.⁶⁵ Assim, a organização das séries em uma estrutura supõe uma encenação ou colocação em cena (*mise en scène*), ou melhor, uma colocação em séries (*mise en séries*).⁶⁶ Com efeito, as singularidades podem ser compreendidas como os papéis desempenhados por personagens em uma história dentro de uma estrutura multisserial.

Não por acaso, o estruturalismo, segundo Deleuze, tem interesse por certos espaços de jogos: as cartas de jogos em Lévi-Strauss, o coringa do baralho, o “morto” do bridge, a combinatória de lugares no xadrez em Lacan, o teatro de locais e de posições nos comentários de Althusser.⁶⁷ Lewis Carroll é também apaixonado por jogos, que figuram em vários de seus escritos, tal como no encontro entre a pequena heroína e as cartas de baralho em *Alice*, além de a própria personagem transformar-se em uma peça do jogo de xadrez, em *Através do espelho*.⁶⁸ “A noção capital de singularidade, tomada ao pé da letra, parece pertencer a todos os domínios em que há estrutura. A fórmula geral ‘pensar é jogar os dados’ remete às singularidades representadas pelos pontos brilhantes sobre os dados”.⁶⁹ Cada lance de dados reparte

⁶⁵ LS, p. 53 [ed. fr., p. 65].

⁶⁶ Título, no francês, da sexta série de paradoxos de LS: “*Sur la mise en séries*”.

⁶⁷ ID, p. 227.

⁶⁸ Os jogos inventados por Lewis Carroll e a transformação que ele faz das regras de jogos conhecidos são tematizados na décima série de LS, intitulada “Do jogo ideal”.

⁶⁹ ID, p. 228.

singularidades que percorrem uma estrutura multisserial, em que se encenam múltiplos personagens. “Em suma, o próprio manifesto do estruturalismo deve ser procurado na fórmula célebre, eminentemente poética e teatral: ‘pensar é jogar os dados’”.⁷⁰

Nesse sentido, cada lance de dados é singular, as regras são criadas a cada lançar. Não há regras categóricas preexistentes, imperativas e morais, pois elas se criam na medida em que se avança na estrutura. “Não há absolutamente regra geral; tocamos aqui num ponto em que o estruturalismo implica ora uma verdadeira criação, ora uma iniciativa e uma descoberta que não deixam de apresentar riscos”.⁷¹ Com isso, verifica-se a dimensão ética do estruturalismo, que implica uma experimentação estilística, uma criação.⁷² “Que caiba a uma nova estrutura não recomeçar aventuras análogas às da antiga, impedir o renascimento de contradições mortais, isso depende da força resistente e criadora desse herói” – escreve Deleuze – “de sua agilidade em seguir e salvaguardar os deslocamentos, de seu poder de fazer com que as relações variem e de redistribuir as singularidades, sempre jogando ainda os dados”.⁷³ O herói de uma estrutura varia e se metamorfoseia conforme as relações tecidas ao longo de suas aventuras, criando suas próprias regras e se arriscando cada vez que lança os dados.

No entanto, a noção de singularidade, no pensamento estruturalista deleuziano, não quer dizer a negação do sujeito, mas seu esquarteramento e distribuição sistemática. Trata-se da contestação de sua identidade pessoal, a dissipação do “eu”, que o faz saltar de um lugar a outro, “sujeito sempre nômade, feito de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais”.⁷⁴ Nesse sentido, o herói do estruturalismo não é nem Deus nem homem, nem pessoal nem universal: “ele é sem identidade, feito de individuações não pessoais e de singularidades pré-individuais”.⁷⁵ Tal é o papel de Alice, a personagem do puro devir em *Lógica do sentido*: ela usa máscaras, ocupa papéis locais, perde o nome próprio e a identidade. Alice entra na toca do coelho, joga os dados e se arrisca, “até o fim”.

Finalmente, a terceira condição da estrutura envolve um objeto ou elemento paradoxal que corre em séries paralelas. “Um tal objeto sempre está presente nas séries correspondentes, ele as percorre e se move nelas, e não cessa de circular nelas, e de uma à outra, com uma

⁷⁰ ID, p. 227. Esta fórmula, em Deleuze, é de inspiração nietzschiana. Suas implicações na dimensão ética de LS serão apontadas no item “Ferida”.

⁷¹ ID, p. 228.

⁷² Em verdade, a dimensão ética de LS percorre todos os escritos de Deleuze, ainda que não figure explicitamente, conforme a reconstituição feita por Mariana de Toledo Barbosa, na tese de doutorado *A ética em Deleuze: um corpo que avalia e experimenta*. A comentadora procura mostrar que a concepção de ética deleuziana possui uma dupla face, que se reflete como os dois lados de um espelho: a avaliação nietzschiana e a experimentação espinosista.

⁷³ ID, p. 246.

⁷⁴ ID, p. 246.

⁷⁵ ID, p. 244.

agilidade extraordinária”.⁷⁶ Estranho objeto, cuja natureza é precisada por Lacan: “ele está sempre deslocado em relação a si mesmo”.⁷⁷ A esse respeito, Deleuze elabora a seguinte fórmula paradoxal: ele nunca está onde o procuramos e, em contrapartida, nunca o encontramos onde está.⁷⁸ Ele tanto “falta em seu lugar” como “falta à sua própria imagem”, não sendo assim nem designação de imagem nem significação de conceito.⁷⁹ Tal é o “paradoxo de Lacan”, que, como observara o filósofo, fornece testemunho de inspirações carrollianas em seus escritos. “Como em um jogo, assiste-se à combinação da casa vazia e do deslocamento perpétuo de uma peça”.⁸⁰ É como no episódio da loja da ovelha, em *Através do espelho*, mencionado na *Lógica do sentido*: “mas o mais estranho de tudo era que, cada vez que fixava os olhos para distinguir o que havia nela, essa prateleira específica estava sempre completamente vazia, embora as outras em torno estivessem completamente abarrotadas”.⁸¹ De acordo com esta leitura, a passagem do romance expõe o complemento entre a “prateleira vazia” e a “coisa brilhante que se acha sempre acima”, entre o “lugar sem ocupante” e o “ocupante sem lugar”.⁸² (“As coisas aqui são tão fugidias!’ comentou por fim num tom queixoso, depois de ter passado cerca de um minuto perseguindo em vão uma coisa grande e lustrosa, que às vezes parecia uma boneca e outras vezes uma caixa de costura, e sempre estava na prateleira acima da que estava olhando”).⁸³ A terceira condição da estrutura é portanto a insistência de uma instância paradoxal.

Na oitava série de paradoxos (“Da estrutura”), Deleuze propõe as três condições mínimas de uma estrutura em geral, detalhadas neste tópico e que iremos listar a abaixo. 1. A estrutura é multisseriada, isto é, são necessárias, pelo menos, duas séries heterogêneas. A primeira

⁷⁶ ID, pp. 237-238. Deleuze explica o elemento paradoxal apresentando a leitura que Lacan faz do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, publicado em 1844. O caso é mencionado tanto na sexta série de paradoxos como no texto de *A ilha deserta*. De acordo com o filósofo, o psicanalista mostra como a estrutura do conto de Poe coloca em cena duas séries, cada uma com lugares ocupados por sujeitos variáveis. Na primeira série, o rei que não vê a carta comprometedor da esposa; a rainha que se alegra por tê-la ocultado deixando-a em evidência; o ministro que vê tudo e que rouba a carta. Na segunda série, a polícia que não vê a carta na casa do ministro; o ministro que se alegra por tê-la ocultado deixando-a em evidência; o detetive Dupin, que vê tudo e que recupera a carta. O conto encontra-se em: POE, E. A. “A carta roubada”. In: *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 48-68.

⁷⁷ ID, pp. 239.

⁷⁸ Deleuze faz duas elaborações a respeito da instância paradoxal. Em *A ilha deserta* (ID), aparece o seguinte: “[ela] tem por propriedade não estar onde é procurado, mas, em contrapartida, ser encontrado onde não está”. Na sexta série, o autor escreve: “da instância paradoxal é preciso dizer que nunca está onde a procuramos e, inversamente, que nunca a encontramos onde está”. ID, pp. 239.

⁷⁹ LS, p. 43 [ed. fr., p. 55].

⁸⁰ LS, p. 44 [ed. fr., p. 56].

⁸¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 167 [ed. ing., p. 253].

⁸² LS, p. 44 [ed. fr., p. 56].

⁸³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 167 [ed. ing., p. 253].

função da estrutura é articular as duas séries uma à outra, refleti-las em uma “história embrulhada”, como no trecho de Lewis Carroll.⁸⁴ 2. Cada uma destas séries é constituída por termos que existem a partir das relações que mantêm uns com os outros. Aos valores destas relações, correspondem singularidades designáveis na estrutura, que comporta por sua vez duas distribuições de pontos singulares correspondendo a séries de base. Há toda uma história interior à estrutura: por exemplo, se as séries comportam “personagens”, uma história reúne os pontos singulares que correspondem às posições relativas dos personagens entre eles nas duas séries. A segunda função da estrutura é, portanto, a redistribuição de pontos singulares. 3. As duas séries heterogêneas convergem para um elemento paradoxal. “O elemento paradoxal é o princípio de emissão de singularidades”.⁸⁵ Ele não pertence a nenhuma série, ou antes, pertence a ambas ao mesmo tempo e não para de circular através delas. “Ele tem também como propriedade o fato de estar sempre deslocado com relação a si mesmo, de ‘estar fora de seu próprio lugar’, de sua própria identidade, de sua própria semelhança, de seu próprio equilíbrio”.⁸⁶ Tal elemento aparece em uma série como um excesso, um lugar sem ocupante, sempre em deslocamento (“casa vazia”); mas com a condição de aparecer ao mesmo tempo na outra como uma falta, ocupante sem lugar, sempre deslocado. Nesse sentido, a terceira função da estrutura é identificar a série em que o sentido aparece como excesso e aquela em que ele aparece como falta e, sobretudo, assegurar a doação de sentido em ambas as séries. “Concluimos que não há estrutura sem séries, sem relações entre termos de cada série, sem pontos singulares correspondendo a estas relações; mas, sobretudo, não há estrutura sem casa vazia, que faz tudo funcionar”⁸⁷ – conclui a oitava série de *Lógica do sentido*.

O estruturalismo deleuziano desloca fronteiras. Em *Lógica do sentido*, Deleuze confere um lugar privilegiado a Lewis Carroll e aos Estoicos na composição serial de uma teoria do sentido como efeito de superfície. Nesse livro, produzir sentido é criar superfícies. “É, pois, agradável que hoje ressoe uma boa nova: o sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. Ele não é algo a ser descoberto, restaurado ou reempregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinarias”.⁸⁸ Assim, o filósofo se distancia de certa noção de sentido que o

⁸⁴ “Esta história é formada por *nós* quem envolvem as singularidades correspondendo cada vez a um problema; personagens encarnam estas singularidades e se deslocam e se redistribuem de um problema a outro, sujeitos a se reencontrar no décimo nó, tomados na rede de suas relações de parentesco”. LS, p. 58 [ed. fr., p. 70].

⁸⁵ LS, p. 53 [ed. fr., p. 66].

⁸⁶ LS, p. 53 [ed. fr., p. 66].

⁸⁷ LS, p. 54 [ed. fr., p. 66].

⁸⁸ LS, p. 75 [ed. fr., p. 90]. A tradução foi modificada. Trocamos a palavra “maquinações” por “maquinarias”, pois trata-se de um importante conceito posteriormente desenvolvido por Deleuze & Guattari, em *O Anti-Édipo*: “*Il est donc agréable que résonne aujourd’hui la bonne nouvelle: le sens n’est jamais principe ou origine, il est produit. Il n’est pas à découvrir, à restaurer ni à re-employer, il est produire par des nouvelles machineries*”. (Grifo nosso).

instala na altura das Ideias, ou na profundidade do homem e seu abismo; ele não é mais inalcançável, um segredo, a ser descoberto, desvelado, desmascarado. “Não pertence a nenhuma altura, não está em nenhuma profundidade, mas é efeito de superfície, inseparável da superfície como de sua dimensão própria”.⁸⁹ Daí algumas questões que nos atravessam: como conquistar a superfície de modo a produzir sentido? Como fazer falarem as meninas e fazer ver a sua filosofia? “Fazer circular a casa vazia e fazer falar as singularidades, em suma, produzir sentido, é a tarefa de hoje”.⁹⁰ Eis o que buscaremos investigar, perseguindo as profundezas do pensamento de uma menina, na construção serial deleuziana.

Caindo, caindo, caindo... Quando o filósofo entra pela toca do coelho, isto é, no pensamento de uma menina, ele passa a explorar novos eixos e dimensões, uma nova geografia. (“Vamos tentar **Geografia**. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está tudo errado, eu sei!”).⁹¹ O objetivo principal deste tópico é a investigação das coordenadas do pensamento de um filósofo tornando-se menina. Para isso, iremos apresentar a geografia do pensamento deleuziana, introduzindo o combate entre a profundidade e a altura, dimensões que atravessam a primeira metade de *Alice* e que fornecem as coordenadas do devir-menina do filósofo. É preciso, deste ponto em diante, seguir Brejeirinha: “– ‘*Eu hoje estou com a cabeça muito quente...*’ – isto, por não querer estudar. Então, adjunta: – ‘*Eu vou saber geografia*’”.⁹²

Tudo se passa, na primeira metade de *Alice*, na profundidade da terra, onde a heroína encontra os animais profundos, tal como O Camundongo (“*Ó Camundongo!*”) e a Tartaruga Falsa, chorando copiosamente; mas também os animais do alto ou que são aspirados para cima, como o Gato de Cheshire, sentado no galho de uma árvore. No País das Maravilhas, aos poucos, os movimentos de afundamento tornam-se movimentos laterais de deslizamento, e os animais das profundezas, muito nobres, transformam-se em figuras de cartas sem espessura, sem a menor importância. Através do espelho, Alice aterrissa sobre a superfície do tabuleiro de xadrez, como peça do jogo, no empreendimento de tornar-se Rainha.⁹³ “Não se afunda mais em

⁸⁹ LS, p. 75 [ed. fr., p. 90].

⁹⁰ LS, p. 76 [ed. fr., p. 91].

⁹¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 18 [ed. ing., p. 38].

⁹² ROSA, G. “Partida do audaz navegante”. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 171.

⁹³ Os detalhes do resumo comparado de *Alice e Através do Espelho*, realizado por Deleuze, encontram-se na trigésima terceira série de LS, “Das aventuras de Alice”. Cf. LS, pp. 241-245 [ed. fr., pp. 273-278]. Neste trabalho, deixamos de lado tal sistematização, pois a argumentação deleuziana tem como foco o eixo psicanalítico do livro, que não iremos explorar aqui, por dois motivos principais: em primeiro lugar, pelo recorte optado, em que se privilegia os eixos da literatura e da filosofia antiga, com base na investigação do devir que perpassa Alice e os Estoicos; em segundo lugar, pela extensão de uma pesquisa de mestrado, uma vez que a análise das séries orientadas pela psicanálise demandariam um novo esforço investigativo. No lugar da trigésima terceira série,

profundidade, mas, à força de deslizar, passa-se para o outro lado, fazendo como o canhoto e invertendo o direito e o avesso”.⁹⁴ De acordo com Deleuze, no texto “Lewis Carroll” publicado em *Crítica e clínica*, de 1993, não é mais possível manter o título do manuscrito com que o romancista inglês presenteara a pequena Alice Liddell como presente de Natal em 1864: *As aventuras subterrâneas de Alice*. “É que progressivamente Alice conquista as superfícies”.⁹⁵ Alice, a filósofa-Rainha?

“Seria melhor perguntar-se por que tive tanta necessidade de Lewis Carroll e de seus três grandes livros, *Alice, Através do espelho, Sílvia e Bruno*”⁹⁶ – sugere Deleuze, na nota à edição italiana de *Lógica do sentido*. “Ele tem o dom de se renovar segundo dimensões espaciais, eixos topológicos”.⁹⁷ Em seguida, o filósofo francês passa a sistematizar três imagens de filósofos antigos segundo as coordenadas dos clássicos carrollianos: a profundidade dos pré-socráticos, instalados em cavernas pré-históricas; a altura do platonismo, em direção às nuvens; a arte das superfícies inaugurada pelo estoicismo antigo. Tais imagens são tematizadas na décima oitava série do livro, intitulada “Das três imagens de filósofos”, que coloca de início a pergunta: “quando perguntamos ‘que é orientar-se no pensamento?’, aparece que o pensamento pressupõe ele próprio eixos e orientações segundo as quais se desenvolve, que tem uma geografia antes de ter uma história, que traça dimensões antes de construir sistemas”.⁹⁸ Em Deleuze, há uma geografia do pensamento que se opõe a certa concepção de história da filosofia, linear e progressiva. Em seu método geográfico, o filósofo se aproxima e se afasta de pensamentos, distribuindo-os sobre a superfície de um mapa, ligando pontos em uma constelação de problemas, ainda que estejam distanciados historicamente. “É um explorador, um experimentador”⁹⁹ – escreve Deleuze acerca de Carroll, e, mais profundamente, de suas próprias experimentações, estilística e topológica.

Em *Lógica do sentido*, as dimensões espaciais da altura, da profundidade e da superfície são coordenadas do pensamento. Em Deleuze, portanto, o pensamento se orienta segundo certos eixos e dimensões. Tais coordenadas guiam a “imagem do pensamento” de cada filósofo. Na

recorremos às sistematizações efetuadas pelo autor no final da segunda série de LS, na nota à edição italiana de LS em DRF e no texto “Lewis Carroll” em CC, que privilegiam uma leitura topológica dos clássicos carrollianos, em sintonia com a análise da geografia do pensamento em Deleuze, elaborada em LS, sobretudo na décima oitava série. Cf. LS, pp. 10-12 [ed. fr., pp. 19-21]; DRF, pp. 66-69 [ed. fr., pp. 58-51]; CC, pp. 34-35 [ed. fr., p. 34-35]; LS, pp. 131-136 [ed. fr., pp. 152-158].

⁹⁴ CC, p. 34 [ed. fr., p. 34].

⁹⁵ CC, p. 34 [ed. fr., p. 34].

⁹⁶ DRF, p. 66 [ed. fr., p. 58]. A tradução foi modificada. Trocamos “*O Espelho*” por “*Através do espelho*”, a fim de manter a coerência terminológica.

⁹⁷ DRF, p. 66 [ed. fr., p. 58].

⁹⁸ LS, p. 152 [ed. fr. p. 131].

⁹⁹ DRF, p. 66 [ed. fr., p. 58].

entrevista “Sobre a filosofia”, publicada em 1988 na *Magazine Littéraire* e, em 1990, no livro *Conversações*, o filósofo define a noção: “por imagem do pensamento não entendo método, mas algo mais profundo, sempre pressuposto, um sistema de coordenadas, dinamismos, orientações: o que significa pensar, e ‘orientar-se no pensamento’”.¹⁰⁰ Nesse sentido, cada filósofo possui uma imagem do pensamento que inspira e guia a criação de conceitos. “A imagem do pensamento é como que o pressuposto da filosofia, precede esta; desta vez não se trata de uma compreensão não filosófica, mas sim de uma compreensão pré-filosófica”.¹⁰¹

Os conceitos precisam ser criados; eles não estão prontos, no céu, como as estrelas, a serem descobertos e contemplados. “A filosofia tem uma função que permanece perfeitamente atual, criar conceitos”¹⁰² – continua Deleuze, em *Conversações*. A tarefa da filosofia é criar novos conceitos a partir de certas coordenadas do pensamento, a fim de responder a problemas locais, que se modificam conforme o problema é colocado. Com efeito, a imagem do pensamento implica uma geografia, uma topologia, eixos e dimensões espaciais. “Pelos seus desenvolvimentos, bifurcações e mutações, uma imagem secreta do pensamento inspira a necessidade constante de criar novos conceitos, não em função de um determinismo externo, mas em função de um devir que arrasta os próprios problemas”.¹⁰³ Tal é o primeiro sentido de imagem do pensamento, que aparece em *Lógica do sentido*.

Em Deleuze, há ainda outro sentido de imagem do pensamento. O problema denunciado em vários de seus escritos não é exatamente o da imagem do pensamento, visto que cada filósofo possui uma particular (inclusive o próprio Deleuze). No terceiro capítulo de *Diferença e repetição*, o autor critica outro sentido do tema, a imagem moral e dogmática do pensamento, com seus pressupostos ocidentais implícitos em filosofia. Nesse livro, a imagem moral e dogmática contrapõe-se ao pensamento sem imagem, subtraindo-se os oito postulados sistematizados pelo autor.¹⁰⁴ Porém, tal imagem nem sempre se verifica nos filósofos. Em *Lógica do sentido*, que é o eixo aqui explorado, os filósofos possuem uma imagem do pensamento, mas não é necessariamente moral e dogmática, como a do platonismo. “Ora, será que nós temos do pensamento a mesma imagem que teve Platão ou mesmo Descartes ou Kant? Será que a imagem não se transforma segundo coerções imperiosas, que sem dúvida exprimem determinismos externos, porém mais ainda um devir do pensamento?”.¹⁰⁵ Diante destes dois

¹⁰⁰ P, p. 189 [ed. fr., p. 202].

¹⁰¹ P, pp. 189-190 [ed. fr., p. 203].

¹⁰² P, p. 174 [ed. fr., p. 186].

¹⁰³ P, p. 191 [ed. fr., p. 205].

¹⁰⁴ Cf. DR, pp. 179-228 [ed. fr., pp. 169-217].

¹⁰⁵ P, p. 190 [ed. fr., 203].

tratamentos da imagem do pensamento, a saída é perguntar que problema está sendo colocado. Que coordenadas interessam? Ou então, que imagem interessa? Assim, a imagem do pensamento que nos interessa é a de uma menina-filósofa. Que conceitos inspiram e guiam sua vida, sua maneira de pensar e de viver?

Na décima oitava série da *Lógica do sentido*, Deleuze distribui sobre um mapa geográfico três imagens de filósofo, o platonismo, o pré-socratismo e o estoicismo, segundo os eixos da altura, da profundidade e da superfície. A primeira imagem, anunciada no texto, é aquela marcada pelo platonismo: “um ser das ascensões que sai da caverna eleva-se e se purifica na medida em que mais se eleva”.¹⁰⁶ De acordo com esta imagem, tanto a popular do filósofo nas nuvens como a científica das Ideias em um céu inteligível, tudo se passa em altitude. A operação do filósofo é definida como ascensão e conversão, uma vez que se volta para o princípio das Ideias nas alturas, a partir do qual ele se determina, se preenche e se conhece. “A altura é o Oriente propriamente platônico”.¹⁰⁷ Tal orientação estabelece um laço estreito entre a moral e a filosofia, na medida em que instaura a Ideia de Bem como fundamento para a vida e para o pensamento.

A segunda imagem de filósofos inaugura um novo tipo de anedotas, uma nova dimensão. Contrapondo-se à aspiração platônica de ascender em direção às nuvens, irrompe a imagem do pensador que não sai da caverna; ele estima, ao contrário, que não estamos suficientemente engajados nela, engolidos por ela. “Os pré-socráticos instalaram o pensamento nas cavernas, a vida na profundidade”.¹⁰⁸ Contraste radical entre a ascese platônica e a subversão pré-socrática.¹⁰⁹ Tal como na anedota de Empédocles, em que, num dilúvio de água e fogo, o vulcão cospe de volta a sua sandália de chumbo, provando que ele era da terra, e que a ela pertence, autóctone. Nessa leitura, Nietzsche parece reencontrar, nas profundezas dos pré-socráticos, a “verdadeira” orientação da filosofia: “a descoberta pré-socrática a retomar em uma filosofia do futuro, com todas as forças de uma vida que é também um pensamento ou de uma linguagem que é também um corpo”.¹¹⁰ O autor cita, então, a seguinte passagem de *Além do bem e do mal* (parágrafo 289): “uma caverna ainda mais profunda por trás de cada caverna – um mundo mais amplo, mais rico, mais estranho além da superfície, um abismo por trás de cada

¹⁰⁶ LS, p. 131 [ed. fr., p. 152].

¹⁰⁷ LS, p. 131 [ed. fr., p. 152].

¹⁰⁸ LS, p. 132 [ed. fr., p. 159].

¹⁰⁹ Utilizaremos o verbo “reversão” em referência à fórmula “reversão do platonismo” (no francês, “*renverser le platonisme*”) e “subversão” em referência à “subversão dos pré-socráticos” (no francês, “*la subversion présocratique*”). O sentido do verbo “reversão”, neste trabalho, não quer dizer voltar a um estado primeiro, mas fazer o platonismo girar em seu próprio eixo, torcê-lo ao avesso. Todas as traduções serão modificadas a fim de nos atermos a esta terminologia.

¹¹⁰ LS, p. 132 [ed. fr., p. 159].

chão, cada razão, por baixo de toda ‘fundamentação’”.¹¹¹ Nas cavernas superpostas nietzschianas, não há nem chão nem razão, nenhuma fundamentação, em contraposição radical à ascese platônica em direção às nuvens.

A exploração da profundidade, na perspectiva de Deleuze acerca de Nietzsche, emerge com o questionamento da Ideia de Bem para além dos corpos sensíveis. Tal reorientação coloca um problema fundamental para a história da filosofia: “não é segundo outras dimensões que o ato de pensar se engendra no pensamento e que o pensador se engendra na vida?”¹¹² – Deleuze pergunta, na voz de Nietzsche. Segundo o autor, o filósofo alemão inventa um método, contra toda biografia e bibliografia, em que não é mais possível distinguir “anedota da vida” e “aforismo do pensamento”.¹¹³ Nas anedotas pré-socráticas, por exemplo, o que ele recusa de Teseu é o fio, o método ou o caminho determinado:¹¹⁴ “que nos importa vosso caminho que sobe, vosso fio que leva fora, que leva à felicidade e à virtude... Quereis nos salvar com a ajuda deste fio? E nós, nós vos pedimos encarecidamente: enforcai-vos neste fio!”¹¹⁵ – Deleuze cita Nietzsche. “Há aí dimensões, horas e lugares, zonas glaciais ou tórridas, nunca moderadas, toda uma geografia exótica que caracteriza um modo de pensar, mas também um estilo de vida”.¹¹⁶ Incentiva-se assim a exploração de novas zonas de pensamento, tropicais e não temperadas, nunca antes exploradas: “o alto dos cumes e a caverna, o labirinto; meia-noite-meio-dia; o elemento aéreo, alciónico, e também o elemento rarefeito do que é subterrâneo. Cabe a nós irmos a lugares mais extremos, em horas extremas, nas quais vivem e se elevam as verdades mais altas, mais profundas”¹¹⁷ – escreve, em *Nietzsche e a filosofia*. Ora, Alice não cai nas profundezas com um fio, a exploração acontece *sem* o fio: quando ela desce pela toca do coelho, não tem garantia nenhuma de que irá sair.

Convém mencionar, nesta exploração das profundezas, uma nota de rodapé na décima oitava série de *Lógica do sentido*, na qual Deleuze faz uma ressalva a respeito da suposta

¹¹¹ LS, pp. 132 e 268 [ed. fr., pp. 153-154 e 304]. Cf. NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal* (aforismo 289). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹¹² LS, p. 131 [ed. fr., p. 152].

¹¹³ LS, p. 131 [ed. fr., p. 152].

¹¹⁴ Em *Nietzsche e a filosofia* (Nph), Deleuze escreve: “o método em geral é um meio para nos impedir de ir a tal lugar ou para garantir a possibilidade de sairmos dele (o fio do labirinto)”. Nph, p. 142 [ed. fr., p. 171].

¹¹⁵ LS, p. 132 [ed. fr., p. 153]. Cf. CC, p. 117 [ed. fr., p. 129].

¹¹⁶ LS, p. 132 [ed. fr., p. 153].

¹¹⁷ Nph, p. 142 [ed. fr., p. 172]. Segue uma passagem instigante do romance *Trópico de Capricórnio*, de Henry Miller, que dialoga diretamente com o tema: “por que as pessoas vivem em climas nas zonas *temperadas*, como são equivocadamente chamadas? Porque são naturalmente idiotas, naturalmente preguiçosas, naturalmente covardes. Até cerca de dez anos de idade, jamais compreendi que havia países ‘quentes’, lugares onde não se tinha de ganhar a vida com o suor, nem tremer de frio e fingir que isso era tóxico e excitante. Onde quer que haja frio, há pessoas que ralam até reduzir-se a ossos, e enquanto produzem filhos rezam para eles o evangelho do trabalho – que não passa, no fundo, da doutrina da inércia”. MILLER, H. *Trópico de Capricórnio*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2017, pp. 06-07.

“verticalidade” nietzschiana: ela não equivale, de modo algum, ao movimento de altura e ascensão do platonismo. Trata-se, antes e preferencialmente, de profundidade e descida: “a ave de rapina não sobe, salvo acidentalmente: ela sobrevoa e ‘mergulha’”.¹¹⁸ A profundidade contra a altura diz respeito à impossibilidade de um ponto de partida, de um fundamento, de um princípio para o conhecimento. A águia de Platão sobe, em direção ao conhecimento verdadeiro nas alturas, mas a ave de rapina de Nietzsche mergulha, denunciando a Ideia de Bem em um céu inteligível. Diante do abismo, a altura torna-se uma “mistificação”, e as Ideias, “efeitos”: “a altura não consegue enganar o olho das profundidades e se desfaz sob seu olhar”.¹¹⁹ Em suma, o encontro com a profundidade em Nietzsche cumpriria a seguinte função: denunciar o ideal de ascensão moral, que funda os modos de ser e de viver.

O que pretende semelhante descida? De acordo com Deleuze, Nietzsche encontra a profundidade, mas apenas tendo conquistado a superfície. Entretanto, ele não se instala na superfície; ela é antes avaliada a partir do olho das profundidades.¹²⁰ “Nietzsche se interessa pouco sobre o que se passa depois de Platão, estimando que é necessariamente a sequência de uma longa decadência”.¹²¹ A passagem reconhece que o filósofo alemão não possui aliados em sua tarefa de reversão do platonismo. Na sequência, notamos uma ressalva: “no entanto, conforme ao método mesmo, o autor tem a impressão de que se levanta uma terceira imagem de filósofos”.¹²² É assim que convocam-se aliados para Nietzsche.¹²³

Eis que surge, em *Lógica do sentido*, uma nova dimensão do pensamento, com os Megáricos, os Cínicos e os Estoicos. Segundo o autor, é a eles que Nietzsche se refere nesta

¹¹⁸ LS, p. 133 [ed. fr., p. 172].

¹¹⁹ LS, p. 133 [ed. fr., p. 154]. Em Nph, o autor esclarece que a mistificação propriamente filosófica é a imagem dogmática do pensamento. A tarefa da filosofia como crítica é a desmistificação, ou seja, a subtração da imagem moral e dogmática do pensamento. Nph, p. 137 [ed. fr., p.165].

¹²⁰ Segue a passagem, no francês: “*cette retrouvaille de la profondeur, Nietzsche ne l'avait faite qu'en conquérant les surfaces. Mais il ne reste pas à la surface; celle-ci lui paraît plutôt ce qui doit être jugé du point de vue renouvelé de l'œil des profondeurs*”. Nesta passagem, o sentido do verbo “julgar” nos parece mais próximo da avaliação nietzschiana, renovada na leitura de Deleuze. Em breves palavras, o julgamento é uma instância moral, que se pretende superior à vida e autoriza a julgá-la; avaliação, por sua vez, possui um alcance ético, de afirmação da vida e criação de novos valores. De modo geral, na leitura de Deleuze, faz-se necessário observar o sentido de um conceito no contexto apresentado, e como ele muda diante de um novo problema. LS, p. 133 [ed. fr., p. 154].

¹²¹ LS, p. 133 [ed. br., p. 154].

¹²² LS, p. 133 [ed. fr., p. 154].

¹²³ Na leitura de Roberto Machado, na introdução do livro *Deleuze, a arte e a filosofia* (“A geografia do pensamento”), Deleuze tende a convocar, por toda parte, aliados para Nietzsche: “[...] Partindo de Nietzsche como critério de avaliação, o estilo filosófico deleuziano consiste em lhe encontrar aliados em graus diferentes, estabelecendo conexões entre conceitos de filósofos que merecem figurar, com mais ou menos pertinência, no espaço de uma filosofia da diferença”. MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 37. A perspectiva de Machado se aproxima do foco optado neste trabalho, na medida em que toma como um dos eixos a reversão do platonismo, fórmula inspirada em Nietzsche; convém ressaltar, porém, que LS pode igualmente ser lido como um livro que busca aliados para Espinosa, por exemplo, caso seja estudado na chave do problema da expressão, isto é, do sentido, que deixamos de lado nesta pesquisa.

passagem, no epílogo a *Nietzsche contra Wagner*: “de tanto serem superficiais, como esses gregos eram profundos!”.¹²⁴ Não é mais possível estabelecer uma dicotomia entre profundidade e superfície, desvalorizando-se o segundo termo em favor do primeiro, isto é, a aparência em detrimento de uma suposta essência, escondida por trás da cortina, do véu, da máscara. Atrás da cortina, não há nada, a não ser misturas corporais inomináveis. Acima do tapete, tampouco se vê alguma coisa, “salvo o céu vazio”.¹²⁵ Com os Estoicos, enrolados na cortina, no tapete, no casaco, a superfície ganha um novo valor, já não oposta à profundidade – em termos nietzschianos, “transmutação”. O filósofo não é mais o ser das cavernas, nem a alma ou o pássaro de Platão, mas o animal chato das superfícies: o carrapato,¹²⁶ o piolho. “O símbolo filosófico não é mais a águia de Platão, nem a sandália de chumbo de Empédocles, mas o manto duplo de Antístenes e de Diógenes”.¹²⁷ No estoicismo, a profundidade e a altura são substituídas pelo duplo sentido da superfície. Tal dimensão será detalhada quando subirmos progressivamente à superfície.

Lógica do sentido traça portanto um paralelo entre a trilogia carrolliana – *Alice, Através do espelho, Sílvia e Bruno* – e as três imagens de filósofos – o platonismo, o pré-socratismo e o estoicismo – segundo três eixos: a altura, a profundidade e a superfície. Na nota à edição italiana, Deleuze vai ainda mais longe, depois desta sistematização, orientando algumas de suas próprias obras de acordo com a topologia inspirada em Lewis Carroll e aplicada à filosofia antiga. Com efeito, o livro *Diferença e repetição*, originalmente escrito como tese de doutorado e publicado em 1968, seria ainda marcado por uma profundidade arcaica, com seus fundos obscuros e cavernas dionisíacas. Com os Estoicos, em 1969, abre-se uma nova perspectiva, uma nova dimensão: o filósofo aprende a arte das superfícies. E pergunta, ainda, na nota à edição italiana: “haveria outras direções para o porvir? Todos avançamos ou recuamos, hesitamos dentre todas essas direções, construímos nossa topologia, carta celeste, toca subterrânea, agrimensura de planos e de superfície, outras coisas mais”.¹²⁸ Que outras filosofias, outras *Sofias*, porvir? Por ora, exploramos ainda as profundezas, com Alice e Nietzsche.

¹²⁴ LS, p. 133 [ed. fr., p. 154].

¹²⁵ LS, p. 135 [ed. fr., p. 157].

¹²⁶ Esta passagem de LS anuncia a aproximação mais explícita que Deleuze fará, em textos posteriores, entre o carrapato (*la tique*) e a ética (*l'éthique*), a partir das teses do biólogo Jakob von Uexküll, autor do livro *Mondes animaux et monde humain*, de 1934. Ela aparece, por exemplo no *Abcdário* (“A de Animal”), em *Espinosa, filosofia prática* e em *Mil Platôs*, apenas para citar alguns exemplos. Cf. SPP, pp. 129-130 [ed. fr., p. 167]; MP, pp. 42-43 [ed. fr., p. 314]. Em LS, o carrapato, animal dos Estoicos, se instala na superfície, o lugar do sentido.

¹²⁷ LS, p. 136 [ed. fr., p. 158].

¹²⁸ DRF, p. 67 [ed. fr., p. 59].

“Tudo em Lewis Carroll começa por um **combate** horrível”¹²⁹ – assim inicia *o texto que leva o nome do escritor, publicado em Crítica e clínica* – “é o combate das profundezas: coisas se arrebatam ou nos arrebatam, caixas são pequenas demais para seu conteúdo, comidas são tóxicas ou venenosas, tripas se alongam, monstros nos trazem, corpos se misturam. Um irmãozinho usa seu irmãozinho como isca [...]”.¹³⁰ Não é surpreendente que o filósofo faça essa leitura, pois, como ressalta David Lapoujade, “em Deleuze há sempre um combate em curso”.¹³¹ O comentador francês distingue dois tipos de combate na filosofia deleuziana, que remetem um a outro incessantemente: de um lado, o combate como consequência de uma tese, um sistema de ataque e de defesa que implica posições e argumentos, e com os quais se abraça uma causa (como no caso de Hume, Bergson, Espinosa e Nietzsche); de outro lado, um tipo de combate em que “os aliados não preexistem mais, é preciso criá-los você mesmo, à medida que se combate”.¹³² O segundo tipo é o mais próximo de *Lógica do sentido*, em que Lewis Carroll e os Estoicos tornam-se aliados poderosos de Nietzsche, na reversão do platonismo, fórmula inseparável da conquista das superfícies.

Portanto, tudo também começa, em *Lógica do sentido*, por um combate horrível: Nietzsche contra Platão, a profundidade contra a altura. Isto se verifica plenamente na passagem de *Diferença e repetição* para *Lógica do sentido*. No primeiro livro, Deleuze elabora uma filosofia da diferença marcada pela profundidade; no segundo, por sua vez, a proposta não se trata mais de propor uma filosofia da diferença, mas uma teoria do sentido, no eixo da superfície. Diríamos talvez que nosso livro emerge à superfície, trazendo consigo os conceitos trabalhados anteriormente, porém reorganizados segundo uma terceira dimensão. Com efeito, na passagem de um livro a outro, a estratégia de reversão do platonismo também muda. A fórmula do “fundo que sobe à superfície”, de 1968, ganha novos termos em 1969: a “conquista das superfícies”. Tais formulações aparentemente se assemelham, mas elas se distinguem essencialmente. Enquanto a primeira sublinha a profundidade, o fundo que emerge à superfície sem deixar de ser fundo, a segunda frisa a superfície, até então inédita na filosofia deleuziana. Ambas as fórmulas procuram denunciar a altura clássica e propõem uma reviravolta na história da filosofia.

¹²⁹ CC, p. 34 [ed. fr., p. 34].

¹³⁰ CC, p. 34 [ed. fr., p. 34]. A última frase faz referência ao divertido poema carrolliano, chamado “Os dois irmãos”, de 1853. Segue uma estrofe: “*He has fitted together two joints of his rod, / And to them he has added another, / and then a great hook he took from his book, / and ran it right into his brother*”. CARROLL, L. The two brothers. In: *Alice’s adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 716-720.

¹³¹ LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2017, p. 15.

¹³² LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2017, p. 17.

Paulo Domenech Oneto, em um artigo publicado em 2015 na revista brasileira *Trágica*, marca bem essa passagem.¹³³ No platonismo, a diferença é compreendida entre duas coisas, do ponto de vista exterior. “Fazer a diferença”, em Platão, é passar por uma prova seletiva. A questão central é, portanto, que diferenças podem estar circunscritas nos limites do conceito geral, e como isso ocorre. Este aspecto é marcado pela dualidade entre o fundo e a forma. A Ideia é uma forma, e o fundo, por sua vez, é uma espécie de acessório, uma diferença secundária. Deleuze propõe, ao contrário, que a diferença seja pensada em si mesma. “Mas, em vez de uma coisa que se distingue de outra, imaginemos algo que se distingue – e, todavia, aquilo de que ele se distingue não se distingue dele”.¹³⁴ A diferença surge em primeiro plano.

No primeiro capítulo de *Diferença e repetição*, Deleuze menciona o acontecimento-relâmpago, que abre sua filosofia da diferença primeira: “o relâmpago, por exemplo, distingue-se do céu negro, mas deve acompanhá-lo, como se ele se distinguisse daquilo que não se distingue. Dir-se-ia que o fundo sobe à superfície sem deixar de ser fundo”.¹³⁵ O fundo, o céu negro, é a matéria de que a forma, o relâmpago, se constitui. Em Deleuze, não se trata de determinar a diferença entre o fundo e a forma, entre o céu e o relâmpago. O fundo deixa de ser o puro indeterminado que permanece no fundo, enquanto as formas deixam de ser determinações coexistentes ou complementares: “são todas as formas que se dissipam quando se refletem neste fundo que emerge”.¹³⁶ Tudo se confunde em uma só determinação que “faz” a diferença. Trata-se de uma filosofia que não subordina a diferença à identidade, pois toda a identidade se dissipa quando se reflete neste fundo que emerge. O fundo sobre à superfície carregando consigo toda a diferença, desfazendo toda e qualquer forma neste movimento. “Como no espelho de Lewis Carroll, em que tudo aparece ao contrário e invertido na superfície, mas ‘diferente’ em espessura”¹³⁷ – escreve, em *Diferença e repetição*.

O combate entre Nietzsche e Platão remete, ainda, ao conceito de “simulacro”. Deleuze apresenta o problema no texto chamado “Platão e o simulacro”, publicado pela primeira vez em 1967, na revista francesa *Révue de Méthaphysique et de Morale*, sob o título “Reverter o platonismo”, e, dois anos depois, anexado à *Lógica do sentido*. O tema também aparece em *Diferença e repetição*, vinculado à filosofia da diferença e à herança nietzschiana do projeto de

¹³³ Privilegiaremos, nesta exposição, a segunda parte do artigo, chamada “O projeto de *Lógica do sentido* como sequência de *Diferença e repetição*: a importância dos estoicos para a reversão do platonismo”. ONETO, Paulo Domenech. “Estoicismo e epicurismo na filosofia de Gilles Deleuze: uma identidade discreta”. In: *Revisa Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, vol. 8, n° 2, 2º quadrimestre de 2015, pp. 109-117.

¹³⁴ DR, p. 53 [ed. fr., 43].

¹³⁵ DR, p. 53 [ed. fr., 43].

¹³⁶ DR, p. 53 [ed. fr., 43].

¹³⁷ DR, p. 80 [ed. fr., 72].

reversão do platonismo. Entretanto, a fórmula permanecerá abstrata enquanto a motivação platônica permanecer nas sombras; algo que o filósofo, por toda parte, busca denunciar e abalar.¹³⁸ Para que ela alcance uma condição prática, é preciso explicitar a motivação da teoria das Ideias, isto é, tornar manifesta, à luz do dia, uma dualidade latente, subterrânea. No apêndice, a dialética platônica é revirada ao avesso, à procura do elemento rebelde, capaz de colocar em xeque todo o sistema. Remeteremos, neste ponto, aos argumentos principais elaborados no texto, a fim de analisar a fórmula que subjaz ao movimento de devir-menina do filósofo, a saber, a “reversão do platonismo”.

De acordo com Deleuze, o método da divisão platônico objetiva, em um primeiro momento, distinguir a coisa “mesma” e suas imagens, o Modelo e a cópia. Esta operação pode ser observada, por exemplo, no chamado “diagrama” ou “analogia da linha”, no final do livro VI de *A república* (510a-511a), em que Platão separa o mundo sensível e o mundo inteligível, estabelecendo um sistema hierarquizante para o conhecimento. Em resumo, o inteligível refere-se ao mundo transcendente, efetivamente real, das Ideias; no plano do sensível, impera o reino do falso, do não ser, do engano. Trata-se do mundo das “cópias”, dos devires, que correspondem à corrupção do ser. Na extrema esquerda dessa linha – no segmento mais afastado do real e no ponto mais baixo na escala do ser e do conhecimento –, encontram-se os simulacros. Sem possuir qualquer relação com o mundo inteligível, o simulacro estabelece no plano do sensível uma ruptura irremediável com o Modelo de identidade socrático-platônico: as Ideias ou Essências imutáveis. Com efeito, o método da divisão em Platão, com sua teoria das Ideias, postula uma dualidade manifesta entre o mundo sensível e o mundo inteligível; ou então, entre a Ideia, concebida como Modelo, e os corpos sensíveis, as “cópias”.

Qual é a motivação desta distinção? Segundo o autor, o objetivo de Platão não é especificar ou separar um gênero em espécies definidas, como será o caso de Aristóteles; se a divisão se propõe a isto, é apenas de maneira superficial, irônica. Ao separar o puro do impuro, o autêntico do inautêntico, o “bom” do “mau”, o projeto platônico teria como objetivo principal selecionar rivais e distinguir pretendentes. “O platonismo é a Odisseia filosófica; a dialética platônica não é uma dialética da contradição nem da contrariedade, mas uma dialética da rivalidade (*amphisbetesis*), uma dialética dos rivais ou dos pretendentes”.¹³⁹ A primeira

¹³⁸ Tal como, por exemplo, na entrevista “Sobre a filosofia”, publicada em *Conversações*: “o abstrato nada explica, devendo ser ele próprio explicado [...]”. P, p. 182 [ed. fr., p. 199]. No *Abcdário* (“H de História da Filosofia”): “só se pode entender o que é a filosofia, a que ponto ela não é uma coisa abstrata, da mesma forma que um quadro ou uma obra musical não são absolutamente abstratos, só através da história da Filosofia, com a condição de concebê-la corretamente”. DELEUZE, G. *Abecedário*. Paris: Editions Montparnasse, 1996. 3 DVDs.

¹³⁹ LS, p. 260 [ed. fr., p. 293].

armadilha da divisão platônica é, portanto, a sua aparência de dialética de contradição ou de contrariedade.

Entretanto, Deleuze nota que Platão parece renunciar a esta tarefa seletiva nos diálogos, substituindo-a por um mito. Isto poderia se configurar como um impasse à argumentação do autor. O que ele busca mostrar, no entanto, é que não há renúncia alguma, pois o mito faz parte do método da divisão. Com sua estrutura circular, o mito é a narrativa de uma fundação, que permite erigir um modelo de julgamento, o “modelo imanente” ou o “fundamento-prova”. Ele fornece a medida de uma pretensão e o fundamento para que os pretendentes sejam julgados. Neste jogo de três termos – pretensão, pretendente e fundamento –, a pretensão é o que deve ser fundado, e o pretendente faz apelo a um fundamento, cuja pretensão se encontra bem fundada ou infundada. Nesse sentido, o papel do mito é fundar os pretendentes e fornecer um apoio para a autenticação da Ideia. “E é sob esta condição que a divisão chega a seu fim, que não é a especificação do conceito mas a autenticação da Ideia, não a determinação da espécie, mas a seleção da linhagem”.¹⁴⁰ Com efeito, a segunda armadilha da divisão, seu segundo aspecto irônico, é esta aparência de renúncia, de “escapada”, proporcionada pelo mito.

No platonismo, os corpos respondem a uma Ideia, que se confunde com a identidade pura de uma qualidade, tal como o “Bem” em si, o “Justo” em si, etc. De acordo com Deleuze, os que participam da Ideia, na melhor das hipóteses, são justos, bons, etc. apenas em segundo lugar. A Ideia desempenha o papel de fundamento por possuir, em primeiro lugar, uma qualidade que o pretendente só pode possuir em segundo lugar, em terceiro, em quarto... Ora, tal escala não chegaria até “o infinito de uma degradação, até aquele que não possui mais do que um simulacro, uma miragem, ele próprio miragem e simulacro?”.¹⁴¹ Assim é que Platão instaura um tribunal em filosofia, no qual a Ideia julga os pretendentes, repartindo-os em uma escala eletiva, à medida de sua imagem e semelhança.

Como Platão seleciona os pretendentes? Qual é o critério? Segundo Deleuze, a medida de uma pretensão é a semelhança. O fundamento estabelece uma hierarquia entre os pretendentes, tendo em vista a semelhança com a Ideia. Nas palavras do autor, “a cópia não se parece verdadeiramente com alguma coisa senão na medida em que se parece com Ideia da coisa”.¹⁴² O pretendente se assemelha ao objeto pretendido na medida em que se modela, interiormente e espiritualmente, sobre a Ideia; por exemplo, ele apenas merece a qualidade de justo na medida em que se funda sobre a Ideia de Justiça. Com efeito, Platão certamente “faz a

¹⁴⁰ LS, p. 261 [ed. fr., p. 295].

¹⁴¹ LS, p. 261 [ed. br., p. 295].

¹⁴² LS, p. 262 [ed. fr., p. 296].

diferença”, mas de modo que todas as diferenças entre pretendentes estejam subordinadas à semelhança, mantidas entre si ao longo de uma escala eletiva, enquanto a semelhança é fundada na identidade consigo da Ideia. O esforço de remontar para além do fundamento é o que caracteriza a reversão do platonismo.

A formulação deleuziana das duas armadilhas da divisão, a saber, a aparência de contradição e a aparência de renúncia, apresenta ainda outro impasse ao procedimento deleuziano. Como explicar que os três grandes textos platônicos sobre a divisão – *O sofista*, *Fedro* e *O político* – não apresentam a segunda armadilha, o mito fundador? Contudo, é precisamente em *O sofista* que se verifica um deslize no procedimento platônico. Nesse diálogo, o método da divisão é paradoxalmente empregado não para avaliar os bons pretendentes, mas, ao contrário, para encurralar os falsos. Debruçando-se sobre o abismo, Platão descobre que o simulacro não é uma “falsa cópia”, mas que ele questiona as noções de cópia e de modelo.¹⁴³ A própria definição do sofista, no final do diálogo, mostra que não é mais possível distinguir um do outro: um ser irônico operando por breves respostas. “O próprio sofista é o ser do simulacro [...]”.¹⁴⁴ Como sagazmente observara Foucault, acerca do livro de *Lógica do sentido e Diferença e repetição*, “sob a máscara de Sócrates, estala o súbito rir do sofista”.¹⁴⁵ Deleuze faz emergir, em “Platão e o simulacro”, o duplo de Platão, o sofista, o ser ou matéria do simulacro, de modo que o platonismo passa a fornecer as condições de possibilidade de sua própria ultrapassagem.

“Platão e o simulacro” procura mostrar que o simulacro, embora seja originado da distinção entre Modelo e cópia, escapa à lógica da semelhança e à subordinação da diferença à Ideia, deixando subsumir o mundo da diferença. O procedimento deleuziano é o de extrair um duplo que coloca em questão tanto o Modelo como a cópia, ainda que procure se manter próximo deles. Trata-se da mesma operação que o filósofo faz com certos autores, em que se cria uma espécie de “duplo” de seus pensamentos; assim como ocorre muito explicitamente em seu livro sobre Foucault. O duplo, gestado com o autor comentado, diz precisamente aquilo que Deleuze faz o autor comentado dizer, utilizando-se muitas vezes do discurso indireto livre.¹⁴⁶ Assim é que Deleuze encurrala Platão, “assim como Platão encurrala o sofista”:¹⁴⁷ fazendo-o

¹⁴³ LS, p. 261 [ed. fr., p. 295].

¹⁴⁴ LS, p. 261 [ed. fr., p. 295].

¹⁴⁵ FOUCAULT, M. “Theatrum Philosophicum”. In: *Nietzsche, Freud e Marx & Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio Editora, 1997, p. 81.

¹⁴⁶ ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: Uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 24, 2016, p. 36; A rigor, não haveria distinção entre as teses monográficas e os livros nos quais o filósofo elabora uma tese própria.

¹⁴⁷ LS, p. 259 [ed. fr., p. 292].

deslizar em seu próprio método, certamente levado às últimas consequências pelo nosso filósofo com seu próprio rigor metodológico.¹⁴⁸

Em “Platão e o simulacro”, as dualidades manifestas – essência e aparência, inteligível e sensível, Ideia e imagem, original e cópia, Modelo e simulacro – asseguram uma latente, mais profunda. Deleuze desloca a distinção para duas espécies de imagens: as “boas cópias”, que seriam os pretendentes bem fundados, garantidos pela semelhança, e as “más cópias”, os falsos pretendentes, construídos sobre uma diferença fundamental, uma dissimilitude interna. Entre os três termos – Ideia, cópia e simulacro –, existe uma escala descendente, mas a relação entre eles não deve ser pensada de modo simétrico. Entre Ideia e cópia, há uma semelhança interior e espiritual, fundada sobre uma identidade superior. Entre a Ideia e o simulacro, por sua vez, instaura-se uma não relação, uma imagem sem semelhança; rompe-se qualquer liame com o modelo. O simulacro não é simplesmente “cópia de cópia”, uma imagem degradada ou uma semelhança afrouxada, mas difere das cópias em natureza.¹⁴⁹ O que ele pretende, pretende subterraneamente, graças a uma agressão, sem nem ao menos passar pela Ideia.¹⁵⁰ Com efeito, toda a filosofia de Platão, que preside a sua classificação das ciências ou das artes, estaria tomada por este único problema: distinguir as “boas” das “más cópias”, as que recebem a ação da Ideia e as que se subtraem a esta ação, a boa cópia e os simulacros.

Do ponto de vista externo, o simulacro aparentemente não se distingue das boas cópias. Em profundidade, porém, ele atesta uma outra espécie de reivindicação, que não passa pela Ideia. Sua semelhança é tão somente um “efeito”, externo ou derivado. Tal efeito é produzido, pois “o simulacro implica grandes dimensões, profundidades e distâncias que o observador não pode dominar”.¹⁵¹ (É preciso tomar cuidado diante do abismo, pois é debruçando-se nele, olhando-o bem fundo nos olhos, que ele pode nos olhar de volta, tal como ocorre com Platão...). No mundo dos simulacros, não há um ponto de vista privilegiado, tampouco a medida de uma pretensão: o observador perde todas as coordenadas diante do abismo. Ele não se pode escapar ileso desta experiência, que esquarteja o sujeito e deforma a representação. “O simulacro inclui

¹⁴⁸ Seguem algumas passagens em que Deleuze fornece indícios sobre o seu método: “mas minha principal maneira de me safar naquela época foi concebendo a história da filosofia como uma espécie de enrabado, ou, o que vem a dar no mesmo, de imaculada concepção. Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer”. P, p. 14 [ed. fr., p. 15]; “A história da filosofia deve, não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele necessariamente subentendia, o que ele não dizia e que, no entanto, está presente naquilo que ele diz”. P, p. 174 [ed. fr., p. 169-170].

¹⁴⁹ LS, p. 262 [ed. fr., p. 296].

¹⁵⁰ LS, p. 263 [ed. fr., p. 296].

¹⁵¹ LS, p. 263 [ed. fr., p. 302].

em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista”.¹⁵² Simulacro, abismo, fundos falsos e obscuros, cavernas superpostas... É o reino das profundezas, dos devires, que deve ser mantido no fundo do Oceano.

Seguem algumas passagens em que o filósofo resume e explicita a motivação platônica: “em suma, há no simulacro um devir-louco, um devir-ilimitado como o de *Filebo* em que ‘o mais e o menos vão sempre à frente’, um devir sempre outro, um devir subversivo das profundidades, hábil a esquivar o igual, o limite [...]: sempre mais e menos ao mesmo tempo”.¹⁵³ O objetivo do platonismo, em sua vontade de fazer triunfar as cópias sobre os simulacros, é o de impor um limite a este devir, torná-lo semelhante e, para os rebeldes, afundá-los o mais profundo possível, “encerrá-los numa caverna no fundo do Oceano”,¹⁵⁴ “impedi-los de subir à superfície e de se ‘insinuar’ por toda parte”.¹⁵⁵ É por razões morais, portanto, que o simulacro inicialmente “deve ser exorcizado e que a diferença deve ser subordinada ao semelhante”.¹⁵⁶

Deleuze assim define a tarefa de reversão do platonismo: “fazer subir os simulacros, afirmar seus direitos entre os ícones ou as cópias”. É subindo à superfície que o simulacro faz o Modelo e a cópia caírem sob a potência do falso. O simulacro encarna as profundezas e faz o fundo emergir. O puro devir, a matéria do simulacro, não é mais concebido como devir “de” algo, isto é, o devir de uma instância supostamente imóvel que entraria em movimento. Ele vem à tona, trazendo o fundo consigo: todas as cópias se misturam no mundo em devir. Não há mais Modelo ou Ideia e, com isso, cai por terra o critério transcendente para a seleção dos pretendentes, impossibilitando a hierarquia entre os seres, a distinção entre as boas e as más cópias. Não se trata, ainda, de erigir um novo fundamento. Elevado à mais alta potência – tal como no motivo da “mais alta potência do falso” nietzschiano –, o falso engole todo fundamento, assegura um universal desabamento (*effondrement*), mas como “acontecimento positivo e alegre”, como a-fundamento (*effondement*).¹⁵⁷ Este “a-fundamento” é tematizado pelo autor, em *Diferença e repetição*, como a liberdade do fundo não mediatizado, a descoberta de um fundo por trás de todo outro fundo, a relação do sem-fundo com o não fundado. Se a caverna de Platão aponta para uma ascense em direção à purificação e à verdade, nas cavernas superpostas existem outros fundos, fundos falsos, projetando-se em abismo.

¹⁵² LS, p. 264 [ed. fr., p. 302].

¹⁵³ LS, p. 264 [ed. fr., p. 302].

¹⁵⁴ LS, p. 264 [ed. fr., p. 298].

¹⁵⁵ LS, p. 296 [ed. fr., p. 296].

¹⁵⁶ DR, p. 168 [ed. fr., p. 168].

¹⁵⁷ DR, p. 97 [ed. fr., p. 92].

Em “Platão e o simulacro”, a fórmula da reversão do platonismo deixa de ser abstrata e é elevada a uma filosofia prática, com a explicitação deleuziana do laço entre a moral e a filosofia que se impõe ao nível dos corpos sensíveis. Entretanto, Deleuze afirma, em carta de 1990, ter abandonado a noção de simulacro, que não valeria grande coisa naquele momento de sua trajetória.¹⁵⁸ Como ressalta Machado, trata-se mais de uma mudança terminológica do que conceitual na filosofia deleuziana, pois o simulacro remete, de modo geral, ao projeto de pensar a diferença em si mesma, não mediatizada pela representação, isto é, não submetida à identidade, à oposição, à analogia ou à semelhança. Desse modo, isto não afeta nossa pesquisa: o conceito de simulacro responde ao problema de se ultrapassar – ou melhor, acabar com – o fundamento, a moral, a representação, a hierarquização dos seres, todos eles presentes em *Lógica do sentido*.

Este é o ponto de partida da primeira série de paradoxos, chamada “Do puro devir”, em que Deleuze inicialmente explicita sua leitura da dualidade platônica, que já aparece no apêndice, “Platão e o simulacro”, analisado no tópico anterior (“combate”). Em *Lógica do sentido*, o autor distingue dois mundos em Platão. De um lado, o mundo das coisas limitadas e medidas, de qualidades fixas, sejam elas permanentes ou temporárias, mas supondo freamos e repousos, chegadas e partidas, designação de sujeitos: “tal sujeito tem tal grandeza, tal pequenez em tal momento”.¹⁵⁹ De outro lado, o puro devir sem medida, “verdadeiro devir louco que não se detém nunca”,¹⁶⁰ escapando sempre ao presente e fazendo coincidir termos até então contraditórios, tais como o futuro e o passado, o mais e o menos, o muito e o pouco. Não se trata, desta vez, da dualidade manifesta do mundo sensível e do inteligível, da Ideia e da cópia, mas da dualidade latente entre as boas e as más cópias, ou então, entre as cópias e os simulacros. Alice – o elemento do puro devir – é a matéria do simulacro, que contesta tanto o modelo como a cópia. Com efeito, as aventuras subterrâneas de Alice, na primeira parte do romance carrolliano, desenrolando-se no reino dos simulacros e dos devires rebeldes, universo em que a menina arrasta os filósofos, e ambos disparam um movimento de devir-ilimitado. Sob a máscara de Sofia celeste, estala a risada de Alice rebelde: sua irmã perversa, seu duplo...

Lembremos do começo das aventuras de *Alice*: quando a menina desce pela toca do coelho, encontra a garrafinha mágica, come um pedaço de bolo, mordisca um cogumelo, dentre outras notáveis maravilhas, ela não sabe se sobe ou desce, se cresce ou diminui, se encolhe ou

¹⁵⁸ Cf. MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 49.

¹⁵⁹ LS, p. 01 [ed. fr., p. 09].

¹⁶⁰ LS, p. 01 [ed. fr., p. 09].

estica, como um telescópio. O “corpo-telescópio”¹⁶¹ de Alice puxa nos dois sentidos ao mesmo tempo: ele é maior com relação ao corpo que se levanta, quando se espreguiça pela manhã, e menor com relação a um outro que cresce, a todo momento.¹⁶² Isto não quer dizer que ela é maior e menor; “mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e nos fazemos menores do que nos tornamos”.¹⁶³ Na primeira série de *Lógica do sentido*, Deleuze define o conceito de “puro devir”, nestes termos: “na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor, e inversamente”.¹⁶⁴ Tornando-se maior, menor, e os dois ao mesmo tempo, a menina perde todas as coordenadas, de modo que o presente sempre escapa: ramifica-se em passado e futuro, esposando um movimento absoluto, contínuo, de puro devir. Tal é o primeiro conceito que a personagem movimenta no livro. É nele que iremos mergulhar nas próximas páginas.

“E agora, quem sou eu?”¹⁶⁵ Pelos corredores longos e escuros da toca, o Coelho passa saltando, veloz, dizendo, mais uma vez: “Alice cresce...”. Ela ainda não consegue alcançá-lo. Alice cresce, Alice chora: ela cresce chorando. E muito: “‘gostaria de não ter chorado tanto!’ disse Alice, enquanto nadava de um lado para outro, tentando encontrar uma saída. ‘Parece que vou ser castigada por isso agora, afogando-me nas minhas próprias lágrimas! Vai ser uma coisa esquisita, lá isso vai!’”.¹⁶⁶ Antes, a menina chorava por não conseguir entrar na toca, presa do lado de fora. Agora, ela tem medo de não conseguir sair, de ficar presa do lado de dentro, no subsolo, úmido e sombrio. “[...] Isso aqui é *tão* solitário!’ disse Alice, melancólica; e à ideia de sua solidão duas grossas lágrimas lhe rolaram pelas faces”.¹⁶⁷ Não há nada mais triste do que ver uma menina chorar, sozinha, dentro da toca... “Oh, não fique assim!” – aconselha a Rainha

¹⁶¹ LS, p. 113 [ed. fr., p. 95].

¹⁶² CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 16 [ed. ing., p. 35].

¹⁶³ LS, p. 01 [ed. fr., p. 09].

¹⁶⁴ Segue a passagem no original, para que se observe o verbo “devenir”, traduzido também por “tornar-se”: “*bien sûr, ce ne pas en même temps qu’elle est plus grande et plus petite. Mais c’est en même temps qu’elle le devient*”. LS, p. 01 [ed. fr., p. 09].

¹⁶⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 145 [ed. ing., p. 226].

¹⁶⁶ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 20 [ed. ing., pp. 40-41].

¹⁶⁷ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 165 [ed. ing., p. 250]. A respeito da solidão profunda que entrar na toca suscita, podemos seguir desta vez a orientação de Deleuze, em “P de Professor”: “a relação que podemos ter com os estudantes é ensinar que eles fiquem felizes com sua solidão. Eles vivem dizendo: ‘um pouco de comunicação. Nós nos sentimos sós, somos todos solitários’. Por isso eles querem escolas. Eles não poderão fazer nada em relação à solidão. Temos de ensinar-lhes os benefícios da sua solidão, reconciliá-los com sua solidão. Esse era o meu papel de professor”. DELEUZE, G. *Abecedário*. Paris: Editions Montparnasse, 1996. 3 DVDs.

Branca – “considere a menina grande que você é. Considere a longa distância que percorreu hoje. Considere que horas são. Considere qualquer coisa, mas não chore!”¹⁶⁸ No fim do caminho, há um **oceano** de lágrimas de Alice.

Seguem os objetivos específicos deste tópico: 1. compreender o conceito de puro devir e sua relação com a identidade infinita; 2. apresentar a relação entre o puro devir, o acontecimento e o paradoxo, em sua diferença com os dois aspectos da *doxa* (o bom senso e o senso comum); 3. investigar a perda do nome próprio, como efeito do encontro entre a menina e os filósofos, em *Lógica do sentido*. O que nos permite afirmar que a perda do nome próprio está mais próxima da linha do devir-menina do filósofo – embora esta aventura se repita através de todas as aventuras de Alice – é que ele é imprescindível ao puro devir, movimento que, como vimos, ocorre na profundidade de terra, repellido no fundo do oceano pelo platonismo. Eis que propomos investigar, com base na primeira série de paradoxos (“Do puro devir”), em cotejo com a décima segunda (“Sobre o paradoxo”) do livro em foco.

Quando o mundo entra em devir, isto é, quando um filósofo entra na toca, ou então, no pensamento de uma menina, tudo entra em vertigem, corpo e linguagem. Deleuze ressalta, na primeira série, que o próprio Platão suspeitava da relação íntima entre o puro devir e a linguagem, como no diálogo *Crátilo*. “É a linguagem que fixa os limites (por exemplo, o momento em que começa o *demasiado*), mas é ela também que ultrapassa esses limites e os restitui à equivalência infinita de um devir-ilimitado”.¹⁶⁹ A esse respeito, Alice aprendera algumas regrinhas simples, que iremos repassar a seguir, por precaução: “um atizador em brasa acaba queimando sua mão se você insistir em segurá-lo por muito tempo; quando você corta o dedo *muito* fundo com uma faca, geralmente sai sangue”.¹⁷⁰ E, a mais importante de todas: “ela nunca esquecerá que, se você bebe muito de uma garrafa em que está escrito ‘veneno’, é quase certo que vai se sentir mal, mais cedo ou mais tarde”.¹⁷¹ Como delimitar o ponto em que começa e termina o muito, o pouco? O que é: “muito”? Uma quantidade indefinida, ilimitada... Nas profundezas, a linguagem e o corpo de uma menina entram em variação, vertigem, devir.

No País das Maravilhas, o mundo se inverte, de ponta-cabeça. Não há mais identidades fixas e estáveis, que se assemelham interna e espiritualmente com a Ideia. Não é mais possível fornecer um apoio sólido aos conceitos, que limitam a ação das cópias. O paradoxo do puro

¹⁶⁸ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 165 [ed. ing., p. 250].

¹⁶⁹ LS, p. 02 [ed. fr., p. 10].

¹⁷⁰ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 13 [ed. ing., p. 31].

¹⁷¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 13 [ed. ing., p. 31].

devir – o paradoxo de Alice – é a “identidade infinita”: Alice, e todas as cópias, perdem a identidade, a estabilidade e a fixidez, ramificando-se em dois sentidos ao mesmo tempo, infinitamente. O devir-ilimitado expressa a potência da linguagem de ultrapassar os limites estabelecidos por ela e a fixidez da identidade dos conceitos que tais limites pressupõem. Assim acontecem as inversões de Alice no País das Maravilhas, conforme a sistematização do autor, e que lembraremos aqui também: 1. a inversão do crescer e do diminuir: “comeu um pedacinho, e disse para si mesma, aflita, ‘em que sentido? Em que sentido?’, com a mão sobre a cabeça para sentir em que direção estava indo, ficando muito surpresa ao verificar que continuava do mesmo tamanho”¹⁷² – tal como um “efeito de ótica”, proporcionado por um telescópio; 2. a da véspera e do amanhã, cujo presente sempre escapa: “a regra é: geleia amanhã e geleia ontem... mas nunca geleia hoje”;¹⁷³ 3. a do mais e do menos: “então cinco noites são mais quentes que uma?’ Alice se arriscou a perguntar. ‘Cinco vezes mais quentes, é claro’. ‘Mas deviam ser cinco vezes mais *frias*, pela mesma regra...’ ‘Precisamente!’ exclamou a Rainha Vermelha. ‘Cinco vezes mais quentes e cinco vezes mais frias...’;¹⁷⁴ 4. a do ativo e do passivo: “e aqui Alice começou a ficar com muito sono, e continuou a dizer para si mesma, como num sonho: ‘gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?’ e às vezes ‘morcegos comem gatos?’ pois, como não sabia responder a nenhuma das perguntas, o jeito como as fazia não tinha a menor importância”;¹⁷⁵ 5. a da causa e do efeito: “há o Mensageiro do Rei. Está na prisão agora, sendo punido, e o julgamento não vai nem começar até quarta-feira que vem, e, é claro, o crime vem por último”¹⁷⁶; “o que aconteceu?’ quis saber, assim que teve uma chance de se fazer ouvir. ‘Furou o dedo?’ ‘Não ainda’, a Rainha disse, ‘mas vou furar logo, logo... ai, ai, ai!’”¹⁷⁷; “primeiro sirva-o e depois corte-o”¹⁷⁸. Tais inversões passam pela linguagem e apenas podem entrar em funcionamento por meio dela: a linguagem dos devires e dos acontecimentos.

Com tais inversões, a identidade de qualquer coisa fica ameaçada, sendo a perda do nome próprio uma das consequências. “A perda do nome próprio é a aventura que se repete

¹⁷² CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 14-15 [ed. ing., p. 33].

¹⁷³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 162 [ed. ing., p. 247].

¹⁷⁴ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 212-213 [ed. ing., p. 324].

¹⁷⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 11 [ed. ing., p. 28].

¹⁷⁶ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 164 [ed. ing., p. 249].

¹⁷⁷ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 163 [ed. ing., p. 248].

¹⁷⁸ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 192 [ed. ing., p. 290].

através de todas as aventuras de Alice”.¹⁷⁹ (“‘Ada com certeza não sou’, disse, ‘porque o cabelo dela tem cachos bem longos, e o meu não tem cacho nenhum; é claro que não posso ser Mabel, pois sei todo tipo de coisas e ela, oh! Sabe tão pouquinho! Além disso, *ela* é ela, e *eu* sou eu, e... ai, ai, que confusão é isto tudo!’”).¹⁸⁰ A perda do nome próprio é a operação da menina; portanto, a fim de devir-menina, um filósofo precisa passar por esta experiência, lançando-se em uma outra linguagem, paradoxal. Em *Alice*, os nomes de parada e repouso são arrastados pelos verbos de puro devir e deslizam na linguagem dos acontecimentos. (“Vou tentar recitar ‘Como pode...’”, e de mãos cruzadas no colo, como se estivesse dando lição, começou a recitar, mas sua voz soava rouca e estranha e as palavras não vieram como costumavam”).¹⁸¹ Conseqüentemente, a identidade se perde para o eu, o mundo e Deus. “Pois o nome próprio é garantido pela permanência de um saber. Este saber se encarna em nomes gerais que designam paradas e repousos, substantivos e adjetivos, com os quais o nome próprio mantém uma relação constante”.¹⁸² É esta consequência das inversões de Alice, tal como aparece na identidade infinita, a saber, a perda do nome próprio, que iremos investigar na sequência.

No terceiro apêndice de *Lógica do sentido*, chamado “Klossowski ou os corpos-linguagem”, Deleuze fornece algumas pistas que nos ajuda a compreender a perda do nome próprio de Alice. O autor identifica os elementos da ordem de Deus, referindo-se à filosofia kantiana: “a identidade de Deus como último fundamento, a identidade do mundo como meio ambiente, a identidade da pessoa como instância bem fundada, a identidade do corpo como base, enfim, a identidade da linguagem como potência para *designar* todo o resto”.¹⁸³ Pierre Klossowski, na leitura deleuziana, enfatiza o dilema da identidade do eu, que remete necessariamente à identidade fora do sujeito. Nas palavras do romancista, “‘se é Deus, nossa identidade é pura graça, se é o mundo ambiente em que tudo começa e acaba pela designação, nossa identidade é puro gracejo gramatical’”.¹⁸⁴ Tal perspectiva lembra, inclusive, uma passagem da primeira dissertação de *Genealogia da moral* (parágrafo 13), em que Nietzsche denuncia o eu como ficção gramatical, uma sedução da linguagem, que coloca o sujeito comandando determinada ação, como se houvesse alguém por trás do fazer, em uma relação de mão única de causa e efeito.¹⁸⁵ Na esteira de Klossowski – com os bigodes de Nietzsche –, a

¹⁷⁹ LS, p. 03 [ed. fr., p. 11].

¹⁸⁰ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 37-38 [ed. ing., p. 18].

¹⁸¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 37-38 [ed. ing., p. 18].

¹⁸² LS, p. 03 [ed. fr., p. 11].

¹⁸³ LS, p. 302 [ed. fr., p. 329].

¹⁸⁴ LS, p. 302 [ed. fr., p. 329].

¹⁸⁵ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

identidade infinita abala a noção identitária, na medida em que puxa dois sentidos ao mesmo tempo, invertendo toda e qualquer relação direta de causa e efeito, reforçada na construção gramatical sujeito e predicado, recorrente na linguagem cotidiana. A identidade infinita como incerteza pessoal faz parte da estrutura do próprio acontecimento, “na medida em que vai nos dois sentidos ao mesmo tempo e que esquarteja o sujeito segundo esta dupla direção”.¹⁸⁶ Desse modo, o acontecimento requer uma nova linguagem: a linguagem das meninas, dos devires ou dos acontecimentos puros.

A linguagem dos acontecimentos, que dispara o movimento de puro devir, é necessariamente paradoxal. Na *Lógica do sentido*, há uma relação íntima entre estes três termos: o puro devir, o acontecimento e o paradoxo. O paradoxo, inseparável do puro devir, opõe-se às duas faces da *doxa*: o bom senso e o senso comum. “O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo”.¹⁸⁷ No final da primeira série, Deleuze retoma tal afirmação, contrapondo o paradoxo ao outro elemento: “o paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, sem seguida, o que destrói o senso comum como designação [*assignation*] de identidades fixas”.¹⁸⁸ Mais à frente, Deleuze explicita a relação entre o paradoxo, o devir e a perda do nome próprio: “[o paradoxo] têm por característica o fato de ir nos dois sentidos ao mesmo tempo e tornar impossível uma identificação, colocando a ênfase ora num, ora no outro desses efeitos: tal é a dupla aventura de Alice, o devir-louco e o nome-perdido”.¹⁸⁹ Assim, o mundo maravilhoso das meninas esquarteja o sujeito segundo esta dupla direção, fazendo-o funcionar sob uma nova lógica, a do sentido, e uma nova linguagem, a dos acontecimentos.

Cabe ainda examinar os dois aspectos da *doxa*, a saber, o bom senso e o senso comum, com base na décima segunda série. Começamos com o bom senso, isto é, o sentido único, a direção determinada, previamente dada, reta, boa. “Ora, o bom senso se diz de uma direção: ele é senso único, exprime a existência de uma ordem de acordo com a qual é preciso escolher uma direção e se fixar a ela”.¹⁹⁰ O bom senso instaura uma ordem do tempo, do passado ao futuro, com relação ao presente. O presente é portanto uma fase determinada do tempo, escolhida especialmente no sistema individual considerado.¹⁹¹ Assim, a função do bom senso é prever: “o bom senso é essencialmente repartidor; sua fórmula é ‘de um lado e de outro lado’, mas a

¹⁸⁶ LS, p. 12 [ed. fr., p. 03].

¹⁸⁷ LS, p. 01 [ed. fr., p. 09].

¹⁸⁸ LS, p. 12 [ed. fr., p. 03]. “*Le paradoxe est d’abord ce qui détruit le bon sens comme sens unique, mais ensuite ce qui détruit le sens commun comme assignation d’identités fixes*”.

¹⁸⁹ LS, p. 78 [ed. fr., p. 93].

¹⁹⁰ LS, p. 78 [ed. fr., p. 93].

¹⁹¹ LS, p. 78 [ed. fr., p. 93].

repartição que ele opera se faz em tais condições que a diferença é posta no começo, tomada em um movimento dirigido incumbido de cumulá-la, igualá-la, anulá-la, compensá-la”.¹⁹² O bom senso anula as diferenças, submetendo-as à identidade. Tal repartição operada pelo bom senso é chamada pelo filósofo de “distribuição fixa” ou “sedentária”. “A essência do bom senso é de se dar uma singularidade, *para* estendê-la sobre toda a linha dos pontos ordinários e regulares que dela dependem, mas que a conjuram e a diluem”.¹⁹³

Em rsumo, os caracteres sistemáticos do bom senso, apresentados na décima segunda série, são os seguintes: 1. a afirmação de uma só direção; 2. a determinação desta direção no sentido do mais diferenciado ao menos diferenciado, do singular ao regular, do notável ao ordinário; 3. a orientação do passado ao futuro de acordo com esta determinação; 4. o papel diretor do presente nesta orientação, a fim de fazer previsões; 5. o tipo de distribuição sedentária, na qual todos os caracteres precedentes se reúnem.¹⁹⁴

Não por acaso, o bom senso desempenha um papel central na determinação da significação.¹⁹⁵ “Ora, o bom senso não se contenta em determinar a direção particular do senso único, ele determina primeiro o princípio de um sentido único em geral, reservando-se o direito de mostrar que este princípio, uma vez dado, nos força a escolher tal direção de preferência a outra”.¹⁹⁶ Para criar um paradoxo, não basta inverter os polos do bom senso. A potência do paradoxo não se encontra na outra direção, mas em dois sentidos ao mesmo tempo, sempre nas duas direções.¹⁹⁷ “O contrário do bom senso não é o outro sentido, o outro sentido é somente a recreação do espírito, sua iniciativa amena” – escreve Deleuze – “mas o paradoxo como paixão descobre que não podemos separar duas direções, que não podemos instaurar um senso único, nem um senso único para o sério do pensamento, para o trabalho, nem um senso invertido para as recreações e os jogos menores”.¹⁹⁸ O filósofo então retoma uma passagem de *Alice*, mencionada na primeira série: “em que sentido, em que sentido? pergunta Alice. A pergunta não tem resposta, porque é próprio do sentido não ter direção, não ter ‘bom sentido’, mas sempre as duas ao mesmo tempo, em um passado-futuro infinitamente subdividido e alongado”.¹⁹⁹ No

¹⁹² LS, p. 78 [ed. fr., p. 93].

¹⁹³ LS, p. 78 [ed. fr., p. 93].

¹⁹⁴ LS, p. 79 [ed. fr., p. 94].

¹⁹⁵ LS, p. 79 [ed. fr., p. 94].

¹⁹⁶ LS, p. 79 [ed. fr., p. 94].

¹⁹⁷ LS, p. 79 [ed. fr., p. 94].

¹⁹⁸ LS, p. 79 [ed. fr., p. 94].

¹⁹⁹ LS, pp. 79-80 [ed. fr., p. 95].

País das Maravilhas, não há nem acima nem abaixo, nem profundidade nem altura, como no espaço.²⁰⁰ Alice, a filósofa-alienígena?

Deleuze é enfático ao diferenciar o bom senso e o senso comum, embora eles remetam um ao outro incessantemente. No senso comum, o sentido não se diz mais de uma direção, mas de uma função, uma faculdade de identificação, que relaciona uma diversidade qualquer à forma do Mesmo. “O senso comum identifica, reconhece, não menos que o bom senso prevê”.²⁰¹ Do ponto de vista subjetivo, o senso comum inclui “faculdades diversas da alma” ou “órgãos diferenciados do corpo”, referindo-os a uma unidade capaz de dizer Eu: “é um só e mesmo eu que percebe, imagina, lembra-se, sabe etc.; e que respira, que dorme, que anda, que come... A linguagem não parece possível fora de um tal sujeito que se exprime ou se manifesta nela e que diz o que ele faz”.²⁰² Do ponto de vista objetivo, o senso comum inclui a diversidade dada, referindo-a à unidade de uma “forma particular de objeto” ou de uma “forma individualizada de mundo”: “é o mesmo objeto que eu vejo, cheiro, saboreio, toco, o mesmo que percebo, imagino e do qual me lembro... e é no mesmo mundo que respiro, ando, fico em vigília ou durmo, indo de um objeto para outro segundo as leis de um sistema determinado”. Neste caso, a linguagem ainda não parece possível fora de tais identidades que designa.²⁰³

No terceiro capítulo de *Diferença e repetição*, chamado “A imagem do pensamento”, Deleuze faz intervir a diferença dessas duas instâncias complementares, o senso comum e o bom senso, nos seguintes termos: “pois se o senso comum é a norma de identidade, do ponto de vista do Eu puro e da forma de objeto qualquer que lhe corresponde, o bom senso é a norma de partilha, do ponto de vista dos eus empíricos e dos objetos qualificados como esse ou aquele”,²⁰⁴ e, por isso, ele se estima universalmente compartilhado. “É o bom senso que determina a contribuição das faculdades em cada caso, quando o senso comum traz a forma do Mesmo”.²⁰⁵ Em outras palavras, de um lado, o bom senso fixa o começo e o fim, a boa direção do pensamento reto, distribuindo diversidades, mas apenas superando-se em direção a uma “instância capaz de referir este diverso à forma de identidade de um sujeito, à forma de

²⁰⁰ LS, pp. 80 [ed. fr., p. 95]. Pensamos sempre em Alice caindo pela toca do coelho e encontrando os animais profundos, mas o que aconteceria se esse pensamento se invertesse? Os animais profundos não viram um ser estranho, caindo do espaço, de cima, crescendo e diminuindo a um só tempo, como se eles estivessem em duas dimensões e se deparassem, subitamente, com uma terceira? Eis a situação pela qual o esquadro passa quando encontra uma esfera, no livro *Planolândia*, do físico Edwin Abbott, contemporâneo de Lewis Carroll, que inspirou uma série de livros de ficção científica.

²⁰¹ LS, p. 80 [ed. fr., p. 95-96].

²⁰² LS, p. 80 [ed. fr., p. 96].

²⁰³ LS, p. 80 [ed. fr., p. 96].

²⁰⁴ DR, pp. 184-185 [ed. fr., p. 175].

²⁰⁵ DR, pp. 184-185 [ed. fr., p. 175].

permanência de um objeto ou de um mundo, que supomos estar presente do começo ao fim”,²⁰⁶ isto é, o senso comum. De outro lado, a forma de identidade no senso comum, para não permanecer vazia, se supera em direção a uma instância capaz de determiná-la “por esta ou aquela diversidade começando aqui, acabando ali e que supomos durar todo o tempo que é preciso para a igualação de suas partes. É preciso que a qualidade seja ao mesmo tempo igualada e medida, atribuída e identificada”.²⁰⁷ Assim Deleuze diferencia o bom senso e o senso comum na denúncia do segundo postulado, o ideal do senso comum.

Na décima segunda série de *Lógica do sentido*, Deleuze apresenta uma passagem que dialoga diretamente com a primeira série: “é nesta complementaridade do bom senso e do senso comum que se estabelece a aliança do eu, do mundo e de Deus – Deus como saída última das direções e princípio supremo da identidade”.²⁰⁸ Como o paradoxo se contrapõe aos dois aspectos da *doxa* (bom senso e senso comum), ele rompe com a manifestação do eu e com os conceitos gerais de Deus e do mundo. “Da mesma forma, o paradoxo é a subversão simultânea do bom senso e do senso comum: ele aparece de um lado como os dois sentidos ao mesmo tempo do devir-louco, imprevisível; de outro lado, com o não-senso da identidade perdida, irreconhecível”.²⁰⁹ Alice é assim o elemento do puro devir, o elemento paradoxal, a paixão do pensamento – chama sem vela. “Alice é aquela que vai sempre nos dois sentidos ao mesmo tempo: o país das maravilhas (*Wonderland*) tem uma dupla divisão sempre subdividida. Ela é também aquela que perde a identidade, a sua, a das coisas e a do mundo”.²¹⁰

A prova de que Alice é o elemento paradoxal na *Lógica do sentido* é que ela se submete e fracassa em todas as provas do senso comum, em suas aventuras através do pensamento deleuziano: 1) a prova da consciência de si como órgão – “quem é você?”, pergunta a Lagarta, soltando fumaça;²¹¹ 2) a prova da percepção de objeto como reconhecimento – “este deve ser o bosque [...] em que as coisas não têm nomes. O que será que vai ser do meu nome quando entrar nele?”;²¹² 3) a prova da memória como recitação – “parece *nonsense* do início ao fim”;²¹³ 4) a prova do sonho como unidade do mundo, na medida em que cada sistema

²⁰⁶ LS, pp. 80-81 [ed. fr., p. 96].

²⁰⁷ LS, pp. 80-81 [ed. fr., p. 96].

²⁰⁸ LS, p. 81 [ed. fr., p. 96].

²⁰⁹ LS, p. 81 [ed. fr., p. 96].

²¹⁰ LS, p. 81 [ed. fr., p. 97].

²¹¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 38 [ed. ing., p. 67].

²¹² CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 144 [ed. ing., p. 225].

²¹³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 85 [ed. ing., p. 139]. Vale a pena observar a palavra “*nonsense*” no original: “[...] *it sounds uncommon nonsense*”.

individual se desfaz em favor de um universo no qual somos sempre um elemento no sonho de um outro – “ora, você é só uma espécie de coisa no sonho dele!” – diz Tweedledee, e Tweedledum completa: “se o Rei acordasse... você sumiria... puf... como uma vela!”.²¹⁴ Esses fracassos do senso comum, das normas de identidade, da forma do Mesmo, tornam-se possíveis pois Alice não tem mais bom senso, a norma de partilha. “A linguagem parece, de qualquer maneira impossível, não tendo mais sujeito que se exprima ou que se manifeste nela, nem objeto a designar, nem classes e propriedades a significar segundo uma ordem fixa”.²¹⁵ Assim é que a perda do nome próprio se repete através de todas as aventuras de Alice: no País das Maravilhas – a própria linguagem de uma menina –, não é possível seguir um só caminho, reto, pois ele inviabiliza os caracteres da *doxa*, lança uma série de paradoxos e de enigmas sem resposta (ou então, as respostas são criadas depois),²¹⁶ de modo que não é possível sustentar identidades, tampouco partilhas identitárias.

Nesta região que precede o bom senso e senso comum, isto é, no País das Maravilhas, “a linguagem atinge sua mais alta potência com a paixão do paradoxo”.²¹⁷ Para além do bom senso, as parselhas de Lewis Carroll representam os dois sentidos, ao mesmo tempo, do devir-louco”. Em *Alice*, o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março habitam cada um em uma direção, mas as duas direções são inseparáveis: cada uma se subdivide na outra, tanto que as encontramos ambas em cada uma delas. (“Naquela direção’, explicou o Gato, acenando com a pata direita, ‘vive um Chapeleiro; e naquela direção’, acenando com a outra pata, ‘vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos”).²¹⁸ “É preciso ser dois para ser louco, somos sempre loucos em dupla”²¹⁹ – o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março, que retomam do outro lado do espelho como os dois mensageiros (Haigha e Hatta),²²⁰ Tweedledum

²¹⁴ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 155 [ed. ing., p. 238].

²¹⁵ LS, p. 81 [ed. fr., p. 97].

²¹⁶ Assim o enigma do Chapeleiro Louco, no capítulo do “Chá Maluco”, em *Alice*: “Por que uma escrivainha se parece com um corvo?”.

²¹⁷ LS, p. 82 [ed. fr., p. xx].

²¹⁸ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 51 [ed. ing., p. 89].

²¹⁹ LS, p. 82 [ed. fr., p. 97]. Deleuze faz uma leitura impressionante do capítulo 7 de “Um chá maluco”, em *Alice*, com foco no assassinato do tempo presente e no devir-ilimitado que se ramifica eternamente em futuro-passado, na linha do Aion: “ambos [o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março] se tornam loucos no dia em que ‘massacraram o tempo’, isto é, destruíram sua medida, suprimiram as paradas e os repousos, que referem a quantidade a alguma coisa de fixo. Eles mataram o presente, que não sobrevive mais entre eles a não ser na imagem adormecida do arganaz, seu companheiro supliciado, mas que também não mais subsiste a não ser no momento abstrato, na hora do chá, infinitamente subdivisível em passado e em futuro. Tanto que agora eles não cessam de mudar de lugar, sempre em atraso e sempre adiantados, nas duas direções ao mesmo tempo, mas nunca na hora certa”.

²²⁰ Não apenas o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março se espelham em outros personagens no segundo volume do romance, mas, de modo geral, em cada um dos 12 capítulos de *Alice* há um personagem refletido em *Através do Espelho* (exceto nos capítulos 10 e 11).

e Tweedledee (“Andou e andou por um longo tempo, mas sempre que a estrada se dividia lá estavam as duas setas, apontando a mesma direção, uma com os dizeres ‘POR AQUI — CASA DE TWEEDLEDUM’ e a outra ‘CASA DE TWEEDLEDEE — POR AQUI’”).²²¹ As duplas carrollianas tornam impossíveis a medida do devir, a parada da qualidade e, conseqüentemente, o exercício do bom senso.

O caso emblemático para Deleuze – que serve de inspiração a toda lógica do sentido – é Humpty Dumpty, personagem que aparece no sexto capítulo de *Através do espelho*.²²² “Humpty Dumpty é a simplicidade real, o Senhor das palavras, o Doador do sentido, que destrói o exercício do senso comum, distribuindo as diferenças de tal maneira que nenhuma qualidade fixa, nenhum tempo medido se relacionam a um objeto identificável ou reconhecível”.²²³ Alice não sabe se ele veste uma gravata ou um cinto, que se confundem em seu formato oval, “carecendo tanto de sentido comum como de órgãos diferenciados, unicamente feito de singularidades móveis e ‘desconcertantes’”.²²⁴ (“‘Que cinto bonito o seu!’ [...] ‘Pelo menos’, corrigiu-se, após pensar melhor, ‘uma bela gravata, eu devia ter dito... não, um cinto... quero dizer... perdoe-me!’” – exclama Alice – “‘se eu pelo menos soubesse o que é pescoço e o que é cintura!’”).²²⁵ Humpty Dumpty não reconhece Alice, pois cada singularidade da menina lhe parece tomada no conjunto ordinário de um órgão (olhos, nariz, boca), fazendo parte de um rosto regular demais.²²⁶ (“‘Seu rosto é igual ao de todo mundo [...] nariz no meio, boca embaixo. É sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca no alto... isso seria de alguma ajuda’”).²²⁷ Nas palavras do filósofo, “na singularidade dos paradoxos nada começa ou acaba, tudo vai no sentido do futuro e do passado ao mesmo tempo”.²²⁸ Podemos sempre nos impedir de crescer a dois, um crescendo apenas com o outro diminuindo. (“‘Quero dizer que uma pessoa não pode evitar ficar mais velha.’ ‘Uma não pode, talvez’, disse Humpty Dumpty, ‘mas duas podem. Com a devida assistência, você

²²¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 146 [ed. ing., p. 228]. Sobre este episódio, Deleuze escreve: “Tweedledum e Tweedledee dão testemunho da indiscernibilidade das duas direções e da infinita subdivisão dos dois sentidos em cada direção sobre a estrada bifurcante que indica sua casa”. LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

²²² Na nota à edição italiana de *Lógica do sentido*, Deleuze afirma que, a dois, ele e Guattari queriam ser Humpty Dumpty, criando um único corpo esférico ou sem órgãos.

²²³ LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

²²⁴ LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

²²⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 175 [ed. ing., p. 266].

²²⁶ LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

²²⁷ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 183 [ed. ing., p. 176].

²²⁸ LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

teria podido parar em sete”)).²²⁹ De acordo com o filósofo, Crisipo, o mestre estoico, dizia que podemos sempre puxar dos dois lados, frear os cavalos quando a descida se acentua ou diminuir com uma mão quando aumentamos com a outra.

Não seria Humpty Dumpty o próprio mestre estoico? E Alice, a discípula? – sugere Deleuze, na vigésima série.²³⁰ “Quando é que a gente fica careca?”²³¹ – uma menina pergunta ao ovo, por curiosidade. “Ora, quando digo que alguém fica careca, quero dizer que ele se torna menos cabeludo do que era. Por isso mesmo, ele também é agora mais cabeludo do que se torna. De fato, não é ao mesmo tempo que ele *é* mais e menos cabeludo. Mas ele se torna um e outro enquanto está ficando careca. Há um devir-careca que não se detém nunca, sempre mais e menos, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Os cabelos vão caindo, caindo, até que um dia alguém diz: ‘veja, você está careca!’. É neste momento que o último fio de cabelo cai, quando o devir é fixado no presente através da linguagem, enquanto o sentido da proposição remete, a um só tempo, ao passado cabeludo e ao futuro careca. A linguagem fixa limites, mas é ela que tem a capacidade de ultrapassar estes limites e de restituir o devir-ilimitado que implica a queda de infinitos cabelos” – eis o que o mestre estoico poderia responder.

Buscamos mostrar, nas páginas anteriores, que a linguagem dos devires e dos acontecimentos – a linguagem das meninas – questiona a ordem da designação, da manifestação e da significação. O nome próprio, tal como aparece na primeira série, é a partícula designadora da manifestação do “eu” pessoal, que, por sua vez, se apoia em conceitos significados, como os de Deus e do mundo. Quando Alice perde o nome próprio, na ordem da fala, a manifestação do sujeito que diz “eu” se perde; ela não pode mais dizer “eu sou Alice”. Quando Alice perde o nome próprio, na ordem da língua, os conceitos não podem mais fundamentar a manifestação do “eu”, que designa Alice como sendo tal ou qual menina. Em suma, quando Alice perde o nome próprio, ela rompe o círculo da proposição, deixa de correr em círculos, com o objetivo de secar-se de suas próprias lágrimas. Assim, a perda do nome próprio é a consequência das transformações do corpo e da linguagem de uma menina, ou então, do paradoxo de Alice. A perda do nome próprio é, portanto, o acontecimento que marca o devir-menina do filósofo e puxa o devir-filósofo da menina, na medida em que ela se torna uma singularidade e se transforma em múltiplos personagens filosóficos.

Por toda parte, a filosofia deleuziana busca romper com o círculo do fundamento e seus pressupostos implícitos, que orientam a maneira de pensar e de viver. O círculo é um “mau

²²⁹ LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

²³⁰ LS, p. 145 [ed. fr., p. 167].

²³¹ A pergunta é colocada aos Estoicos e respondida por Crisipo. LS, p. 82 [ed. fr., p. 98].

começo”;²³² como em *Alice*, quando os animais, para se secarem da lagoa de lágrimas da menina, engajam-se em uma “**corrida** em comitê”. (Caso o leitor queira experimentar, em uma tarde chuvosa, a brincadeira se organiza da seguinte forma: primeiro, traçamos uma pista de corrida – “uma espécie de círculo” –; em seguida, espalhamos todo o grupo pela pista; por fim, não há “um, dois, três e já”: “começaram a correr quando bem entenderam e pararam também quando bem entenderam, de modo que não foi fácil saber quando a corrida havia terminado”).²³³ O problema do fundamento aparece na terceira série de paradoxos de *Lógica do sentido*, chamada “Da proposição”, em que o autor expõe três dimensões no interior da proposição e apresenta a sua circularidade.

O objetivo, neste tópico, é colher os elementos que permitam compreender a perda do nome próprio nas aventuras da filosofia, enfatizando por ora o devir-menina do filósofo. É preciso compreender em que medida as três dimensões da proposição formam um círculo do fundamento, chamado “círculo da proposição”, que é fundamentalmente moral. É rompendo o círculo que entramos na linguagem do puro devir e dos acontecimentos, enfim, na linguagem das meninas. Nas próximas páginas, acompanharemos de perto das teses de Deleuze elaboradas na terceira série, “Da proposição”.

A primeira dimensão da proposição, tal qual identificada por Deleuze, é chamada “designação” ou “indicação”. Trata-se da relação da proposição com um estado de coisas exteriores, em um procedimento direto. O estado de coisas é individuado,²³⁴ ou seja, comporta tal ou tal corpo, mistura de corpos, qualidades e quantidades, relações. A operação da designação é a associação das palavras com imagens particulares, ou seja, tal ou tal palavra relacionada à proposição, que correspondem ao complexo dado. A intuição designadora exprime-se por meio da alternativa: “é isto”, “não é isto”. Para operar a seleção de imagens e designar a imagem para cada estado de coisas, são indicadas algumas partículas linguísticas, que não são conceitos universais (como veremos no caso dos significantes, na terceira dimensão), mas singulares formais, que desempenham papéis de “designantes” ou de

²³² Foucault aponta para o problema do círculo do fundamento levantado por Deleuze em LS e DR: “há que abandonar o círculo, mau princípio de retorno, abandonar a organização esférica de todo [...]”. FOUCAULT, M. “Theatrum Philosophicum”. In: *Nietzsche, Freud e Marx & Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio Editora, 1997, p. 46.

²³³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 25 [ed. ing., 48]. A “corrida em comitê”, no inglês, chama-se “*a caucus-race*”, e aparece no terceiro capítulo de *Alice*.

²³⁴ A tradução de LS foi modificada. Trocamos a palavra “individual” por “individuado”, como consta no original: “*l'état de choses est individué, il comporte tel ou tel corps, des mélanges de corps, des qualités et quantités, des relations*”. LS, p. 13 [ed. fr., p. 22]. (Grifo do autor).

“indicadores”.²³⁵ As partículas linguísticas, que são os designantes ou indicadores formais, são: “isso”, “aquilo”; “ele”; “aqui”, “ali”; “ontem”, “agora”. Nesse caso, o “nome próprio” é o designante privilegiado, pois é o único que forma singularidades propriamente materiais.²³⁶ O critério lógico da designação é portanto o “verdadeiro” e o “falso”: “verdadeiro” significa que uma designação é efetivamente preenchida pelo estado de coisas, os designadores são efetuados ou a “boa imagem” selecionada; “verdadeiro em todos os casos” significa que o preenchimento ocorre, sem que haja necessidade de seleção; “falso” significa que a designação não está preenchida, ora por uma deficiência das imagens selecionadas, ora pela impossibilidade de produzir uma imagem associável às palavras. Por exemplo, quando Alice perde o nome próprio, ela desconfia de que foi trocada por uma de suas amigas, Ada, Mabel, ou seja lá quem for, pois o nome é uma forma vazia que serve para a seleção de imagens (as “boas imagens”), sob o critério do verdadeiro e do falso. Tais são os caracteres da primeira dimensão da proposição, a designação.

Em seguida, Deleuze identifica a segunda dimensão da proposição: a “manifestação”. Trata-se da relação da proposição com o sujeito que fala e que se exprime. O domínio é o do pessoal. A manifestação é definida como o enunciado dos desejos e das crenças que corresponde à proposição, operando pela inferência causal (e não por associações, como no caso da designação): o desejo é a causalidade interna de uma imagem no que se refere à existência do objeto ou estados de coisas correspondentes; a crença é a espera deste objeto ou estado de coisas, enquanto sua existência deve ser produzida por uma causalidade externa. Há um primado da manifestação com relação à designação: a primeira torna a segunda possível, as inferências formam uma unidade sistemática da qual as associações derivam. As partículas linguísticas são os “manifestantes”, tais como: “eu”, “tu”, “amanhã”, “sempre”, “alhures”, “em toda parte” etc. O Eu é o manifestante de base, assim como o nome próprio é um indicador privilegiado; não apenas os outros manifestantes se reportam a ele, mas também todo o conjunto dos designantes da primeira dimensão. Os manifestantes, a partir do Eu, constituem o domínio do pessoal, que serve de princípio a toda designação possível. Os valores lógicos da manifestação, representados pelo Cogito cartesiano, são: a “veracidade” e o “engano” (não mais o verdadeiro e o falso, como no caso da designação). Tais são as características da segunda dimensão da proposição, a manifestação.

²³⁵ Terminologia do linguista Émile Benveniste, mencionado por Deleuze. Cf. BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Editora da Unicamp; Pontes, 1988.

²³⁶ Como veremos afrente, a noção de “singularidades” ganha outros sentidos nas séries seguintes.

A terceira dimensão da proposição é a chamada “significação”. Trata-se da relação da palavra com conceitos universais ou gerais, e das ligações sintáticas de implicações de conceito. Deste ponto de vista, os elementos da proposição são considerados como “significando”²³⁷ implicações de conceitos, que podem remeter a outras proposições, capazes de servir de premissa à primeira. A significação opera por meio da ordem de implicação conceitual em que a proposição considerada intervém para “demonstrar” (no sentido mais geral da palavra) uma outra, seja como premissa, seja como conclusão. As partículas linguísticas são “implica” e “logo”: a “implicação” é a relação entre as premissas e a conclusão; “logo” é a asserção, que define a possibilidade de afirmar a conclusão por si mesma no final das implicações, sendo representada, por exemplo, pelo momento em que uma promessa é cumprida. A significação é encontrada em um procedimento indireto, isto é, na sua relação com outras proposições das quais é concluída, ou, inversamente, cuja conclusão ela torna possível. O valor lógico da implicação é a condição de verdade, ou seja, o conjunto das condições sob as quais uma proposição seria verdadeira. Nesse sentido, a proposição concluída pode atender à condição e de verdade e ser falsa, na medida em que designa um estado de coisas que não existe ou não é verificada diretamente. Com efeito, a significação fundamenta a verdade tornando o erro possível. A condição de verdade não se opõe ao falso, mas ao absurdo, ou seja, ao que é sem significação e não pode ser nem verdadeiro nem falso. A significação é, pois, a terceira dimensão da proposição.

Após a sistematização das três dimensões da proposição – a designação, a manifestação e a significação – Deleuze pergunta que dimensão fundamenta todas as outras, ou seja, qual delas é a mais fundamental, capaz de dar conta da gênese da proposição. Ora, se a manifestação do “eu” é fundadora, se ela é primeira em relação à designação, é de uma maneira muito particular. Segundo a clássica distinção feita entre “língua” (*langue*) e “fala” (*parole*), encontrada na linguística de Ferdinand de Saussure, a língua, o objeto da linguística, é um ato social e essencial, constituída por um sistema de signos, e a fala é um ato individual, acessório e mais ou menos accidental, que constitui o uso empírico deste sistema.²³⁸ Do ponto de vista da fala, o Eu é primeiro com relação às designações que ele fundamenta, e também às significações que o envolve. Na “ordem da fala”, as significações aparecem implícitas: elas não valem e não se desenvolvem por si mesmas, permanecendo subentendidas pelo Eu, sendo a significação

²³⁷ A tradução de LS foi modificada. Trocamos a palavra “significante” por “significando”, como consta no original: “*Du point de vue de la signification, nous considérons toujours les éléments de la proposition comme ‘signifiant’ des implications de concepts qui peuvent renvoyer à d’autres propositions, capables de servir de prémisses à la première*”. LS, p. 13 [ed. fr., p. 22]. Grifo nosso.

²³⁸ SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

imediatamente compreendida, idêntica à sua própria manifestação. “É só aí que o Eu é primeiro com relação aos conceitos – com relação ao mundo e a Deus”.²³⁹ Com efeito, a manifestação fundamenta a designação e a significação, mas a partir deste ponto de vista particular: a ordem da fala.

Do ponto de vista da língua, as significações são primeiras: fundamentam manifestação e valem por si mesmas. Uma proposição aparece como premissa ou conclusão, e como significante dos conceitos, antes mesmo de manifestar um sujeito ou de designar um estado de coisas. “É deste ponto de vista que conceitos significados, tais como Deus ou o mundo, são sempre primeiros relativamente ao Eu como pessoa manifestada e às coisas como objetos designados”.²⁴⁰ Benveniste mostra, segundo Deleuze, que a relação da palavra²⁴¹ com o conceito é a única necessária, e não arbitrária (como sustentava Saussure), tal como na designação e na manifestação; elas permanecem no arbitrário enquanto as consideramos diretamente, e só saem dele quando as referimentos à significação. A significação é pois primeira; na designação, a possibilidade de fazer variar as imagens particulares, de substituir uma imagem por outra sob a forma “é isto”, “não é isto”, só se explica pela constância do conceito significado; na manifestação, as crenças formam uma ordem de inferência ou deveres, distinta de uma simples urgência de necessidades e das opiniões. Com efeito, a manifestação das crenças através das palavras supõe conceitos e implicações de conceitos que tornam significativos tais desejos e as crenças. Na ordem da língua, portanto, as significações fundamentam a manifestação e a designação, na medida em que elas surgem como pressupostos implícitos, por meio de conceitos gerais como “Deus” ou “mundo” – primeiros em relação tanto à manifestação do Eu como aos estados de coisas designáveis.

No entanto, Deleuze ressalta um problema a respeito do primado da significação sobre a designação. “Quando consideramos uma proposição como concluída, fazemos dela objeto de uma asserção: deixamos de lado as premissas e a afirmamos por si mesma, independentemente. A proposição é relacionada ao estado de coisas que designa, independentemente das implicações que constituem sua significação”.²⁴² Para que isso ocorra, há pelo menos duas condições: 1. as premissas precisam ser postas como efetivamente verdadeiras, forçando-nos a sair da ordem da implicação para relacioná-las a um estado de coisas designado pressuposto. 2) ainda que as premissas A e B sejam verdadeiras, não podemos concluir a premissa Z em

²³⁹ LS, p. 16 [ed. fr., p. 26].

²⁴⁰ LS, p. 16 [ed. fr., p. 26].

²⁴¹ Em Benveniste, trata-se da “imagem acústica”.

²⁴² LS, p. 15 [ed. fr., p. 24].

questão, pois não é possível destacá-la de suas premissas e afirmá-la independentemente da implicação conceitual. A premissa Z só pode ser verdadeira se A, B, C são verdadeiras... até o infinito.

Este paradoxo aparece no texto “O que a Tartaruga disse a Aquiles”,²⁴³ de Lewis Carroll, publicado em 1895 e mencionado por Deleuze na terceira série de *Lógica do sentido*. Vale a pena desdobrar suas premissas. O conto, que narra um diálogo entre Aquiles e a Tartaruga, questiona os próprios fundamentos da lógica, referindo-se ao paradoxo de Zenão. Deleuze explica o paradoxo em uma aula do dia 02 de dezembro de 1980, no curso sobre Espinosa. Em resumo, Zenão de Eleia, discípulo de Parmênides e autor dos famosos paradoxos sobre o movimento, afirma que a flecha não atinge o alvo, Aquiles não alcança a Tartaruga. Para isso, utiliza-se do argumento, no primeiro caso, que consiste em dividir o percurso da flecha em dois; a segunda metade em dois, até o infinito. No entanto, sempre haverá uma distância, ainda que pequena, entre a flecha e o alvo. Da mesma forma, Aquiles cobre a metade da distância que o separa da tartaruga, tendo ainda que cobrir a metade do percurso restante; em seguida, metade do restante do restante, até o infinito: assim, Aquiles nunca alcançará a tartaruga.²⁴⁴

Entretanto, no conto carrolliano, Aquiles alcança a Tartaruga e senta-se confortavelmente sobre o seu casco. “Então você chegou ao fim de nossa corrida?” – disse a Tartaruga. – ‘Embora ela consista numa série de infinitas distâncias? Não houve aí um sabichão qualquer que provou que isso seria impossível de ser feito?’²⁴⁵ A Tartaruga propõe, então, um paradoxo, chamado por Deleuze de “paradoxo de Carroll”, baseado nos postulados de Euclides de Alexandria. (“Você é fã de Euclides?” – pergunta a Tartaruga. “Sou louco por ele! Até o ponto, é claro, em que se pode admirar um tratado que só será publicado daqui a vários séculos”).²⁴⁶ Tal paradoxo começa com duas premissas e uma conclusão, a saber: “(A) Duas coisas que são iguais a uma terceira são iguais entre si; (B) Os dois lados deste triângulo são

²⁴³ CARROLL, Lewis. What the Tortoise said to Achilles. In: *Alice's adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 1104-1108. Deleuze ressalta, em nota de rodapé, a vasta bibliografia encontrada acerca deste paradoxo, exaustivamente trabalhos por linguistas, lógicos, matemáticos, cientistas e filósofos. A referência deleuziana é aos comentários de Ernest Coumet, publicado no livro *Logique sans peine*, uma coletânea de desafios lógicos carrollianos publicada por Jean Gattegno, Ernest Coumet e Max Ernst. O objetivo deste trabalho não é o de fazer uma análise exaustiva dos paradoxos carrollianos, mas de elucidar os pontos importantes para a compreensão do livro, especificamente da importância dos paradoxos carrollianos na construção da concepção da linguagem em Deleuze. A leitura deleuziana dos paradoxos de Lewis Carroll nos ajudam a dar consistência à hipótese de que Alice esposa um movimento de puro devir na primeira série, saltando nas seguintes como um elemento paradoxal. Cf. CARROLL, L. *Logique sans peine*. GATTÉGNO, J.; COUMET, E.; ERNST, M. (org.). Paris: Éditions Hermann, 1968, pp. 281-288.

²⁴⁴ DELEUZE, G. Curso sobre Espinosa (aula do dia 02/10/1980).

²⁴⁵ CARROLL, Lewis. What the Tortoise said to Achilles. In: *Alice's adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 1104.

²⁴⁶ CARROLL, Lewis. What the Tortoise said to Achilles. In: *Alice's adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 1104.

iguais a um terceiro; (Z) Os dois lados deste triângulo são iguais entre si”.²⁴⁷ Iremos resumir o argumento: Z deduz-se logicamente de A e B; logo, se A e B são verdadeiros, Z é verdadeiro. Porém, considerando-se a sequência lógica como sendo válida, não há ainda necessidade de aceitar Z como verdadeiro. Para que isso ocorra, é preciso acrescentar à equação uma proposição hipotética: (C) se A e B são verdadeiros, Z deve ser verdadeiro. Aceitando-se C, temos: “(A) Duas coisas que são iguais a uma terceira são iguais entre si; (B) Os dois lados deste triângulo são iguais a um terceiro; (C) Se A e B são verdadeiros, Z deve ser verdadeiro; (Z) Os dois lados deste triângulo são iguais entre si”. Porém, nada ainda garante a necessidade de Z. Daí decorre mais uma proposição hipotética: (D) se A, B e C são verdadeiros, Z deve ser verdadeiro. Agora temos: “(A) Duas coisas que são iguais a uma terceira são iguais entre si; (B) Os dois lados deste triângulo são iguais a um terceiro; (C) Se A e B são verdadeiros, Z deve ser verdadeiro; (D) se A, B e C são verdadeiros, Z deve ser verdadeiro; (Z) Os dois lados deste triângulo são iguais entre si”. Como podemos perceber, esta equação segue ao infinito: eis o paradoxo de Lewis Carroll. “Em suma: de um lado, destacamos a conclusão das premissas, mas com a condição de que, de outro lado, acrescentemos sempre outras premissas das quais a conclusão não é destacável”.²⁴⁸ Com efeito, a implicação conceitual – a significação – só fundamenta a designação se ela aparece já pronta, uma vez nas premissas, outra na conclusão.

Estamos às voltas em um círculo, em uma corrida em círculos: da designação à manifestação, depois à significação; e da significação à manifestação e à designação. É possível localizar o sentido em uma dessas três dimensões da proposição, a designação, a manifestação e a significação? “Onde” está o sentido? Em que dimensão da proposição ele se encontra? A qual dimensão da proposição ele corresponde? Deleuze propõe uma caça ao sentido em cada uma das três dimensões. “O fato é que a tentativa de fazer aparecer esta quarta dimensão é um pouco como a **caça** ao Snark de Lewis Carroll. Ela é, talvez, esta própria caça e o sentido é o Snark”²⁴⁹ – escreve Deleuze, referindo-se ao conhecido poema *nonsense* carrolliano (que analisaremos ao enfrentar este monstro, mais afrente).

O sentido pode ser encontrado na primeira dimensão da proposição, a designação? De saída, Deleuze elimina esta opção. A designação é o que, sendo preenchida, faz com que a proposição seja verdadeira, e não preenchida, falsa. “Ora, o sentido evidentemente não pode consistir naquilo que torna a proposição verdadeira ou falsa, nem na dimensão onde se efetuam

²⁴⁷ CARROLL, Lewis. What the Tortoise said to Achilles. In: *Alice's adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 1105.

²⁴⁸ LS, p. 21 [ed. fr., p. 31].

²⁴⁹ LS, p. 21 [ed. fr., p. 31].

esses valores”.²⁵⁰ Além disso, a designação apenas suporta o peso da proposição se puder mostrar uma correspondência entre as palavras e as coisas ou estados de coisas designados. Lewis Carroll pergunta: como os nomes teriam um “correspondente”? O que significa para alguma coisa “responder” a seu nome? Se as coisas não respondem a seu nome, o que é que as impede de perder o nome? Assim procede o diálogo entre Alice e o Mosquito, que se desenrola em *Através do espelho*. “De que serve terem nomes” – pergunta o inseto – “se não atendem por eles?”. “Não serve de nada para eles” – diz Alice – “mas é útil para as pessoas que lhes dão nomes, suponho. Senão, para que afinal as coisas têm nome?’ ‘Isso eu não sei’ – responde o Mosquito – “lá longe, no bosque, elas não têm nome nenhum...”.²⁵¹ Nas palavras de Deleuze, “o que é que sobraria então, salvo o arbitrário das designações às quais nada responde e o vazio dos indicadores ou dos designantes formais do tipo ‘isso’ – tanto uns como os outros destituídos de sentido?”. O sentido não pode ser encontrado na designação, visto que toda designação supõe o sentido: instalamo-nos de súbito no sentido para operar toda designação.

O que leva ainda ao “paradoxo da regressão ou proliferação infinita”, exposto na quinta série, “Do sentido”. “Quando designo alguma coisa, suponho sempre que o sentido é compreendido e já está presente. Como diz Bergson, não vamos dos sons às imagens e das imagens ao sentido: instalamo-nos logo ‘de saída’ em pleno sentido”.²⁵² Segundo Deleuze, o sentido é como a esfera em que nos instalamos para operar as designações possíveis e para pensar suas condições. Vimos que o sentido está sempre pressuposto desde que o eu começa a falar, o eu não poderia começar sem essa pressuposição. Nas palavras do autor, nunca digo o sentido daquilo que digo. Porém, é possível tomar o sentido do que digo como objeto de uma outra proposição, da qual, por sua vez, não digo o sentido. Trata-se da regressão infinita do pressuposto. “Esta regressão dá testemunho, ao mesmo tempo, da maior impotência daquele que fala e da mais alta potência da linguagem: minha impotência em dizer o sentido do que digo, em dizer ao mesmo tempo alguma coisa e seu sentido, mas também o poder infinito da linguagem de falar sobre as palavras”.²⁵³ Em suma: sendo dada uma proposição que designa um estado de coisas, podemos sempre tomar seu sentido como o designado de uma outra proposição.

Será que o sentido pode ser encontrado na manifestação? Como vimos, os designantes adquirem sentido em função de um Eu que se manifesta na proposição. O Eu é primeiro, pois

²⁵⁰ LS, p. 21 [ed. fr., p. 28].

²⁵¹ CARROLL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 141 [ed. ing., p. 224].

²⁵² LS, p. 31 [ed. fr., pp. 41-42].

²⁵³ LS, p. 31 [ed. fr., p. 41].

ele faz começar a fala; como observa Alice, em uma passagem mencionada por Deleuze: “se você só falasse quando lhe falassem, e a outra pessoa sempre esperasse você começar, veja, nunca ninguém diria nada, de modo que...”²⁵⁴ É mesmo possível concluir daí que o sentido reside na crença ou desejos daquele que se exprime, isto é, do Eu; como observa Humpty Dumpty: “quando *eu* uso uma palavra, ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos [...] A questão é saber quem vai mandar – e isso é tudo.”²⁵⁵ Porém, a ordem das crenças e dos desejos da manifestação está fundada na ordem das implicações conceituais da significação. Além disso, a identidade do eu que fala ou que diz “Eu” não é garantida a não ser pela permanência de certos significados, tais como os conceitos de Deus e do mundo. Na ordem da fala, o Eu é primeiro, embora derive das significações na ordem da língua. Deleuze explica, nestes termos: “se estas significações se abalam, ou não são estabelecidas em si mesmas, a identidade pessoal se perde – experiência dolorosa por que passa Alice – em condições em que Deus, o mundo e o eu se tornam os personagens indecisos do sonho de um alguém indeterminado”.²⁵⁶ (“Além disso, se *sou* só uma espécie de coisa no sonho dele, gostaria de saber o que *vocês* são?” ‘Idem’ disse Tweedledum. ‘Idem, ibidem’, gritou Tweedledee”).²⁵⁷

Resta a significação. Porém, se identificarmos o sentido à significação, somos arremessados no círculo da proposição e reduzidos ao paradoxo de Carroll, a que já mencionamos: a significação não pode exercer o papel de fundamento e pressupõe uma designação. Além disso, Deleuze aponta para uma razão mais geral pela qual a significação faz círculo com o fundado: se definimos a significação como condição de verdade, damos-lhe um caráter que já é o do sentido. Como a significação assume esse caráter? Na condição de verdade, elevamo-nos acima do verdadeiro e do falso, uma vez que uma proposição falsa tem um sentido ou uma significação. Mas, ao mesmo tempo, definimos esta condição superior somente como a possibilidade para a proposição de ser verdadeira. A possibilidade para uma proposição ser verdadeira é uma forma de possibilidade da proposição mesma: “[...] trata-se de um estranho empreendimento, que consiste em elevarmos do condicionado a condição como simples possibilidade do condicionado”.²⁵⁸ Com efeito, elevamo-nos a um fundamento, mas o fundado

²⁵⁴ CARROLL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 208 [ed. ing., p. 318].

²⁵⁵ CARROLL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 177 [ed. ing., p. 269].

²⁵⁶ LS, p. 19 [ed. fr., p. 29].

²⁵⁷ CARROLL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Introdução e notas de Martin Gardner. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 155 [ed. ing., p. 238].

²⁵⁸ LS, p. 20; ed. fr., pp. 34.

continua a ser o que era, independentemente da operação que o funda, sem ser afetado por ela: assim, a designação permanece exterior à ordem que a condiciona; o verdadeiro e o falso permanecem indiferentes ao princípio que só determina a possibilidade de um deles deixando-o substituir na sua antiga relação com o outro. Desse modo, remetemos o condicionado à condição, mas também a condição ao condicionado. “Para que a condição de verdade escape a este defeito, será preciso que ela tenha alguma coisa de incondicionado, capaz de assegurar uma gênese real da designação e das outras dimensões da proposição”.²⁵⁹ A crítica ao possível é inspirada na crítica que Bergson faz a Kant sobre a forma de possibilidade. O condicionamento é limitação do campo em que a condição se exerce legitimamente sobre o condicionado.²⁶⁰ “Então a condição de verdade seria definida não mais como forma de possibilidade conceitual, mas como matéria ou ‘camada’ ideal, isto é, não mais como significação, mas como sentido”.²⁶¹ Em suma, a condição de possibilidade pode ser a forma de possibilidade (significação) ou a gênese (sentido). Em Deleuze, lógica quer dizer gênese, isto é, a condição é genética. “Todo o problema é saber como o sentido advém para a linguagem e as coisas das quais ela fala”²⁶² – explica Lapoujade.

Então, onde está o sentido? Deleuze situa o sentido como uma dimensão específica da proposição, que não se deixa reduzir à designação ou indicação (relação da proposição com um estado de coisas exterior, dado), nem à manifestação (relação da proposição com o sujeito que fala ou que se exprime), nem à significação (relação da proposição com conceitos universais). Ele surge como a quarta dimensão da proposição. “Os Estoicos descobriram esta dimensão suplementar com o acontecimento: o sentido é o *expresso da proposição*, este incorporal na superfície das coisas, entidade complexa irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição”.²⁶³ Deleuze afirma que os Estoicos o definiram como: “nem palavra, nem corpo, nem representação sensível, nem *representação racional*”.²⁶⁴ Ele seria de uma outra natureza: acontecimento-incorporal. É somente rompendo o círculo, como fazemos com o anel de Moebius, que a dimensão do sentido aparece por si mesma e na sua irreduzibilidade, mas também em seu poder de gênese, animando então um modelo *a priori* da proposição. O sentido

²⁵⁹ LS, p. 20 [ed. fr., pp. 34].

²⁶⁰ LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2017, p. 308.

²⁶¹ LS, p. 20 [ed. fr., pp. 34].

²⁶² LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2014, p. 121.

²⁶³ LS, p. 20; ed. fr., pp. 34. Deleuze cita um segundo momento em que se identificou o sentido ao efeito incorporal, no século XIV, com a escola de Ockham, por Gregório de Rimini e Nicolas d’Autrecourt, e em um terceiro momento, no fim do século XIX, pelo filósofo e lógico Meinong. A descoberta estoica supõe uma reversão do platonismo, a lógica ockhamiana reage contra os problemas dos universais, Meinong contra a lógica hegeliana e sua descendência.

²⁶⁴ LS, p. 20; ed. fr., pp. 34.

é o exprimível ou o expresso da proposição e o atributo do estado de coisas. O sentido é a fronteira entre a proposição e as coisas. Deleuze abre a linguagem para o mundo, para as coisas. Já começamos a nossa subida, dando vez ao devir-filósofo da menina.

Para realizar sua leitura do estoicismo antigo, Deleuze recorre ao historiador da filosofia Emile Bréhier, sobretudo ao breve e denso *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Nas próximas páginas, iremos cruzar este ensaio com *Lógica do sentido*, com ênfase na leitura deleuziana da dualidade estoica. É preciso inicialmente prestar bastante atenção a uma aula. (“‘Sentem-se os dois e não digam uma palavra até eu terminar’. Sentaram-se então, e ninguém falou por alguns minutos. Alice pensou consigo: ‘Não vejo como ele pode terminar, se *sequer* começa.’ Mas esperou pacientemente”).²⁶⁵ “Você caminha na **floresta** densa, você sente medo” – conta o filósofo.²⁶⁶ (“Alice estava a ponto de se levantar e dizer ‘Muito obrigada, Sir, por sua interessante história’, mas, como não conseguia deixar de acreditar que *tinha* de vir mais alguma coisa, ficou quieta e não disse nada”).²⁶⁷ “Enfim você avança e pouco a pouco a floresta se aclara, você está contente. Você chega a um local e diz: ‘ufa, eis a orla’. A orla da floresta é um limite”.²⁶⁸

Em uma aula ministrada em Vincennes, no dia 17 de fevereiro de 1981, Deleuze fornece o exemplo da floresta. Mas seria mesmo um exemplo?²⁶⁹ Retomemos, de modo breve, parte desta argumentação. A floresta é contornada pela orla, a orla é o limite da floresta. Segundo Deleuze, em Platão, o limite é o contorno de uma figura; desse modo, a floresta seria limitada por sua forma mesma. A essência de uma coisa é a forma relacionada a seu limite concebido como contorno. Tal perspectiva é inseparável de um idealismo, pois a Ideia é a Forma mesma, independentemente do que se encontra entre os limites da figura em termos de material ou de cor, por exemplo. Assim, esta concepção de limite (como contorno) encontra sua confirmação na abstração filosófica na teoria das Ideias, que fornece um fundamento sólido para a edificação de conceitos. Em Platão, a noção de limite é, portanto, essencial aos corpos e aos conceitos; o último termo funda as condições do primeiro, em uma relação de causalidade e de imitação.

²⁶⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 76 [ed. ing., p. 126].

²⁶⁶ DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 194-195.

²⁶⁷ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 76 [ed. ing., p. 126].

²⁶⁸ DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 194-195.

²⁶⁹ A pergunta é colocada na segunda série de LS: “por que os exemplos do estoicismo continuam a inspirar Lewis Carroll? A árvore verdeja, o escalpelo corta, a batalha será ou não travada...? É diante das árvores que Alice perde seu nome. É para uma árvore que Humpty Dumpty fala sem olhar Alice. E as falas anunciam batalhas. E por toda parte ferimentos, cortes. Mas serão mesmo exemplos? “Ou então será que todo acontecimento não é deste tipo, floresta, batalha, ferimento, sendo tudo tanto mais profundo quanto mais *isso* se passe na superfície, incorporal de tanto margear os corpos?”. LS, p. 11 [ed. fr., p. 20].

Nesse sentido, a Ideia-Forma fornece as definições que um corpo deve cumprir para existir: ele pode ser o que quiser, desde que não ultrapasse os limites de seu contorno, e, com efeito, não é apenas um único ser que é determinado pela lei que define os termos, mas uma “multiplicidade sem fim”.²⁷⁰

Segundo Deleuze, com base em Bréhier, os Estoicos se situam em uma outra perspectiva, diferente daquela defendida por Platão. De saída, eles abandonam a teoria das Ideias e afastam o limite dos seres ou corpos para fora da realidade. Com este abandono, não há mais uma definição que engendraria uma multiplicidade infinita de seres, tampouco uma lei que os delimitariam, à qual deveriam obedecer. Não se estabelece uma relação de causalidade entre as Ideias e os corpos; na medida em que não há mais Ideia no sentido platônico, a noção de limite não define mais uma forma no real. No estoicismo, “o limite de alguma coisa é o limite de sua ação, e não o contorno de sua figura”.²⁷¹ A esse respeito, Bréhier constata que, nas matemáticas, aparentemente o triunfo do platonismo, “as figuras são consideradas não mais como provindo de uma definição que permite construí-las, mas como extensão no espaço de uma força interna que se desdobra”.²⁷² A reta, por exemplo, não é limitada por dois pontos: é uma linha “esticada até a extremidade”.²⁷³ Como seria ainda possível delimitar o ponto preciso em que a floresta termina e a vila começa? Nesta nova visão de mundo, inaugurada pelo estoicismo antigo, a floresta é definida pelo limite de sua ação, e não pelo contorno de sua figura: “quando ela não pode mais penetrar sobre o terreno, ela se aclara”²⁷⁴ – diz Deleuze. A floresta faz crescer as árvores até que elas não podem mais verdejar. “Até onde irás?”²⁷⁵ – eis a pergunta que fazemos a uma floresta. (“E o cajueiro ainda faz flores...” – diz Brejeirinha, uma menina estoica – “observava da árvore não se interromper mesmo assim, com essas aguaceirices, de durante dias, a chuvinha no bruaar e a pálida manhã do céu”).²⁷⁶

Agora, consideremos outro exemplo, o favorito dos Estoicos, narrado por Deleuze, na mesma aula citada: “uma semente de girassol perdida em um muro é capaz de fazer saltar esse muro. Uma coisa que tinha tão pequeno contorno. Até onde vai a semente do girassol, quer dizer, até onde vai a sua superfície?”.²⁷⁷ Se Platão responderia, de um lado, que a superfície

²⁷⁰ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 19 [ed. fr., p. 03].

²⁷¹ CS, p. 195.

²⁷² BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 22 [ed. fr., p. 05].

²⁷³ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 22 [ed. fr., p. 05].

²⁷⁴ DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 195.

²⁷⁵ DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 195.

²⁷⁶ ROSA, G. “Partida do audaz navegante”. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 167.

²⁷⁷ DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 194.

está aí onde termina a semente, os Estoicos refutariam, de outro lado, que isto enuncia precisamente o que a semente *não é*. Em sua crítica à teoria das Ideias, o estoicismo afirma que o platonismo é bastante eficaz em dizer o que as coisas não são; mas não diz nada sobre o que elas, de fato, são. Nesta perspectiva radical, elucidada por Bréhier, a definição de algo é a ação, o esforço contraído, sua força embrionária, ligada ao próprio corpo no qual ela constitui a causa, assim como a vida só pode estar no ser vivo.²⁷⁸ A força, que constitui os corpos em profundidade, não vem de fora, nem causa uma maneira de ser: “ela determina a forma exterior do ser, seus limites, não ao modo do escultor que faz uma estátua, mas como um gérmen que se desenvolve até certo ponto do espaço, e somente até este ponto, as suas capacidades latentes”.²⁷⁹ As coisas se definem por diferentes tensões, tons e matizes; um círculo, conforme o exemplo deleuziano, não se estende no espaço da mesma maneira se é de madeira ou de mármore, vermelho ou azul.²⁸⁰ Existe no pensamento estoico uma tensão latente que vibra em profundidade, como o gérmen de uma semente, brotando até atingir o limite de sua ação sobre a superfície da terra.

Para os Estoicos, ao contrário de Platão e Aristóteles, a realidade age e padece nos corpos. Segundo esta visada, tudo que existe é corpo: as virtudes, a razão, a dialética, a alma, a filosofia... Tudo é corpo, com suas tensões, suas qualidades e propriedades físicas, suas relações, suas ações e paixões. “Mundo sombrio e agitado, o dos corpos...”.²⁸¹ Na profundidade dos corpos há misturas, que em geral determinam estados de coisas, quantitativos e qualitativos. Deleuze escreve, em *Diálogos*: “tudo é mistura de corpo, os corpos se penetram, se forçam, se envenenam, se imiscuem, se retiram, se reforçam ou se destroem, como o fogo penetra no ferro e o torna vermelho, como o comedor devora sua presa, como o apaixonado se afunda na amada”.²⁸² As misturas determinam estados de coisas, quantitativos e qualitativos: “as dimensões de um conjunto ou o vermelho do ferro, o verde de uma árvore”.²⁸³

Além disso, não há relação de causa e efeito entre os corpos, ou seja, um corpo não pode ser efeito de outro corpo: todos os corpos são causas, uns com relação aos outros e uns para os outros. Nesse sentido, a causa (agente) é um corpo e o que sofre a ação dessa causa é também um corpo (paciente). Todos os corpos, no limite, são absorvidos em função de um Fogo

²⁷⁸ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 22 [ed. fr., p. 05].

²⁷⁹ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 22 [ed. fr., p. 05].

²⁸⁰ CS, p. 195.

²⁸¹ D, p. 76 [ed. fr., p. 51].

²⁸² D, p. 76 [ed. fr., p. 51].

²⁸³ LS, p. 06 [ed. fr., p. 15].

primordial, e se desenvolvem segundo sua tensão respectiva, pois, segundo Bréhier, “o ser primordial é o fogo, a razão seminal do mundo”.²⁸⁴

Acerca da temporalidade dos corpos e das misturas profundas, é preciso fazer algumas observações. No estoicismo, como mostram Deleuze e Bréhier, em estudos separados, não há uma sucessão de passado, presente e futuro, mas duas dimensões simultâneas do tempo. A primeira é a de Cronos, o tempo dos corpos e dos estados de coisas. De acordo com Cronos, em primeiro lugar, só o presente existe, enquanto o passado e o futuro subsistem. “Passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo”.²⁸⁵ O presente reabsorve o passado e o futuro e, com reabsorções cada vez mais profundas, ganha os limites do Universo inteiro para se tornar um presente vivo cósmico. Há portanto um presente cósmico que une os corpos entre si, o princípio ativo e o princípio passivo, que por sua vez reabsorvem-se em um mesmo Fogo primordial: “só os corpos existem no espaço e só o presente no tempo”.²⁸⁶ Na medida em que o passado e o futuro são relativos ao presente, os próprios presentes são relativos uns aos outros, em uma dupla leitura do tempo: “o deus vive como presente o que é futuro ou passado para mim, que vivo sobre presentes mais limitados. Um encaixamento, um enrolamento de presentes relativos, tal é Cronos”.²⁸⁷ De acordo com esta primeira formulação, só o presente existe no tempo.

Em segundo lugar, o presente em Cronos é, de certo modo, corporal. O presente é o tempo da ação dos corpos, ele acompanha a ação e dura tanto quanto ela, mas é limitado como a própria ação: o presente é uma porção limitada de passado e futuro.²⁸⁸ O tempo presente exprime e mede a ação do agente e a paixão do paciente; o passado é o tempo no qual eu realizei uma ação; e o futuro é uma suposição, determinado de modo tão rigoroso como o passado. Uma passagem de Diógenes Laércio, mencionada por Bréhier, afirma: “o passado e o futuro são ilimitados, mas o presente é limitado”,²⁸⁹ que mede a ação dos corpos como causas e o estado de suas misturas em profundidade. A paixão de um corpo remete à ação de um corpo mais potente, e ao maior presente, ao presente divino: a grande mistura, a unidade das causas corporais entre si. O maior presente não é pois ilimitado, na medida em que mede a atividade

²⁸⁴ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 31 [ed. fr., p. 11].

²⁸⁵ LS, p. 167 [ed. fr., p. 190].

²⁸⁶ LS, p. 167 [ed. fr., p. 190].

²⁸⁷ LS, p. 167 [ed. fr., p. 190].

²⁸⁸ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 101 [ed. fr., 58].

²⁸⁹ BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 101 [ed. fr., 58].

do período cósmico em que tudo é simultâneo: “pertence ao presente delimitar, ser o limite ou a medida da ação dos corpos, ainda que fosse o maior dos corpos ou a unidade de todas as causas (Cosmos)”.²⁹⁰ Com efeito, Cronos é o tempo dos corpos, das misturas e das incorporações.

Em terceiro lugar, Cronos é o movimento regulado dos presentes vastos e profundos. Porém, de onde advém sua medida? Deleuze pergunta, na vigésima terceira série, se não haveria uma perturbação fundamental do presente, isto é, um fundo que derruba e subverte toda medida, “um devir-louco das profundidades que se furta ao presente”.²⁹¹ O que nos leva ao problema estoico das misturas em profundidade, que apresentaremos brevemente abaixo.

O problema moral dos estoicos das misturas corporais aparece na décima oitava série, a que já mencionamos, e que ajuda a compreender este ponto. No estoicismo, tudo é corpo e misturas corporais. Sabemos que, no estoicismo antigo, não há uma medida em altura, uma Ideia que permitiria definir boas e más misturas, como no platonismo. Não há mais medida imanente capaz de fixar a ordem e a progressão de uma mistura nas profundidades da *Physis*, como no pré-socratismo. Com efeito, não há regras segundo as quais uma mistura pode ser considerada boa e a outra má: “toda mistura vale o que valem os corpos que se penetram e as partes que coexistem”.²⁹² Isso implica um problema profundo: “como condenar o incesto e o canibalismo, neste domínio em que as paixões são elas próprias corpos que penetram outros corpos e a vontade particular um mal radical?”. Alice, a princesa dos canibais?

Eis que Crisipo, de acordo com Deleuze, distingue duas espécies de misturas: as “misturas imperfeitas”, que alteram os corpos, e as “misturas perfeitas”, que os deixam intactos e os fazem coexistir em todas as suas partes. A unidade das coisas corporais entre elas define uma mistura perfeita: tudo é justo no presente cósmico. Contudo, a ordem de sua causalidade só se encontra diretamente ligada na ordem do todo, observadas todas as combinações ao mesmo tempo. Portanto, os corpos compreendidos na particularidade de seus presentes limitados não se encontram diretamente nesta ordem. Assim, toda mistura pode ser dita boa ou má, a um só tempo: “boa” na ordem do todo, mas “imperfeita” ou “má” nos encontros parciais, do ponto de vista das partes que se encontram, que se penetram e coexistem.

Dizíamos que, no estoicismo antigo, tudo é corpo. Menos o que *não é*... Ora, todos os corpos são causas entre si, mas causas de que? São causa de certos efeitos, que não são corpos; os efeitos são de uma natureza completamente diferente: “incorporais”. Os incorporais não

²⁹⁰ LS, p. 168 [ed. fr., p. 191].

²⁹¹ LS, p. 168 [ed. fr., p. 191].

²⁹² LS, p. 134 [ed. fr., p. 156].

podem, por natureza, nem agir nem padecer, já que não possuem uma atividade interna, produtora; são apenas efeitos, resultados de uma causa corporal. Por isso, um incorporal não padece com um corpo, nem um corpo com um incorporal. Estes resultados de ações e paixões dos seres não são coisas ou estados de coisas: são “acontecimentos”.²⁹³ Não são seres nem uma de suas propriedades, mas o que é dito ou afirmado do ser: “atributos” lógicos ou dialéticos. Eles não existem, como os corpos; eles subsistem ou insistem nas proposições. São verbos, tais como “crescer”, “diminuir”, “verdejar”, “cortar”, “ser cortado”, “enrubescer”, “morrer”, “amar”... Não se trata de estados de coisas ou misturas corporais profundas, mas acontecimentos incorporais na superfície, resultados dessas misturas.²⁹⁴ Fugindo do platonismo e do aristotelismo, o estoicismo antigo encena, pela primeira vez na história da filosofia, a noção de incorporal, excluindo-o dos seres reais, dos corpos.²⁹⁵

Com relação ao tempo, os incorporais não são presentes vivos, mas infinitivos: “*Aion* ilimitado, devir que se divide ao infinito em passado e em futuro, sempre se esquivando do presente”.²⁹⁶ Com efeito, o tempo é apreendido duas vezes, de maneira complementar: “inteiro como presente vivo nos corpos que agem e padecem, mas inteiro também como instância infinitamente divisível em passado-futuro, nos efeitos-incorporais que resultam dos corpos, de suas ações e de suas paixões”.²⁹⁷ Como vimos, só o presente existe no tempo e reúne o passado e o futuro (Cronos), mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente, o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo (*Aion*).²⁹⁸ Ou antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem uns com relação aos outros o futuro e o passado.

Para desenvolver o conceito de incorporal, Deleuze menciona, na segunda série, “Dos efeitos de superfície”, um exemplo fornecido por Bréhier: o de cortar/ser cortado. O “corte” não é o corpo cortado nem o corpo que corta, tampouco a mistura entre eles: “quando o escalpelo corta a carne, o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o de ser cortado”²⁹⁹ – escreve o comentador, na passagem citada pelo filósofo. O atributo, na perspectiva estoica, não designa nenhuma qualidade real, ele não é um

²⁹³ LS, p. 05 [ed. fr., p. 15].

²⁹⁴ LS, p. 07 [ed. fr., p. 13].

²⁹⁵ BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 33 [ed. fr., p. 12].

²⁹⁶ LS, p. 06 [ed. fr., p. 14].

²⁹⁷ [Encontrar referência].

²⁹⁸ LS, p. 64 [ed. fr. p. 77].

²⁹⁹ BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, pp. 32-33 [ed. fr., pp. 11-12].

ser, mas é, antes, expresso por um verbo, que expressa uma “maneira de ser”. “Essa maneira de ser encontra-se, de certa forma, no limite, na superfície do ser, e não pode mudar sua natureza”.³⁰⁰ Os incorporais, os efeitos de superfície, não afetam a natureza dos corpos, suas causas corporais. Não são ativos nem passivos, pois a passividade supõe um corpo que sofre uma ação, uma instância imóvel que entraria em movimento. O comentador resume a dualidade estoica: de um lado, a “força”, na profundidade dos corpos; de outro lado, os “fatos”, que se produzem na superfície do ser e que instituem uma “multiplicidade sem laço e sem fim de seres incorporais”.³⁰¹ “O gênio de uma filosofia se mede em primeiro lugar pelas novas distribuições que impõem aos seres e aos conceitos” – homenageia Deleuze – “Os Estoicos estão em vias de traçar, de fazer passar uma fronteira onde nenhuma havia sido jamais vista: neste sentido, deslocam toda a reflexão”.³⁰²

A homenagem aos Estoicos é feita não sem justificativa. Essa nova dualidade – corpos/estados de coisas e efeitos/acontecimentos incorporais – implica uma reversão radical na história da filosofia. Na metafísica aristotélica, por exemplo, todas as categorias se constroem em função do Ser, que é empregado em vários sentidos. O contraste passa a ser entre a “substância” (*ousía*, também traduzida como “entidade” ou “essência”) e as outras categorias que lhe são relacionadas como “acidentes” (*symbebêkós*, literalmente “o que caminha com”). Em oposição a tal visada, o estoicismo postula que os estados de coisas (as figuras de predicação, em Aristóteles), não são menos seres que a substância; ao contrário, eles fazem parte da substância. O atributo incorporeal não é um ser, tampouco qualifica um ser, ele é uma espécie de “extra-ser” (termo tomado emprestado de Alexius Meinong), para além do ser e do não-ser. Para os Estoicos, portanto, “as coisas são corpos”, o ser está nos corpos, é causa ativa que age e vive neles.

O que interessa a Deleuze, em sua leitura particular, é que os Estoicos fazem a primeira grande reviravolta do platonismo.³⁰³ Nesta clivagem na relação causal – as causas corporais e os efeitos-incorporais –, os corpos, com seus estados, qualidades e quantidades, assumem todos os caracteres da substância e da causa. Desse modo, a Ideia, destituída da posição de mais alta causa, é lançada para o outro lado, para a série dos efeitos, que se estendem na superfície dos

³⁰⁰ BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, pp. 32-33 [ed. fr., pp. 11-12].

³⁰¹ BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 34 [ed. fr., p. 13].

³⁰² LS, p. 07 [ed. fr., p. 15].

³⁰³ “*Mais plus encore, les Stoïciens procèdent au premier grand renversement du platonisme, au renversement radical*”. LS, p. 08 [ed. fr., p. 16]. (Grifo nosso).

corpos: “o ideal, o incorporal não pode ser mais do que um ‘efeito’”.³⁰⁴ A consequência remete ao projeto deleuziano de reversão ao platonismo. Vimos que, em Platão, há uma dualidade subterrânea, na profundidade dos corpos, entre as cópias e os simulacros. No diálogo *Parmênides*, o próprio Platão coloca em questão a teoria das Ideias, quando Sócrates pergunta se haveria Ideia de qualquer coisa, mesmo do pelo, da sujeira, da lama. No entanto, no platonismo, esta “alguma coisa” ainda murmura, nunca é suficientemente escondida no fundo da caverna e em abismos obscuros, “repelida na profundidade dos corpos, mergulhada no oceano”.³⁰⁵ Com os Estoicos, há portanto duas operações mutualmente imbricadas, salientadas por Deleuze: a destituição da Ideia de sua eficácia causal, que recai na superfície dos corpos como efeitos-incorporais destas misturas, e a emergência do reino dos devires, com seus simulacros e fundos falsos, que conquistam seus direitos como causa de todos os corpos. “*Eis que agora tudo sobe à superfície*”.³⁰⁶

Como resultado da operação estoica, o simulacro muda de natureza. “O devir-louco, o devir-ilimitado não é mais um fundo que murmura, mas sobe à superfície das coisas. Não se trata mais de simulacros que escapam do fundo e se insinuem por toda parte, mas de efeitos que se manifestam e desempenham seu papel”.³⁰⁷ O simulacro se torna “efeito”, no sentido causal de efeito de superfície, mas também no sentido de “efeitos” sonoros, ópticos ou de linguagem – “e menos ainda, ou muito mais, uma vez que eles não têm mais nada de corporal e são agora toda ideia...”.³⁰⁸ O que se furtava à Ideia subiu à superfície, limite incorporal. Os simulacros mudam de natureza e se tornam o próprio acontecimento-incorporal. Eles deixam de ser os rebeldes subterrâneos, fazem valer seus efeitos, na superfície da terra. Não há mais o julgamento dos simulacros, na medida em que não há mais distinção entre as boas e as más cópias, entre os que recebem os comandos da Ideia e aqueles que se subtraem a esta ação. Trata-se de uma nova visão de mundo em contraposição à visão moral platônica. “Os estoicos descobriram os efeitos de superfície”.³⁰⁹

É uma nova dimensão que emerge na reversão do platonismo: a superfície. Na décima oitava série, “Das três imagens de filósofos”, Deleuze enfatiza a dimensão superficial nesta reversão: “é uma reorientação do pensamento e do que significa pensar: *não há mais nem profundidade nem altura*”.³¹⁰ Os Estoicos e os Cínicos zombam de Platão de inúmeras formas:

³⁰⁴ LS, p. 08 [ed. fr., p. 16]. (Grifo do autor).

³⁰⁵ LS, p. 08 [ed. fr., p. 16].

³⁰⁶ LS, p. 08 [ed. fr., p. 17]. (Grifo do autor)

³⁰⁷ LS, p. 08 [ed. fr., p. 17].

³⁰⁸ LS, p. 08 [ed. fr., p. 17].

³⁰⁹ LS, p. 08 [ed. fr., p. 16].

³¹⁰ LS, p. 134 [ed. fr., p. 155].

“trata-se sempre de destituir as Ideias e de mostrar que o incorporal não está na altura, mas na superfície, que não é a mais alta causa, mas efeito superficial por excelência, que ele não é Essência, mas acontecimento”.³¹¹ O humor se torna a arma dialética contra a ironia socrática, com sua aparência de contrariedade e o seu mito fundador. “O platonismo sofre uma reorientação total análoga: ele que pretendia aprofundar ainda mais o mundo pré-socrático, reprimi-lo ainda mais, esmagá-lo sob todo peso das alturas, se vê destituído de sua própria altura e a Ideia recai na superfície como simples efeito-incorporal”.³¹² “É a grande descoberta estoica, ao mesmo tempo contra os pré-socráticos e contra Platão: a autonomia da superfície, independentemente da altura e da profundidade; a descoberta dos acontecimentos incorporais, sentidos ou efeitos, que são irredutíveis aos corpos profundos e às Ideias altas”.³¹³

Quando o Coelho passa correndo, dizendo “Alice cresce!”, ele anuncia sua paixão por paradoxos, charadas e enigmas – à maneira estoica. O País das Maravilhas é atravessado por eles: “por que um corvo se parece com uma escrivainha?” – pergunta o anfitrião do Chá Maluco – “Já decifrou o enigma?”, indagou o Chapeleiro, voltando-se de novo para Alice. ‘Não, desisto’, Alice respondeu. ‘Qual é a resposta?’ ‘Não tenho a menor ideia’, disse o Chapeleiro. ‘Nem eu’, disse a Lebre de Março”.³¹⁴ Assim também funciona o pensamento e a linguagem de uma menina: “Brejeirinha pulou, por pirueta. – *‘Eu sei por que é que o ovo se parece com um espeto!’* – ela vivia em álgebra. Mas não ia contar a ninguém”.³¹⁵ O objetivo deste tópico é compreender as características do paradoxo. Para isso, será necessário investigar a espécie de **monstro** que habita a superfície.

Lógica do sentido retoma e renova diversos paradoxos da história da filosofia, e sobretudo cria uma série deles. O paradoxo ocupa um lugar especial na filosofia de Deleuze. Na aula do dia 02 de dezembro de 1980, no curso sobre Espinosa antes mencionado, o filósofo

³¹¹ LS, p. 134 [ed. fr., p. 155].

³¹² Acrescentamos a fase “esmagá-lo sob todo o peso das alturas”, que foi omitida na tradução de LS. Segue a passagem, no original: “[...] *le platonisme subit une ré-orientation totale analogue: lui qui prétendait enfoncer encore plus le monde présocratique, le refouler encore mieux, l’écraser sous tout le poids des hauteurs, se voit destitué de sa propre hauteur, et l’Idée retombe à la surface comme simple effet incorporal*”. LS, p. 136 [ed. fr., p. 158]. Grifo nosso.

³¹³ LS, p. 136 [ed. fr., p. 158].

³¹⁴ No original: “*why is a raven like a writing-desk?*?”. CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 55 e 57 [ed. ing., p. 95 e 97]. Na edição comentada de *Alice & Através do espelho*, Martin Gardner conta que próprio Lewis Carroll, no prefácio à edição de 1896, fornece a resposta do famoso enigma do Chapeleiro Louco (“*because it can produce a few notes, tho they are very flat; and it is nevar put with wrong end in front*”, tendo sido a palavra “nevar” grifada, pretendendo escrever “raven” [“corvo”] de trás para frente, e corrigida em todas as edições posteriores); o que interessa é o que segue à resposta: “isso, contudo, é uma mera reflexão posterior; o Enigma, tal como originalmente inventado, não tem resposta nenhuma”. Cf. CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 286 [ed. ing., p. 95].

³¹⁵ ROSA, G. “Partida do audaz navegante”. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 167.

conta que a história da filosofia começa com uma forma que ela jamais abandonou: o paradoxo. De acordo com esta perspectiva, uma conversação filosófica é forçosamente aquela na qual o paradoxo designa uma certa potência da linguagem, e também uma certa impotência de quem enuncia. Mas o que é, afinal, um paradoxo? Em um nível simples, o paradoxo propõe que existe alguma coisa que “é” ao mesmo tempo em que não podemos pensá-la. Ou seja: o “elemento = x” é impensável. Em outras palavras, “um paradoxo enuncia a impensabilidade de um ser”.³¹⁶ Assim, os filósofos pensam no limite do ser, isto é, pensam que no limite o ser é fundamentalmente impensável. Um filósofo pensa, portanto, o impensável. Se o ser é impensável, é porque não é mesmo fácil pensar o ser: eis o começo da filosofia.³¹⁷

Tal começo – essencialmente paradoxal – afirma que o ser é impensável, pois o que é pensável é a pura idealidade, a Ideia. Apenas o “o ser é”; só a Justiça é Justa, só a virtude é virtuosa, só a sabedoria é sábia etc. Com efeito, nada daquilo que é objeto de paradoxo pode ser pensável; não podemos pensar o devir, o movimento, o mal. Não podemos pensar em nada que seja paradoxal. Conseqüentemente, o que é impensável é submetido a critérios transcendentais, imóveis, acima do ser, que são os critérios do Bem. Em seu surgimento, a filosofia instaura um sistema que julga tudo o que “é”, elevando-se à posição de algo que está além do ser. Nessa lógica, o falso é a não adequação da coisa e da Ideia, e o verdadeiro, é a adequação da Ideia e a da coisa. O paradoxo, por sua vez, escapa aos critérios do verdadeiro e do falso.

Em *Lógica do sentido*, Deleuze restitui a potência do paradoxo como expressão da mais alta potência da linguagem e, ao mesmo tempo, a maior impotência daquele que fala e que se exprime. Segundo o filósofo, “todo conceito é forçosamente um paradoxo”.³¹⁸ A Ideia, a pura idealidade, não é mais uma instância superior que julga os seres em movimento, o mundo em devir. O conceito, a Ideia, torna-se impensável. Assim é que ele foge às duas faces da *doxa* – o bom senso e o senso comum –, aliando-se ao paradoxo, que destitui as oposições e afirma os dois sentidos ao mesmo tempo. As dualidades deleuziana, tais como aparecem no livro em foco, não são jamais oposições, mas paradoxos, que conservam os dois sentidos. Com efeito, os paradoxos deslocam fronteiras e traçam novas repartições filosóficas. Sua função na filosofia deleuziana, segundo Pierre Montebello, é pois remeter o pensamento e a vida ao movimento,

³¹⁶ “*Un paradoxe énonce l’impensabilité d’un étant*”. Disponível em: http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php3?id_article=131. Acesso em: 17 jul. 2019. [Será preciso ajustar as referências a respeito desta aula no momento pós-apresentação].

³¹⁷ Nas palavras de Deleuze: “*Ca peut être consolant parce que si l’étant est impensable ce n’est peut-être pas que l’être est pensable lui, mais penser l’être ce n’est pas facile. Et ça serait ça la philosophie alors*”. Disponível em: http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php3?id_article=131. Acesso em: 17 jul. 2019.

³¹⁸ P. 174 [ed. fr., p. 187].

ao devir; sair dos falsos problemas, dos problemas abstratos, dos bloqueios e das paradas; por fim, relançar as possibilidades de vida destruindo as ilusões que nos fazem servir a instâncias morais.³¹⁹ O paradoxo tem um laço estreito com a ética, assim como o *doxa* tem com a moral.

Na décima segunda série de *Lógica do sentido*, Deleuze expõe a sua perspectiva sobre o paradoxo, começando por aquelas de que se afasta. Não se trata de dizer, segundo o autor, que tal ou qual entidade paradoxal não existe – que o monstro não existe, por exemplo –, pois ele insiste na linguagem, e a questão é saber se a própria linguagem poderia funcionar sem fazer insistirem tais entidades. Nem de afirmar que os paradoxos nos dão uma “falsa imagem do pensamento”, inverossímil e inutilmente complicada. “Os paradoxos só são recreações quando os consideramos como iniciativas do pensamento; não quando os consideramos como ‘a Paixão do pensamento’, descobrindo o que não pode ser senão pensado, o que não pode ser senão falado, que é também o inefável e o impensável [...]”.³²⁰ Tampouco de propor que eles são contraditórios, já que a contradição ainda está submetida ao verdadeiro e ao falso. “A força dos paradoxos reside em que eles não são contraditórios, mas nos fazem assistir à gênese da contradição. O princípio de contradição se aplica ao real e ao possível, mas não ao impossível do qual deriva, isto é, aos paradoxos ou antes ao que representam os paradoxos”.³²¹ Para Deleuze, os paradoxos são a gênese do pensamento afetada pelo real; eles só podem ser pensados.³²² Alice, a paixão do pensamento?

O paradoxo possui uma relação íntima com o não-senso de superfície. Para investigarmos em que sentido o elemento paradoxal é palavra não-senso, é preciso inicialmente caçar uma palavra muito especial – monstruosa – que serve como caso exemplar da “palavra esotérica” em Deleuze. O monstro que iremos enfrentar chama-se *Snark*... “*E calou-se afinal, / Pois o Padeiro havia desmaiado*”.³²³ Ora, não há nada a temer, pois estamos armados (com garfos e dedais, e também com cuidado e esperança), e temos mapas do mar (embora o nosso esteja todo em branco). Tal monstro aparece – e faz desaparecer – no famoso poema *nonsense* de Lewis Carroll, intitulado *Caça ao Snark*,³²⁴ publicado em 1876. No texto, organizado em

³¹⁹ MONTEBELLO, P. *Deleuze, la passion de la pensée*. Paris: Librairie Philosophique, 2008, p. 15.

³²⁰ LS, p. 74 [ed. fr., p. 92].

³²¹ LS, p. 74 [ed. fr., p. 92].

³²² Segue a passagem no original: “*au coeur de l’oeuvre de Deleuze, le paradoxe est la ligne volcanique et éruptive de sa pensée, la forme jaillissante et productive que celle-ci prend lorsqu’elle acquiert suffisamment de passion pour penser que ce qui ne peut être que pensé, c’est-à-dire pour produire non des connaissances mais du sens et des concepts*”. MONTEBELLO, P. *Deleuze, la passion de la pensée*. Paris: Librairie Philosophique, 2008, p. 11.

³²³ No original: “[...] *The Bellman broke off in alarm, / For the Baker had fainted away*”. CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016, p. 33 (grifo nosso).

³²⁴ Traduzido no português, por Alexandre Barbosa de Souza e Eduardo Brigadão Verderame, pelo nome “A caça ao Esnarque”. Cf. CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016.

oito surtos, marinheiros procuram um monstro terrível, que ao fim e ao cabo não se distingue da palavra: *Snark*.

A palavra esotérica em *Lógica do sentido* circula através das duas séries da oralidade – corpo e linguagem, comer e falar – ou das duas dimensões da proposição – designação e expressão. Deleuze propõe uma série de dualidades que são retomadas ao longo das séries de paradoxos a partir de novos pontos de vista. A primeira dualidade, como vimos no estoicismo, é a das causas e dos efeitos, das coisas corporais e dos acontecimentos incorporais. Porém, observamos que os acontecimentos-efeitos-incorporais não existem fora das proposições que o exprimem. Portanto, a primeira dualidade se desdobra na das coisas e das proposições, dos corpos e da linguagem. Por toda parte, Lewis Carroll apresenta a seguinte opção: comer ou falar. Tal como no jantar de cerimônia de Alice, cuja alternativa é comer o que se vos apresenta ou ser apresentado ao que se come. (“Pudim... Alice; Alice... Pudim. Levem o Pudim!”).³²⁵ “Comer, ser comido, é o modelo da operação dos corpos, o tipo de sua mistura em profundidade, sua ação e paixão, seu modo de coexistência um no outro. Mas falar é o movimento da superfície, dos atributos ideais ou dos acontecimentos incorporais”.³²⁶ O que é mais grave, pergunta Deleuze, falar de comida ou comer as palavras? Ao falar de comida, as palavras vêm atravessadas, atraídas pela profundidade dos corpos (não-senso de profundidade). Ao comer as palavras, ao contrário, os corpos se elevam à superfície da linguagem, os corpos são destituídos de sua antiga profundidade, arriscando-se toda a linguagem neste desafio (não-senso de superfície). “Desta vez, as perturbações são de superfície, laterais, esparramadas da direita para a esquerda. A gagueira substituiu a gafe [...], os sonhos de deslizamento acelerado substituíram os pesadelos de soterramento e absorção difíceis”. Com efeito, Deleuze identifica a passagem de dois tipos de não-senso nas aventuras de Alice, o da profundidade e o de superfície, que atravessa o corpo e a linguagem da menina, assim como do menino gago e canhoto: “assim, a menina ideal, incorporal e anoréxica, o menino ideal, gago e canhoto, devem se desligar de suas imagens reais, vorazes, de glutões e de desastrados”.³²⁷

Entretanto, a segunda dualidade – corpo e linguagem, comer e falar – não é ainda suficiente. Vimos que o sentido, ainda que não tenha existência fora da proposição que o exprime, é o atributo de estado de coisas e não da proposição. “O acontecimento subsiste à linguagem, mas acontece às coisas”.³²⁸ O sentido, a fronteira, é a articulação da diferença entre

³²⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 218 [ed. ing., 331].

³²⁶ LS, p. 25 [ed. fr., p. 36].

³²⁷ LS, p. 26 [ed. fr., p. 37].

³²⁸ LS, p. 26 [ed. fr., p. 37].

o corpo e a linguagem. “Se compararmos o acontecimento a um vapor dos prados, este vapor se eleva precisamente na fronteira, na dobradiça das coisas e das proposições”.³²⁹ Desse modo, a dualidade se reflete dos dois lados, em cada um dos dois termos, entre duas espécies de nomes: os nomes de repouso e os nomes de devir, os nomes de substâncias ou qualidades e nomes de acontecimentos. Assim, a dualidade se desloca para duas dimensões no interior da própria proposição: a designação e a expressão, a designação de coisas e a expressão de sentido. “Passar do outro lado do espelho é passar da relação de designação à relação de expressão – sem se deter nos intermediários, manifestação, significação. É chegar a uma dimensão em que a linguagem não tem mais relação com designados, mas somente com expressos, isto é, com o sentido”. Tal é o último deslocamento da dualidade: ela passa agora para o interior da proposição”. É nesse sentido que Deleuze observa, em muitos poemas de Carroll, o desenvolvimento de duas dimensões simultâneas – uma remetendo a objetos designados consumíveis ou recipientes de consumação, a outra a sentidos exprimíveis ou, pelo menos, a objetos portadores de linguagem e de sentido – que convergem em uma palavra esotérica.³³⁰

“*Você pode persegui-lo com dedal e também persegui-lo com cuidado, / Pode caçá-lo com garfos e esperança*”³³¹ – eis o refrão de *Caça ao Snark*. Na leitura de Deleuze, acima exposta, o dedal e o garfo se referem a instrumentos designados, enquanto esperança e cuidado se referem a considerações de sentido e de acontecimentos. (O autor observa, ainda, que o sentido em Lewis Carroll é frequentemente apresentado como aquilo com o que se deve “tomar cuidado”: “cuide do sentido, que os sons cuidarão de si” – disse a Duquesa.) “A palavra rara, o *Snark*, é a fronteira perpetuamente contornada, ao mesmo tempo que traçada pelas duas séries”.³³² A função da palavra esotérica, tratando-se de uma síntese de coexistência, é portanto assegurar a conjunção de duas séries de proposições heterogêneas ou de dimensões de proposições.³³³

³²⁹ LS, p. 26 [ed. fr., p. 37].

³³⁰ LS, p. 28 [ed. fr., p. 39].

³³¹ Segue a tradução feita por Alexandre Barbosa de Souza e Eduardo Brigagão Verderame: “Pode procurá-lo com dedais – com cuidado, persegui-lo, / Pode caçá-lo com fé e facão – / Despertar sua cobiça com ações da ferrovia / Seduzi-lo com sorrisos e sabão”. Cf. CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016, p. 39 (grifo nosso). Segue a estrofe no original: “*You may seek it with timbles – and seek it with care – / You may hunt with forks and hope; / You may threaten its life with a railway-share; / You may charm it with smiles and sope*”. CARROLL, Lewis. *Alice’s adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, p. 687.

³³² LS, p. 28 [ed. fr., p. 39].

³³³ LS, p. 46 [ed. fr., p. 58].

“*Mas o perigo passou e afinal desembarcaram / com suas caixas, valises e malas*”.³³⁴

As palavras esotéricas, por sua vez, possuem uma relação íntima com outros tipos de palavras, as “palavras-valise”, diretamente citadas por Lewis Carroll. O próprio Humpty Dumpty explica a Alice, em *Através do espelho*: “[...] há dois sentidos embalados numa palavra só”.³³⁵ Carroll também faz a seguinte explicação no prefácio à *Caça ao Snark*: “a teoria de Humpty Dumpty, dos dois sentidos embalados numa única palavra como um amálgama, uma palavra-valise, parece-me a explicação correta para tudo”.³³⁶ A explicação de Deleuze, no entanto, é que tal definição da palavra-valise, segundo a qual ela contrai várias palavras e encerra vários sentidos, é tão-somente nominal. Qual é a necessidade de uma palavra-valise? Nas palavras do autor, “[...] uma palavra-valise só é necessariamente fundada e formada se coincide com uma função particular da palavra esotérica que ela presente designar”.³³⁷

“Por exemplo, pegue duas palavras fumante (*‘fuming’*) e furioso (*‘furious’*). Tenha em mente que você terá de dizer ambas as palavras, mas deixe em aberto qual dirá primeiro. Agora abra a boca e fale” – Carroll exemplifica, também no prefácio da *Caça ao Snark* – “Se os seus pensamentos se inclinarem ainda que minimamente para fumante, você dirá ‘fumante-furioso’; se se voltarem, mesmo que por um fio de cabelo, para furioso, você dirá ‘furioso-fumante’; mas se você tiver o mais raro dos dons [...], você dirá ‘furiante’ (*‘frumious’*)”.³³⁸ A lei da palavra-valise em geral encontra-se neste caso, na medida em que coloca em evidência a disjunção que poderia estar escondida; a disjunção não entre duas palavras (“fumante” e “furioso”, pois podemos ser as duas coisas ao mesmo tempo), mas entre duas séries: furioso-e-fumante e fumante-e-furioso. “Neste sentido, a função da palavra-valise consiste sempre em ramificar a série em que se insere. Eis por que ela nunca existe só: ela dá sinal a outras palavras-valise que a precedem ou a seguem e que fazem com que toda série seja já ramificada em princípio ainda ramificável”.³³⁹

³³⁴ CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016, p. 29 (grifo nosso). No original: “*But the danger was past – they had landed at last, / With their boxes, portmanteaus, and bags: / Yet at first sight the crew were not pleased with the view / Which consisted of chasm and crags*”.

³³⁵ No inglês, a palavra-valise chama-se “*portmanteau*” e, no francês, “*mot-valise*”. CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 179 [ed. ing., 271].

³³⁶ CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016, p. 11.

³³⁷ LS, p. 47 [ed. fr., p. 59].

³³⁸ Carroll fornece outro exemplo, também utilizado por Deleuze, que mencionaremos a seguir: “supondo isso, quando Pistol pronunciou as conhecidas palavras – Sob qual rei, seu Bezonian, seu vagabundo? Fale ou morra”, o juiz Shalow tinha certeza que era ou William ou Richard, mas havia sido capaz de decidir qual dos dois, de modo que não teria a menor possibilidade de dizer um nome depois do outro, pode-se aventar que, em vez de morrer, ele teria dito ofegante: ‘Rilchiam!’”. CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016, p. 11.

³³⁹ LS, p. 49 [ed. fr., p. 62].

“Mas, radiante sobrinho, nem queira saber, / Se o Snark foi Boujourn! Pois aí dá tudo errado, / De repente você vai desaparecer / Para nunca mais ser encontrado!”³⁴⁰ Na décima primeira série, Deleuze resume as características da instância paradoxal, que retomaremos a seguir. Em primeiro lugar, ela tem por função percorrer as séries heterogêneas, fazendo-as ressoar e convergir, de um lado, e, de outro, ramificando-as, introduzindo em cada uma delas disjunções múltiplas. “É o espelho”³⁴¹ Em segundo, ela é ao mesmo tempo palavra = X e coisa = X. Em terceiro, ela tem duas faces, pois pertence às duas séries ao mesmo tempo, mas que não se equilibram nunca, uma vez que ele se acha sempre em desequilíbrio com relação a si mesmo. Para dar conta desta correlação e dessa dissimetria, Deleuze utiliza pares variáveis, dentre eles: excesso e falta, casa vazia e objeto supranumerário, lugar sem ocupante e ocupante sem lugar. “Eis por que ele é sempre designado de duas maneiras: ‘*pois o Snark era um Boujourn, imagem vocês*’”³⁴²

Deleuze faz questão de ressaltar, ainda, que o *Boujourn* não é uma espécie temível de *Snark*, pois não se trata de um gênero em uma espécie. Assim também Sexto Empírico afirma que os Estoicos dispunham de uma palavra destituída de sentido, *Blituri*, mas a empregavam junto com um correlato: *Skindapsos*. “*Pois Blituri era um Skindapsos, vejam*”³⁴³ – brinca o autor. O elemento paradoxal é pois palavra = x em uma série e, ao mesmo tempo, coisa = x na outra série; e acrescenta um terceiro aspecto, o da ação = x, na medida em que as séries comunicam e ressoam e formam uma “história embrulhada”, cruzando-se em “nós”. “O *Snark* é um nome inaudito, mas também um monstro invisível e remete a uma ação formidável, a caça em cujo desfecho o caçador se dissipa e perde sua identidade” – explica Deleuze – “O *Jabberwocky* é um nome inaudito, um animal fantástico, mas também o objeto da ação formidável ou do grande homicídio”³⁴⁴ Assim procede a relação entre a palavra-valise e a palavra esotérica: em primeiro lugar, a palavra esotérica é designada por palavras esotéricas quaisquer (isto, coisa, *Snark* etc.), cuja função é coordenar as duas séries heterogêneas; em

³⁴⁰ CARROLL, L. *Caça ao Esnarque: uma agonia em oito surtos*. São Paulo: Laranja Original, 2016, p. 40 (grifo nosso). No original: “*But if I ever meet with a Boojum, that day, / In a moment (of this I’m sure), / I shall softly and suddenly vanish away – / And the notion I cannot endure*”.

³⁴¹ LS, p. 43 [ed. fr., p. 55].

³⁴² Em carta a May Barber, datada em 12 de janeiro de 1897, Lewis Carroll escreve: “Em resposta à pergunta: – O que é, na sua opinião, o Snark?, queira dizer a sua amiga que o Snark, na minha opinião, é um *Boujourn*. Espero que ela e você fiquem com isso perfeitamente satisfeitas. Em minha lembrança não tive em mente outro sentido ao escrever o poema” – e acrescenta – “no entanto, muita gente tem procurado descobrir nele vários significados”. CARROLL, L. *Cartas às suas amiguinhas*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1997, p. 91. O *Boojum*, no original, é escrito de várias formas. Optamos pelo termo escrito na *Lógica do sentido*, “Boujourn”, e modificaremos todas as traduções ater-nos a esta terminologia. O sentido, no entanto, permanece inalterado.

³⁴³ LS, p. 69 [ed. fr., p. 83].

³⁴⁴ LS, p. 70 [ed. fr., p. 84].

segundo lugar, as palavras esotéricas podem, por sua vez, ser designadas por palavras-valise, que têm por função ramificar as séries.

Não se trata de um jogo de palavras, isto é, que o sentido do não-senso é precisamente o de não ter um sentido. Quando supomos que o não-senso diz seu próprio sentido, queremos dizer, ao contrário, que o sentido e o sem-sentido têm uma relação específica que não pode ser decalcada da relação entre o verdadeiro e o falso, ou seja, não pode ser concebida simplesmente como uma relação de exclusão. “É exatamente este o problema mais geral da lógica do sentido: de que serviria elevarmo-nos da esfera do verdadeiro à do sentido, se fosse para encontrar entre o sentido e o não-senso uma relação análoga à do verdadeiro e do falso?”³⁴⁵ Não adianta correr em círculos, elevarmo-nos do condicionado à condição, para conceber a condição à imagem do condicionado, como simples forma de possibilidade. Pois a condição não pode ter com seu negativo uma relação do mesmo tipo que o condicionado tem com o seu. “A lógica do sentido vê-se necessariamente determinada a colocar entre o sentido e o não-senso um tipo original de relação intrínseca, um modo de co-presença, que, por enquanto, podemos somente sugerir, tratando o não-senso como uma palavra que diz seu próprio sentido”³⁴⁶.

Com efeito, o elemento paradoxal é não-senso sob estas duas figuras: 1. palavra esotérica de primeira potência, cuja função é coordenar as duas séries heterogêneas. Nesse caso, ele é, ao mesmo tempo, palavra e coisa. 2. palavra-valise de segunda potência, cuja função é ramificar as duas séries, cuja função é ramificar as duas séries. Nesse outro caso, ele é o princípio de uma alternativa que ela forma também os dois termos.

No entanto, a superfície está sendo sempre ameaçada pela profundidade dos corpos, por um monstro informe, sem fundo, quando uma menina perde o nome próprio e seu corpo e linguagem entram em devir. Quais são os efeitos desse acontecimento? Alice perdeu o nome próprio em seu encontro com os filósofos pela Toca, e os filósofos, por sua vez, engajaram-se em um devir-Alice, e também já não sabem mais quem são. Ora, uma vez que a perda do nome próprio é imprescindível no devir-filósofo da menina, é preciso perguntar: “quem” fala em filosofia? Qual é o “sujeito” do discurso filosófico? Esta é uma questão que atravessa diversas séries de *Lógica do sentido*. O objetivo deste tópico é investigar essa questão, com foco no conceito de singularidades.

³⁴⁵ LS, p. 71 [ed. fr., p. 85].

³⁴⁶ LS, p. 71 [ed. fr., p. 85]. A tradução foi modificada. Trocamos “lógica dos sentidos” por “lógica do sentido”, no singular, como consta no original: “*La logique du sens est nécessairement déterminée à poser entre le sens et le non-sens un type original de rapport intrinsèque, un mode de coprésence [...]*”.

“Naturalmente você concorda com uma **batalha?**” indagou Tweedledum num tom mais calmo. [...] ‘*Temos de lutar um pouquinho, mas não faço questão de uma luta muito demorada*’”.³⁴⁷ A batalha que enfrentaremos é tem o propósito de libertar as singularidades aprisionadas no fundo do oceano, aprisionadas tanto na individualidade fixa do Ser infinito (a imutabilidade de Deus) e nos limites do sujeito finito (os limites do conhecimento).³⁴⁸ Neste trabalho, liberar as singularidades implica fazer falarem as meninas e fazer ver a sua filosofia.

Na sexta série de *Lógica do sentido*, Deleuze apresenta uma mudança de sentido na noção de “nome próprio”. O nome próprio deixa de designar pessoas e passa a expressar singularidades. Essa mudança é anunciada três séries depois, em uma nota de rodapé da nona série, na qual se lê: “[...] é que a singularidade era definida somente em relação à designação e à manifestação, o singular não era definido senão como individual ou pessoal, não como pontual. Agora, ao contrário, a singularidade faz parte do domínio neutro”.³⁴⁹ Como veremos, mudança de sentido do nome próprio acompanha a concepção deleuziana do conceito de “singularidades”. Quando se perde o nome próprio, ele necessariamente ganha novos sentidos, que já não são mais designadores, sustentados pela identidade do eu nem de conceitos fundadores. A perda do nome próprio implica portanto uma abertura para a exploração da dimensão superficial das singularidades livres e nômades.

Em um momento da sexta série, a respeito de escritores que souberam criar técnicas seriais de um “formalismo exemplar”, mostra essa transição: “Pierre Klossowski conta com o *nome próprio* *Roberte*, não para designar uma personagem e manifestar sua identidade, mas ao contrário para exprimir uma ‘intensidade primeira’, para distribuir sua diferença e produzir seu desdobramento segundo duas séries [...]”.³⁵⁰ A passagem mostra o distanciamento do autor – por meio do grifo do nome já dissipado –, de sua definição, na terceira série de paradoxos, como partícula designadora de uma personagem, sustentada pela manifestação da identidade do sujeito que fala e que se exprime. Na literatura de Klossowski, “*Roberte*” é faz parte de uma outra dimensão da proposição, a dimensão do sentido ou da expressão, e não mais indica um estado de coisas, mas diz respeito apenas às intensidades ou singularidades nômades que circulam as séries de uma estrutura. Deleuze é ainda mais preciso: “segundo Klossowski, o

³⁴⁷ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 159 [ed. ing., p. 241].

³⁴⁸ LS, p. 110 [ed. fr., p. 131].

³⁴⁹ LS, p. 55 [ed. fr., p. 67].

³⁵⁰ LS, p. 42 [ed. fr., p. 55]. (Grifo do autor).

nome Roberte exprime uma ‘intensidade’, isto é, um diferença de intensidade, antes de designar ou de manifestar ‘pessoas’”.³⁵¹

No terceiro apêndice de *Lógica do sentido*, intitulado “Klossowski ou os corpos-linguagem”, Deleuze aprofunda a concepção de nome próprio a que se refere na sexta série, desta vez referindo-se à multiplicidade do nome denominado, passando a denunciar estados de coisas que ultrapassam seu próprio nome, e também toda e qualquer designação, por meio de um estilo formal, exemplar. “Quando ‘nomeamos’ ou ‘designamos’ algo ou alguém, com a condição de fazê-lo com a precisão ou o estilo necessários, também o ‘denunciamos’” – escreve o filósofo – “apagamos o nome ou antes fazemos subir sob o nome a multiplicidade do denominado, desdobramos, refletimos a coisa, damos muitas coisas a ver sob a mesma palavra”.³⁵² Quando nos referimos a um nome próprio – falando *dele* e não *para* ele –, tal nome é invertido, funciona como um espelho, no qual todas as coisas se duplicam e se refletem nesta denúncia: “nunca dizemos algo a alguém, falamos *de* alguém à uma potência apta a refleti-lo e duplicá-lo; por isso mesmo não o nomeamos sem denunciá-lo a um espírito como estranho espelho”.³⁵³ Com efeito, tais nomes próprios são expressos pelo “*on*” (Se), em que o sujeito de dissipa e se distribui em uma infinidade de graus, de modificações. “Mundo fascinante em que a identidade do eu se acha perdida, não em benefício da identidade do Uno ou da unidade do Todo, mas em proveito de uma multiplicidade intensa e de um poder de metamorfose em que as relações de potência atuam umas nas outras”.³⁵⁴ Nesse sentido, o nome próprio “Alice” passa a designar um conjunto de singularidades – ou melhor, um conjunto de singularidades. É assim que Deleuze define um acontecimento.

“O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisa físico, uma pessoa psicológica e moral”.³⁵⁵ De acordo com o autor, tais pontos singulares, sensíveis – pontos de alegria, de choro, de saúde – não se confundem, entretanto, nem com os traços personalísticos daquele que se exprime em um discurso, nem com os traços individuais de um estado de coisas designado por uma proposição, tampouco com a generalidade ou a universalidade de um conceito significado. Uma singularidade se difere de uma personalidade, uma individualidade, uma generalidade e, portanto, faz parte de uma outra dimensão, alheia à da designação, da manifestação e da significação. “Ela é completamente indiferente ao

³⁵¹ LS, p. 43 [ed. fr., p. 56].

³⁵² LS, p. 293 [ed. fr., p. 330].

³⁵³ LS, p. 293 [ed. fr., p. 330].

³⁵⁴ LS, p. 305 [ed. fr., p. 347].

³⁵⁵ LS, p. 55 [ed. fr., p. 67].

individual e ao coletivo, ao pessoal e ao impessoal, ao particular e ao geral – e às suas oposições”.³⁵⁶

Na décima quinta série, “Das singularidades”, Deleuze apresenta o problema de “quem fala em filosofia?” ou qual é o “sujeito” do discurso filosófico, que decorre diretamente da perda do nome próprio. Em *Lógica do sentido*, o filósofo denuncia por toda parte a alternativa imposta pela filosofia transcendental e pela metafísica: “fora da pessoa e do indivíduo, não *distinguireis* nada...”.³⁵⁷ Para responder a esse problema, o filósofo a Nietzsche. “Assim a descoberta de Nietzsche está alhures, quando, tendo se livrado de Schopenhauer e de Wagner, explora um mundo de singularidades impessoais e pré-individuais, mundo que ele chama agora de dionisíaco ou da vontade de potência”.³⁵⁸ Este novo mundo pululante, que foge à transcendência e à metafísica, é inaugurado com um novo discurso, que não é mais o da forma nem o do informe; Deleuze o chama de “informal puro”. (“‘Sereis um monstro e um caos...’ Nietzsche responde: ‘Nós realizamos esta profecia’”). “E o sujeito deste novo discurso, não há mais sujeito, não é o homem ou Deus, muito menos o homem no lugar de Deus”. Quem fala, então, em filosofia? “É esta singularidade livre, anônima e nômade que percorre tanto os homens, as plantas e os animais independentemente das matérias de sua individuação e das formas de sua personalidade [...]”. O que entra em sintonia com a concepção de acontecimento em Deleuze, isto é, como um conjunto de singularidades, na medida em que esse estranho discurso trata o sentido não como predicado nem como propriedade, mas como acontecimento incorporal, a quarta dimensão da proposição.

Nietzsche é o caso exemplar do devir-menina do filósofo, e marca a transição para o devir-filósofo da menina, pois ele explora um novo discurso, um novo método e estilo que dissipa o sujeito do discurso filosófico, com seus personagens, horas, lugares e cenas. “Basta que nos dissipemos um pouco, que saibamos estar na superfície, que estendamos nossa pele como um tambor, para que a ‘grande política comece’” – escreve Deleuze, referindo-se ao *Ecce Homo* (“Por que sou um destino”).³⁵⁹ Mundo de singularidades que não são nem da ordem do geral, nem do individual, nem do pessoal, nem do universal, tampouco se trata do abismo indiferenciado: “tudo isto atravessado por circulações, ecos, acontecimentos que trazem mais sentido e liberdade, efetivados com o que nunca sonhou, nem Deus concebeu”.³⁶⁰ Mundo de singularidades saltitantes, “sempre emitindo um lance de dado que faz parte de um mesmo

³⁵⁶ LS, p. 55 [ed. fr., p. 67].

³⁵⁷ LS, p. 55 [ed. fr., p. 67].

³⁵⁸ LS, p. 55 [ed. fr., p. 67].

³⁵⁹ LS, pp. 75-76 [ed. fr., p. 90-91].

³⁶⁰ LS, pp. 75-76 [ed. fr., p. 90-91].

lançar sempre fragmentado e reformado em cada lance”.³⁶¹ Mas esse devir precisa enfrentar um novo desafio, os fragmentos de uma batalha, cicatrizar a **ferida**, para traçar uma saída para fora da toca.

Alice entra na toca do coelho, ela cai indefinidamente – até que ela não pode mais afundar. Ela extrai um duplo incorporal do que se efetua nas profundezas do corpo. A passagem dos corpos ao incorporal é a descoberta da menina, da toca ao espelho. “Alice não pode mais se aprofundar, ela libera seu duplo incorporal. *É seguindo a fronteira, margeando a superfície, que passamos dos corpos ao incorporal*”.³⁶² Para sair de um abismo profundo, as indicações são: seguir em frente, margear a superfície, para chegar do outro lado. “De tanto deslizar passar-se-á para o outro lado, uma vez que o outro lado não é senão o sentido inverso”.³⁶³ Apenas assim uma menina consegue traçar um caminho ético para fora da toca.

Lógica do sentido expõe três regras que as meninas, assim como os meninos gogos e canhotos, teriam chave de acesso: compreender o estoicismo, ter o senso do acontecimento, liberar um duplo incorporal. Tais regras entram em sintonia com as três determinações do acontecimento, elaborada por Deleuze a partir dos Estoicos, com traços de Nietzsche: ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado enquanto acontece. Com efeito, em sua dimensão ética, a segunda série do livro, sobre os efeitos-incorporais, relaciona-se à vigésima primeira, a respeito do acontecimento. A ética dos efeitos ou dos acontecimentos é portanto inseparável de uma lógica do sentido das meninas, cuja vida é regulada pela afirmação constante do que se efetua em seu corpo e afeta sua linguagem em devir.

Em primeiro lugar, compreender o acontecimento implica muita sabedoria e toda uma ética, mais especificamente, a sabedoria das causas-físicas e a ética dos efeitos-incorporais. Os Estoicos, segundo Deleuze a partir de Diógenes Laércio, comparavam a filosofia a um ovo: a casca é a lógica, a clara é a ética e a gema é a física. É preciso imaginar mais uma vez uma anedota – já contada neste trabalho – em que Alice, a discípula, coloca uma pergunta de significação a Humpty Dumpty, o mestre estoico: “que é a moral, ó mestre?”.³⁶⁴ Humpty

³⁶¹ LS, p. 110 [ed. fr., p. 130].

³⁶² LS, p. 10 [ed. fr., p. 20]. (Grifo do autor).

³⁶³ LS, p. 10 [ed. fr., p. 20].

³⁶⁴ LS, p. 131 [ed. fr., p. 167]. No estoicismo, o termo “moral”, em referência aos Estoicos, está mais próximo do sentido da “ética” deleuziana. Em poucas palavras, a moral diz respeito aos valores e imperativos de “bem” e “mal” que fundamentam a vida e o pensamento e instauram um sistema de julgamento; a ética, por sua vez, diz respeito à desvalorização de todos os valores morais, que implica uma avaliação dos modos de pensar e de viver. A respeito da ética deleuziana, cf. BARBOSA, M. T. Um corpo que experimenta e avalia: a ética em Deleuze à luz da “grande identidade” Spinoza-Nietzsche. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 141, Dez./2018, p. 867-890. Em Deleuze, a sistematização de fundo espinosista, com traços fortemente nietzschianos, encontra-se em: SSP, pp. 23-35 [ed. fr., pp. 27-43].

Dumpty, sendo ele mesmo um ovo gigante, vestido com seu manto duplo, designa a si mesmo com o seu cajado. Ou então, em uma cena mais ousada, dentro das opções apresentadas por Deleuze na vigésima primeira série, Alice compreende que ela mesma precisa responder, tomando para si o cajado e quebrando o ovo, de modo que uma parte da clara permanece ligada à gema e a outra parte à clara. Diríamos que há duas espécies de “moral do ovo” – a “moral da gema” e a “moral da casca” –, ou melhor, duas “éticas”: a ética dos estados de coisas, da nutrição, do comer (a clara voltada para a gema), e a ética do sentido, da linguagem, do falar (a clara voltada para a casca). A compreensão do acontecimento diz respeito a esses dois polos da ética estoica.

Para aprofundarmos ainda mais este ponto, lembremos que o atributo difere em natureza das qualidades incorporais, e o acontecimento, das ações e paixões do corpo; mas ele é resultado delas, pois o sentido é efeito das misturas em profundidade.³⁶⁵ Na clivagem da relação causal, os Estoicos desmembram a relação de causa e do efeito e refazem uma unidade de cada lado: as causas são remetidas às causas, e os efeitos, aos efeitos. O laço das causas-corpos entre si chama-se “destino”, enquanto os efeitos-incorporais são submetidos a ele, pois são resultados das causas físicas. Entretanto, na medida em que diferem essencialmente de suas causas corporais profundas, os efeitos de superfície entram uns com os outros em relação de “quase-causalidade” e, tomados no conjunto, relacionam-se a uma “quase-causa” incorporal que lhes assegura uma independência: “não exatamente com relação ao destino, mas com relação à necessidade que deveria normalmente decorrer do destino”.³⁶⁶ Daí o paradoxo estoico: “afirmar o destino, mas negar a necessidade”.³⁶⁷ Assim, a liberdade é assegurada de duas maneiras complementares, conforme os dois polos da ética estoica, isto é, a ética das causas e o dos efeitos: “uma vez na interioridade do destino como ligação das causas, outra na exterioridade dos acontecimentos como laço dos efeitos”.³⁶⁸ Por um lado, na série das causas, o destino dos corpos e de suas misturas profundas é aberto aos mais inesperados efeitos de superfície. Por

Uma passagem da quinta série de LS mostra que há oscilação dos termos “moral” e “ética” em referência aos Estoicos: “confirma-se a possibilidade de um laço profundo entre a lógica do sentido e a ética, a moral ou a moralidade”. Cf. LS, p. 34 [ed. fr., p. 44]. Esta oscilação é explicada na décima série (“Do jogo ideal”): o termo “moral” refere-se à uma “sabedoria moral como sabedoria da Causa”, isto é, o polo da moral voltada para os corpos e estados de coisas; o termo “ética”, por sua vez, refere-se a uma “outra ética”, isto é, à “ética dos Efeitos”. Cf. LS, p. 54 [ed. fr., p. 78]. Nesse sentido, o sábio estoico ou a sabedoria estoica diz respeito ao polo da “ética” voltada para os corpos e ao estudo de uma física, e a “ética” propriamente dita diz respeito ao polo voltado para a linguagem e ao estudo da lógica do sentido. Este trabalho privilegiará o uso do termo “ética”, na análise do estoicismo antigo, em ambos os casos – a ética das causas ou dos corpos e a ética dos efeitos ou dos acontecimentos –, enquanto o termo “moral” será usado na análise da moralidade platônica.

³⁶⁵ LS, p. 175 [ed. fr., p. 198].

³⁶⁶ LS, p. 175 [ed. fr., p. 198].

³⁶⁷ LS, p. 175 [ed. fr., p. 198].

³⁶⁸ LS, p. 07 [ed. fr., p. 15].

outro lado, na série dos efeitos, os acontecimentos-incorporais, ganham autonomia nestes dois sentidos: em primeiro lugar, por sua diferença de natureza com relação à causa, e, em segundo, por sua relação com a quase-causa.

Daí a questão ética por excelência, elaborada por Deleuze a partir do estoicismo antigo: como ser digno do que acontece? Em outras palavras, como tornar-se quase-causa de uma ferida que se arraiga no corpo, que se efetua em profundidade? Os acontecimentos inevitavelmente se efetuem nos corpos, pois deles resultam e que deles dependem, sempre produzidos por corpos que se entrecrocavam, os sopros e as qualidades que se cortam, se penetram, “a carne e a espada”.³⁶⁹ Porém, e ao mesmo tempo, os resultados ou efeitos-incorporais se diferem de suas causas e entram em uma relação de quase-causalidade, que não são da ordem dos corpos. “Mas, também, como o acontecimento poderia ser esgotado por sua efetuação, já que, como efeito, ele difere em natureza de sua causa, já que ele age como uma Quase-causa que sobrevoa os corpos, que percorre e traça uma superfície, objeto de uma contra-efetuação [...]?”³⁷⁰ Não é mesmo possível evitar que um acontecimento se efetue, quando ele nos envia um sinal, e nos espera; mas é possível – é apenas possível – realizar uma outra operação, simultânea à efetuação do acontecimento dos corpos, a “contra-efetuação”, que veremos mais adiante.

Em segundo lugar, querer o acontecimento é a formulação do sentido geral da ética estoica, de ser digno do que acontece. A ética dos Estoicos, segundo Deleuze, concerne essencialmente ao acontecimento: “ela consiste em querer o acontecimento como tal, isto é, em querer o que acontece enquanto acontece”.³⁷¹ Traçar um caminho estoico “consiste em ser digno do que acontece, em extrair alguma coisa alegre e apaixonante no que acontece [...]?”³⁷² Joe Bousquet, poeta francês ferido na Primeira Guerra Mundial, é um caso exemplar levantado por Deleuze de um escritor que viveu à maneira estoica: “a ferida que ele traz profundamente em seu corpo, ele a apreende na sua verdade eterna como acontecimento puro, contudo e tanto mais que”³⁷³ – ou seja, apesar disso, ou melhor, *não* apesar disso. Amar a ferida a tal ponto que seria preciso dizer, como Bousquet: ““minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la””.³⁷⁴ A dignidade diante do acontecimento quer dizer, então, chegar a uma vontade que nos faz o acontecimento, tornar-se quase causa do que se produz em nós. É preciso chegar a um ponto em que “este querer atinge o ponto em que a guerra é travada contra a guerra, o ferimento, traçado

³⁶⁹ D, p. 53 [ed. fr., p. 79].

³⁷⁰ D, p. 53 [ed. fr., p. 79].

³⁷¹ LS, p. 168 [ed. fr., p. 174].

³⁷² DELEUZE, Gilles. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977, p. 80.

³⁷³ LS, p. 151 [ed. fr., p. 174]. No francês: “*La blessure qu’il porte profondément dans sons corps, il s’appréhende dans as vérité éternelle como événements purs, pourtant et d’autant plus*”.

³⁷⁴ LS, p. 151 [ed. fr., p. 174].

vivo como a cicatriz de todas as feridas, a morte que retorna querida contra todas as mortes”.³⁷⁵ Em contraposição à afirmação, o ressentimento, a culpa, a má-consciência, a resignação são todas atitudes indignas diante do que acontece.

Em terceiro lugar, representar o que acontece enquanto acontece é tornar-se ator de seus próprios acontecimentos, operação chamada pelo autor de “contra-efetuação”. Trata-se de uma vontade, “uma espécie de salto no próprio lugar de todo corpo que troca sua vontade orgânica por uma vontade espiritual, que quer agora não exatamente o que acontece, mas alguma coisa *no* que acontece”.³⁷⁶ É a operação do dançarino, do ator ou comediante, que oferece a cura diante do ressentimento, a cicatrização de todas as feridas, isto é, o amor à vida. Nada mais nos resta diante do que acontece senão amar o que se efetua na carne. Isto é, afirmar o acaso, ou então, fazer do acaso objeto de afirmação. Não ser indigno daquilo que nos acontece é a questão estoica de aceitar o destino recusando a necessidade, e também a questão do *amor fati* nietzschiano. “É a passagem propriamente estoica. Ou a passagem de Lewis Carroll: ele é fascinado pela menina cujo corpo é trabalhado por tantas coisas em profundidade, mas também sobrevoado por tantos acontecimentos sem espessura.”³⁷⁷ Com efeito, a ética do acontecimento reúne estas três determinações: “ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece”.³⁷⁸ Com estas lições, uma menina aos poucos conquista seu estreito caminho estoico, para fora da toca.

Convém realizar uma breve recapitulação do caminho que percorremos para tornar uma **saída** possível (Anexo I). O objetivo foi mostrar como somos situados, a partir de Deleuze em *Lógica do sentido*, no ponto de vista de uma menina-filósofa. Apresentamos, neste trabalho, duas linhagens, duas operações, elaboradas como dupla hipótese para a compreensão do encontro entre Alice e os Estoicos: o devir-menina do filósofo e o devir-filósofo da menina. Na primeira, enfatizamos o eixo do corpo e da linguagem, com foco na dimensão da profundidade, em fundos obscuros e reinos de simulacros. Na segunda, ressaltamos o eixo da ética, com foco na dimensão da superfície, em tabuleiros planos e superfícies espelhadas. A aventura do filósofo, em seu devir-menina, é a perda do nome próprio, como consequência da identidade infinita; e a aventura da menina, em seu devir-filósofa, é a conquista das superfícies, a desmistificação da falsa profundidade, a descoberta de que tudo se passa na fronteira entre as coisas e as proposições. Com efeito, a exploração do ponto de vista de uma menina-filósofa

³⁷⁵ LS, p. 152 [ed. fr., p. 175].

³⁷⁶ LS, p. 153 [ed. fr., p. 175].

³⁷⁷ D, p. 53 [ed. fr., p. 80]. Esta passagem foi mencionada na entrada.

³⁷⁸ LS, p. 152 [ed. fr., p. 175].

difere da exploração do ponto de vista de um filósofo-menina, pois são diferentes devires. Em outras palavras, uma menina-filósofa pensa de maneira diferente de um filósofo-menina. Nesses dois movimentos, é ainda o polo da menina que arrasta o filósofo, como mostraremos mais adiante. Não se trata, porém, de uma operação seguida de outra, mas de dois movimentos simultâneos; embora o esforço desta dissertação tenha sido precisamente diferenciá-los, a partir de duas fórmulas a eles relacionadas, a saber, a reversão do platonismo e a conquista das superfícies.

Por um lado, o devir-menina do filósofo implica a reversão do platonismo. Dentro da Toca, Alice perde o nome próprio, a identidade torna-se infinita, o corpo entra em devir, a linguagem é paradoxal. Ela rompe com o fundamento e a identidade, com a lógica racional, e foge à ordem imposta pelas Ideias e recebida pelas coisas, explorando um mundo subterrâneo de cavernas, simulacros e fundos obscuros, dionisíacos. É o movimento de Nietzsche, o filósofo-menina. Entrar na Toca é o mesmo que o devir-menina do filósofo, isto é, trata-se de revirar a filosofia ao avesso, fazê-la girar em seu próprio eixo, pensar e falar a partir do ponto de vista de uma menina. Como um filósofo se torna menina? Fizemos uma pequena lista, ao acaso. Fazendo a lógica escutar efetivamente uma menina cantar, falar, recitar, em vez de buscar exemplos abstratos, elaborados por ela mesma para comprovar suas hipóteses. Compreendendo o que se passa quando ela derrama uma lagoa de lágrimas. Deixando-se atravessar por seu pensamento, de maneira radical – e, até mesmo, perversa –, de modo a perder o nome próprio e efetuar essa linguagem singular. Esperando-a sair das profundezas, conquistar a superfícies e ouvir o que ela tem a dizer. Em suma, entrar na toca, isto é, no pensamento de uma menina, implica muita sabedoria, a sabedoria das misturas de corpos e das causas físicas, toda uma ética, a ética dos acontecimentos e a lógica do sentido.

Por outro lado, o devir-filósofo da menina implica a conquista das superfícies. Aos poucos, observamos a entrada de outro movimento, inseparável do primeiro, mas em um outro tempo, outro devir; não mais o conjunto de Cronos e o devir-louco das profundidades, mas Aion das superfícies. Pois um filósofo não pode se tornar menina sem que uma menina se torne ela mesma uma filósofa, por sua vez. No entanto, entrar na Toca não faz de Alice uma menina-filósofa. No subsolo, ela é ainda uma rebelde subterrânea; mas “nada sobe à superfície sem mudar de natureza”.³⁷⁹ O que acontece com a filosofia quando uma menina se torna filósofa? (Uma algazarra dos diabos...). Na superfície, ela encontra os Estoicos, e conquista seus direitos. Ela descobre, depois desses sábios filósofos, os acontecimentos, os efeitos-incorporais,

³⁷⁹ LS, p. 170 [ed. fr., p. 193].

chamados de “sentido” como condição genética da proposição. O devir-filósofa das meninas é a maneira de vencer todos os monstros dentro da toca, viver as aventuras, as experimentações, colher os elementos, e depois subir, pensar e se expressar na superfície dos corpos, contra-efetuar tudo o que aconteceu aos corpos em profundidade, afirmar todo o acaso, e, sobretudo, criar. E criação, em Deleuze, é gênese. Atravessar o espelho é conquistar as superfícies, isto é, produção de sentido e criação, que, por sua vez, implica toda uma ética. Há portanto uma ética das meninas inseparável de uma ética do acontecimento.

Para dar consistência a esta dupla hipótese, percorremos o nosso próprio caminho, que não segue necessariamente a ordem serial do livro: 1. A personagem Alice como chave de entrada à lógica do sentido; 2. A influência carrolliana no estruturalismo deleuziano; 3. A geografia do pensamento deleuziana a partir das três imagens de filósofos; 4. O combate platônico entre as boas cópias e os simulacros; 5. A identidade infinita e o devir-ilimitado no fundo do Oceano; 6. A corrida em círculos pelas três dimensões da proposição. A partir daí, ocorre uma ruptura, a profundidade torna-se largura. Alice começa a subir, aos poucos, à superfície, e o devir-menina do filósofo dá lugar ao devir-filósofo da menina. Na segunda metade, eis o caminho percorrido: 7. A caça ao sentido nas três dimensões da proposição; 8. A dualidade estoica dos corpos e dos acontecimentos-incorporais; 9. O monstro da linguagem superficial; 10. A batalha das singularidades e o discurso filosófico; 11. O desafio ético da contra-efetuação ou de curar uma ferida; 12. A recapitulação e as considerações finais, nesta etapa.

Um filósofo entra na Toca, enquanto uma menina atravessa o Espelho. São como os dois mensageiros carrollianos, em *Através do Espelho*, duplos do Chapeleiro Louco e da Lebre de Março, duplos um do outro: “um para ir e outro para voltar”. Nesta dupla orientação, uma menina compreende o estoicismo e a reversão que ele implica; tem o senso do acontecimento e descobre o sentido como a quarta dimensão da proposição; libera um duplo incorporal e realiza a contra-efetuação. As três regras aplicadas às meninas servem como orientação para as duas direções: o devir-menina do filósofo e o devir filósofo da menina.

Lógica do sentido inaugura um estilo cujo efeito é a produção de um devir-menina do filósofo e um devir filósofo da menina, que impregnam também meninos, homens, mulheres, e as próprias meninas, todos arrastados pela Alice de Deleuze. Filósofos pensam e falam como uma menina, através da escrita, com o estilo necessário e um método próprio à arte das superfícies, cujo efeito é dar voz a estas expressões singulares. Em vez de exemplificar devires e paradoxos, Deleuze os efetua nas séries do livro, criando paradoxos atrás de paradoxos, de modo que os exemplos não são mesmo exemplos, mas acontecimentos de uma linguagem em devir. Em

outras palavras, Deleuze efetua, à maneira estoica, exatamente aquilo que ele tematiza: a linguagem paradoxal de uma menina, a linguagem dos acontecimentos.

Deleuze é um explorador, um experimentador. Ele é atravessado pelo pensamento de uma menina, e faz a filosofia ser atravessada pelo pensamento de uma menina, a partir do momento em que diz: “Alice cresce”. Alice não é um exemplo, ela se torna um acontecimento do pensamento deleuziano. “Pensar em termos de acontecimento não é fácil. Menos fácil ainda pelo fato de o próprio pensamento tornar-se então um acontecimento. Ninguém como os Estoicos e os ingleses para ter pensado assim”.³⁸⁰ Devir não é ser: Alice se torna filósofa ao mesmo tempo que os Estoicos se tornam Alice; aí, ainda, é Nietzsche quem começou: ele se torna Estoico, ao mesmo tempo em que Deleuze faz Alice tornar-se a filósofa-Rainha. E porque o movimento de devir nunca termina, uma menina não chega a tornar-se filósofa, assim como um filósofo não termina de se tornar menina, pois se interrompessem este devir eles não mais se *tornariam*, mas seriam...

³⁸⁰ D, p. 54 [ed. fr., p. 82].

II

O Espelho



Figura 2:

1860 – *Prima* (Lorina Liddell, no centro), *Secunda* (Alice Liddell, à direita) e *Tertia* (Edith Liddell, à esquerda),
de Lewis Carroll (C. L. Dodgson, na câmera)

Apresentação (*O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice*)

“Chega de falar sobre aulas”, o Grifo interrompeu num tom decidido.
 “Agora conte a ela alguma coisa sobre jogos”.

“A História da Tartaruga Falsa”, *Alice*³⁸¹

Alice desperta de um sono profundo... Ao sair da oca do coelho e olhando-se através do espelho, ela não se reconhece mais, pois é uma outra que acena de volta, o duplo da menina carrolliana: uma Alice coroada, a filósofa-Rainha? E teria sido, mesmo, um sonho? (“Em seguida começou a olhar em volta e notou que o que podia ser visto da sala anterior era banal e desinteressante, mas todo o resto era tão diferente quanto possível”).³⁸² Ora, não há mais tempo a perder; depois de espreguiçar-se, em um pulo, a menina está de pé; há ainda um segundo Livro na sequência. (“Nesse ponto Alice arriscou interrompê-lo. ‘Se é muito comprido’, disse o mais polidamente que pôde, ‘poderiam, por favor, me dizer primeiro qual é a estrada...’”).³⁸³ Seremos breves na segunda parte deste trabalho, intitulada “O Espelho”. O objetivo é retomar os principais conceitos de *Lógica do sentido*, apresentados na primeira parte deste trabalho, desta vez a partir de um novo ponto de vista: o das personagens que os movimentam. Entretanto, a presente exploração, que nos serve como considerações finais, será feita de uma maneira muito especial – à maneira de Alice, em *Através do espelho*.

Aterrissamos na superfície de um jogo de tabuleiro – em um jogo que criamos – chamado: *O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice*. A justificativa para a criação de um jogo, bem como para a sua inserção nesta dissertação, encontra-se na própria construção de nosso objeto de pesquisa. O estruturalismo, que influenciou tanto as teses do livro como a sua construção serial, é fascinado por jogos. Assim também é Lewis Carroll, que transformava as regras de jogos conhecidos, como também inventou uma série deles.³⁸⁴ Os Estoicos, conta

³⁸¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 79 [ed. ing., p. 130].

³⁸² CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 120 [ed. ing., pp. 185-186].

³⁸³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 149 [ed. ing., p. 233].

³⁸⁴ LS, p. 61 [ed. fr., p. 74]. Em carta Mary Forshall, datada em 6 de março de 1879, Lewis Carroll (assinado por C. L. Dodgson), escreve:

“Minha querida May,

Você gosta de jogar? Ou a ideia que você faz da vida se limita a: ‘café da manhã, aulas, almoço, aulas, chá, aulas, dormir, aulas, almoço, aulas’, etc? Eis um projeto de vida muito simples e quase tão apaixonante como o de uma máquina de costura ou de um moedor de café. (Entre parêntesis: eis uma questão bem interessante e eu ficaria contente se você respondesse: desses dois objetos, qual você preferiria ser?). Voltando à nossa questão: mesmo que você nunca tenha jogado, gostaria de ver até que ponto um novo jogo chamado *Lanrick* lhe agradaria? Há dois anos eu trabalho nessa invenção e as regras já mudaram quase tantas vezes quantas você muda de opinião durante

Deleuze, eram inventores.³⁸⁵ Além disso, a décima série de paradoxos, intitulada “Do Jogo Ideal”, é inteiramente dedicada aos jogos de Carroll, Borges e Mallarmé. Com efeito, o livro de 1969 não apenas tematiza os jogos, mas sobretudo permite, por meio de sua estrutura serial, a criação de infinitos deles. Por que não lançar os dados e arriscar-se, *até o fim?*

A necessidade da criação deste “livro-jogo” advém da proposta que acompanha a escrita deste trabalho desde o início, isso é, a realização de uma exploração imersiva e de uma experimentação estilística a partir de *Lógica do sentido*. Na primeira parte (“A Toca”), exploramos algumas séries que permitem dar consistência à dupla hipótese elaborada, a saber, o devir-menina do filósofo e o devir-filósofo da menina que perpassa o encontro entre Alice e os Estoicos. Na segunda parte (“O Espelho”), é ainda outra coisa, um novo movimento: a exploração não mais de tocas e cavernas, em profundidade, mas de espelhos e tabuleiros, em superfícies. “De acordo com as direções, não se fala da mesma maneira, não se encontram as mesmas matérias: com efeito, é também um caso de linguagem ou de estilo”.³⁸⁶ Na passagem de um livro a outro, Alice emerge vitoriosa das profundezas: “ela emerge ou sobe às superfícies. Ela *cria* superfícies”.³⁸⁷ Como o processo de saída da toca e a travessia do espelho implica a criação de superfícies, sentimos a necessidade (e a curiosidade) de criarmos outras superfícies – como uma menina, *do lado de lá*.³⁸⁸ Por esses motivos, a criação de um jogo entra em sintonia com o objetivo geral desta pesquisa, a saber, a investigação do pensamento de uma menina-filósofa.

A vantagem deste jogo – *O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice* – é retomar alguns conceitos apresentados na primeira parte deste trabalho e de familiarizar os leitores-jogadores com seu vocabulário e personagens internos, com vistas a tornar acessível esse livro tão jovial como complexo. Assim, o leitor poderá colocar em prática os ensinamentos que aprendeu dentro de nossa própria toca, além de poder compartilhá-los com amigos e colegas. Aliás, é uma ótima ocasião de aprendizagem, ou seja, para se aprender *com* alguém. (Por exemplo, podemos sugerir a organização de um grupo de estudos sobre *Lógica do sentido*, e, depois dos encontros, os integrantes podem se divertir com este jogo, em qualquer lugar; tal

o almoço, quando você diz: ‘comerei antes a carne e depois o pudim... não, comerei antes o pudim e depois a carne... não, comerei os dois de uma só vez... não, não quero nem um nem outro’. Mas voltando outra vez à vaca fria: se você descobrir algo que aperfeiçoe as regras do jogo, queira me dizer [...]”. CARROLL, Lewis. *Cartas às suas amiguinhas*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1997, pp. 62-63.

³⁸⁵ LS, p. 09 [ed. fr., p. 18].

³⁸⁶ DRF, p. 67 [ed. fr., p. 59].

³⁸⁷ CC, p. 34 [ed. fr., p. 34].

³⁸⁸ CORTÁZAR, J. *O Jogo da Amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 09.

como em sala de aula, na casa de alguém, ou, quem sabe, na mesa de bar. Afinal, como diz Deleuze, onde mais aprendemos, senão perdendo tempo, com bares e amores?).³⁸⁹

Afinal, de que se trata o jogo mencionado, *O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice*? Com base nos objetivos e justificativas desta criação, iremos agora explicar passo a passo como ele funciona. Trata-se de um planejamento com este duplo objetivo: perder o nome próprio e encontrar o seu duplo. Em resumo, o leitor-jogador precisa descobrir quem ele mesmo é no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, recebendo pistas sobre o seu duplo correspondente na *Lógica do sentido*, de Gilles Deleuze. Em outras palavras, ele terá que adivinhar quem é a sua personagem carrolliana, fazendo perguntas a respeito das características da personagem deleuziana que ele acredita ser seu duplo. Nesse sentido, este é um jogo de adivinhação, de perguntas e respostas, inspirado também nos jogos de memorização. Por se tratar de um protótipo, de uma experimentação, ele ainda requer testes e aperfeiçoamento.³⁹⁰ Neste momento, porém, o mais importante foi sua criação, a concepção de seus elementos – (a) peças; (b) tabuleiro; (c) regras; (d) perguntas; (e) personagens –, que serão detalhados nas próximas páginas.

a) As peças

O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice conta com vinte peças: dez vermelhas e dez douradas, por exemplo. As peças vermelhas contêm os nomes de dez personagens carrollianas, grifadas em uma das faces, que devem permanecer em segredo durante todo o jogo. As personagens de cabeça para baixo são:

a. o chapaleiro louco
 b. o coelho branco
 c. o o arqanaz (ou caximquelê)
 d. o gato de cheshire
 e. a lagarta
 f. tweedledee e tweedledum
 g. humpy dumpy
 h. a lebre de marçõ
 i. a tartaruga falsa
 r. alice

³⁸⁹ PS, p. 21 [ed. fr., p. 21].

³⁹⁰ Nesse sentido, apreciamos críticas e sugestões de qualquer tipo, que devem ser enviadas à autora.

A cada uma das peças vermelhas referentes a *Alice & Através do Espelho* corresponde uma peça dourada de *Lógica do sentido*. As peças douradas ficarão em evidência durante todo o jogo. As peças voltadas para cima são:

1. O Perverso
2. O Jogador
3. O Alcoólatra
4. O Adivinho
5. O Arqueiro Zen
6. O Ator
7. O Humorista
8. O Esquizofrênico
9. O Dançarino
10. A Filósofa-Rainha.³⁹¹

b) O tabuleiro

O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice pode ser jogado com ou sem tabuleiro (Anexo II). O tabuleiro foi concebido como uma mesa redonda com tampo giratório.³⁹² Em primeiro lugar, as peças vermelhas são colocadas sobre a mesa, de acordo com o número de jogadores, com os nomes das personagens carrollianas voltados para baixo. A parte da mesa permanecerá imóvel durante todo o jogo. Todas as peças douradas são colocadas sobre o tampo, na frente de cada jogador com as suas peças vermelhas, com os nomes das personagens deleuzianas voltados para cima. Ainda que o jogo tenha menos de dez jogadores, todas as peças vermelhas serão utilizadas. O tampo pode ou não girar a cada rodada, conforme veremos no próximo item (*c*), a respeito das regras.

Se o grupo decidir por não usar o tabuleiro, os participantes podem sentar-se em círculo. Nesse caso, cada jogador deixará a sua peça vermelha voltada para baixo, durante todo o jogo, sem olhá-la, contendo sua curiosidade, de modo que não saiba quem ele mesmo poderia vir a ser no País das Maravilhas. As peças douradas permanecem na frente dos jogadores, com os nomes expostos. No lugar de girar o tampo, as peças douradas podem ser passadas para o lado, quando for o caso.

c) As regras

³⁹¹ O leitor-jogador pode criar outras personagens que tenha encontrado ao longo da leitura de LS, fazendo-a corresponder a um duplo em *Alice & Através do espelho*.

³⁹² Este tipo de mesa é muito comum na cultura chinesa, servindo de inspiração para este jogo. Geralmente, toda a comida é colocada no tampo giratório, e cada um espera a sua vez para girar o tampo e pegar o seu pedaço (não há pratos individuais neste tipo de refeição).

O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice requer, no mínimo, três e, no máximo, dez jogadores. Começaremos a explicação das regras gerais com o número completo de participantes e, em seguida, explicaremos como elas podem ser adaptadas para menos do que esse número.

Seguem as regras gerais:

1. Cada jogador sorteia uma peça vermelha, correspondente a uma personagem de *Alice & Através do Espelho*, de acordo com a ordem previamente estabelecida. Depois de memorizar o nome que consta na peça, ele a passa ao seu lado, no sentido horário. A peça vermelha não pode ser vista pelo jogador que a recebeu, e deve permanecer voltado para baixo durante todo o jogo. Em outras palavras, o jogador não sabe que personagem carrolliana ele mesmo é (apenas o jogador que lhe passou a peça vermelha possui essa informação);

2. As peças douradas são sorteadas e colocadas na frente de cada jogador, na mesma sequência e ordem. Todas as peças douradas são voltadas para cima ao mesmo tempo, revelando-se o nome das personagens de *Lógica do sentido*;

3. Para dar início ao jogo, o jogador da vez precisa supor que a peça dourada que aparece na sua frente corresponde ao duplo de sua peça vermelha. Por exemplo, se o Jogador = X tem diante de si uma peça dourada chamada “O Humorista”, ele deverá supor que a sua peça vermelha chama-se “Humpty Dumpty” (que é o duplo carrolliano da personagem deleuziana), e apenas descobrirá se é verdadeiro ou falso por meio de perguntas ao jogador que lhe passou a peça;

4. O jogador da vez faz a primeira pergunta ao jogador que lhe passou a peça, a fim de tentar descobrir quem ele mesmo é no universo carrolliano. Diante da resposta recebida, surgem três opções, que iremos exemplificar a seguir: a) o Jogador = X pode arriscar e afirmar que ele mesmo é Humpty Dumpty (que é a resposta correta). Nesse caso, ele acerta, pega as suas cartas e sai do jogo. O tampo giratório, com as peças douradas, permanece imóvel, e o jogo continua no sentido horário; b) o Jogador = X pode arriscar e afirmar que é o Gato de Cheshire ou a Lagarta, por exemplo (que não é a resposta correta). Nesse caso, ele erra, permanece no jogo e o tampo da mesa giratória também permanece imóvel; b) o Jogador = X pode não arriscar um palpite, pulando a sua vez de responder. Nesse caso, o tampo gira, no sentido horário. Desse modo, o próximo jogador da rodada terá que supor que é *ele* Humpty Dumpty, e fazer a próxima pergunta da lista, para o jogador que lhe passou a peça. Todas as perguntas serão fornecidas no item (e).

Para adaptar o jogo com pelo menos três pessoas, as regras permanecem inalteradas; porém, o número de peças vermelhas é reduzido para o número de jogadores. As peças douradas são dispostas como se todos os dez jogadores estivessem presentes, e giram no tampo do mesmo modo.

A esta altura do campeonato, seremos bastante diretos: a estratégia é saber encontrar o momento para girar o tampo ou para deixá-lo parado, para deixar as peças douradas circularem ou travá-las, levando em consideração que você sabe quem é a personagem do jogador que fará o lance depois do seu, visto que foi você quem lhe passou a peça vermelha. Com isso, é preciso evitar que a peça dourada correspondente ao duplo do próximo jogador apareça quando for a vez de ele jogar. Por um lado, o primeiro jogador que encontrar o seu duplo, vence o jogo (embora o jogo apenas termine quando todos encontrarem seus duplos). Por outro lado, não há vencedores e vencidos, tratando-se de uma aprendizagem.

d) As perguntas

Elaboramos, a seguir, sete sugestões de perguntas, das mais gerais às mais particulares. Nesse sentido, elas podem ser feitas na seguinte ordem: 1. Exploro que dimensão: altura, profundidade ou superfície?; 2. Que conceito movimento?; 3. Que fórmula crio?; 4. Que paradoxo suscito?; 5. Tenho um representante?; 6. Em que série de *Lógica do sentido* me encontro?; 7. Estou mais próximo da linhagem do devir-menina do filósofo ou do devir-filósofo da menina?

As respostas encontram-se na descrição de cada personagem deleuziano. Se alguma delas não for encontrada nem no item sobre as personagens (*e*) nem na série indicada de *Lógica do sentido*, o leitor-jogador pode saltar a pergunta e ir para a próxima. Porém é preciso que os jogadores se esforcem ao máximo para respondê-las. Como estas perguntas são sugestões, estimula-se a criação de outras, desde que sejam bem delimitadas, e as respostas, definidas.

e) As personagens

Para jogar, será necessário aprender as características de cada uma das personagens d, bem como e *Lógica do sentido*, bem como o nome de seus respectivos duplos no País das Maravilhas.

Apresentaremos, a seguir, as personagens de *O Jogo da Lógica do sentido ou Chá da Alice*. Algumas associações entre as personagens de Carroll e as personagens de Deleuze são

indicadas pelo autor em *Lógica do sentido*, outras foram criadas especialmente para este trabalho, buscando algum tipo de característica comum entre elas, com fins lúdicos de aprendizagem.

Será que o leitor consegue adivinhar, com base nos ensinamentos adquiridos dentro da toca do coelho, qual é o seu duplo do outro lado do espelho? (““Afinal de contas, quem sou eu?” Ah, *este* é o grande enigma!”).³⁹³

Do Perverso (O Chapeleiro Louco)

“Por que um corvo se parece com uma escrivainha?”

“Um Chá Maluco”, *Alice*³⁹⁴

O perverso pratica uma arte realmente estranha... Lewis Carroll, o herói da *Lógica do sentido*, inaugura o método serial na literatura moderna, um método próprio às superfícies. Em Deleuze, o romancista inglês torna-se o Senhor ou agrimensor das superfícies, o controlador das superfícies, o artista das superfícies: “Carroll matemático, ou então Carroll fotógrafo”.³⁹⁵ Por toda parte, o artista perverso espera a conquista de uma menina; momento em que ela deixou as profundidades do corpo materno e ainda não descobriu a profundidade de seu próprio corpo, ou então, momento em que ela aflora à água, como na revelação de uma fotografia no mundo oitocentista. Até mesmo na matemática, conta Carroll, duas meninas, duas linhas seguem seus caminhos paralelos sobre uma superfície plana: a mais velha tende a se alongar nos limites dos pontos extremos; e a mais jovem, uma menina impetuosa, tende a divergir e se tornar uma hipérbole “ou uma dessas curvas românticas e ilimitadas” – assim é que as duas irmãs se encontram no infinito.³⁹⁶ Uma menina salta de uma superfície a outra, torna uma delas primeira,

³⁹³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 17-18 [ed. ing., p. 37].

³⁹⁴ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 55 [ed. ing., p. 95].

³⁹⁵ C, p. 34; [ed. fr., p. 34].

³⁹⁶ Segue o parágrafo completo, no inglês, do artigo “Dinâmicas de uma partícula”, publicado por Lewis Carroll em 1865, e citado por Deleuze na nona série de LS, em que o escritor e fotógrafo inglês narra um efeito cromático (próximo de uma aurora boreal, por exemplo): “*it as a lovely Autumn evening, and the glorious effects of chromatic aberration were beginning to show themselves in the atmosphere as the earth revolved away from the great western luminary, when two lines might have been observed wending their weary way across a plane superficies. The elder of the two had by long practice acquired the art, so painful to young and impulsive loci, of lying evenly between his extreme points; but the younger, in her girlish impetuosity, was ever longing to diverge and become an hyperbola or some such romantic and boundless curve. They had lived and loved: fate and the intervening superficies had hitherto kept them asunder, but this was no longer to be: a line had intersected them, making the two interior angles together less than two right angles. It was a moment never to be forgotten, and, as they journeyed on, a whisper thrilled along the superficies in isochronous waves of sound, ‘Yes! We shall at length*

sobrevoada pela segunda, do tabuleiro físico ao diagrama lógico, ou então, da superfície sensível à placa ultrasensível: “é neste salto que Carroll, grande fotógrafo, experimenta um prazer que podemos supor perverso e que declara inocentemente (como ele diz a Amélia em uma ‘irresistível excitação...: Vir a vós por um negativo... Amélia, tu és minha’)”.³⁹⁷ Na época em que escrevera *Lógica do sentido*, o perverso como artista das superfícies é o herói estruturalista deleuziano, na medida em que escapa tanto do fundo indiferenciado da psicose como dos círculos maníaco-depressivos da neurose.³⁹⁸ Por conta de sua mobilidade, o perverso circula no meio, “para além da neurose, aquém da psicose”.³⁹⁹ O próprio Deleuze instaura, em filosofia, um método perverso, que consiste em extrair uma espécie de duplo do original estudado, permitindo-lhe passar para o outro lado do espelho do texto original. Com efeito, a perversão produz um duplo ideal, “que é a sua reversão ou o seu sentido”.⁴⁰⁰ No livro de 1969, a perversão é a operação dos Estoicos, em oposição à conversão platônica e à subversão pré-socrática. A perversão assume, ainda, uma dimensão ética, pois produzir um duplo incorporal é o sentido geral da ética estoica deleuziana; para todo acontecimento que se efetua no corpo, é preciso operar uma “contra-efetuação”, isto é, duplicar a causalidade física com uma “quase-causa” incorporal, tal como procede o ator. Talvez Lewis Carroll seja menos uma “menina afetada”, como diz Antonin Artaud,⁴⁰¹ do que uma menina-filósofa. A linhagem que lhe corresponde é portanto a do devir-filósofo da menina. As principais séries e anexos nos quais o perverso aparece são: a décima terceira (“Do Esquizofrênico e da Menina”), em que Deleuze

meet if continually produced!’ (*Jacobi’s Course of Mathematics, Chap. 1.*)”. CARROLL, Lewis. (1865) The dynamics of a parti-cle. In: *Alice’s adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 1016-1017; cf. LS, p. 58 [ed. fr., p. 71].

³⁹⁷ LS, p. 245 [ed. fr., p. 278]. No conto “Um dia na vida de um fotógrafo”, de 1860, Lewis Carroll narra as desventuras de um fotógrafo no nascimento da fotografia, na segunda metade do século XIX. Se o artista inglês era considerado tão bom fotógrafo amador em sua época, é porque ele conseguia também criar toda uma cena teatral para suas pequenas modelos, deixando-as confortáveis e completamente imóveis durante quase dois minutos, apenas para tirar uma fotografia. A passagem mencionada por Deleuze em LS é a seguinte, extraída do conto original: “*I selected the best point of view for the cottage, so as to include a farmer and cow in the picture, cast one fond look toward the distant villa, and, muttering, ‘Amelia, ‘tis for thee!’ removed the lid of the lens; in 1 minute and 40 seconds I replaced it: ‘it is over!’ I cried in uncontrollable excitement, ‘Amelia, thou art mine!’*”. CARROLL, L. (1860) A photographer’s day out. In: *Alice’s adventures in wonderland & other stories*. New York: Barnes & Noble, 2010, p. 984. Sobre Lewis Carroll e a fotografia, recomendamos os seguintes livros: FORD, C. *Lewis Carroll*. São Paulo: Cosac Naify, 2012; NICKEL, D. R. *Dreaming in pictures: the photography of Lewis Carroll*. São Francisco, Califórnia: San Francisco Museum of Modern Art & Yale University Press; TAYLOR, R. & WAKELING, E. *Lewis Carroll, photographer: The Princeton University Library albums*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

³⁹⁸ LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2017, p. 133.

³⁹⁹ LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2017, p. 133.

⁴⁰⁰ LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2017, pp. 135-136.

⁴⁰¹ LS, p. 89 [ed. fr., p. 106]. Segue a passagem em que aparece o termo, colocado por Deleuze a partir de Artaud, na décima terceira série de LS: “Como então Carroll não iria parecer-lhe uma *menina afetada*, ao abrigo de todos os problemas de fundo?” (“*Comment Carroll ne lui paraîtrait-il pas une petite fille maniérée, à l’abri de tous les problèmes de fond?*”). (Grifo nosso).

faz a aproximação direta da personagem e o Chapeleiro Louco,⁴⁰² e também a décima oitava (“Das três imagens de filósofos”) e os anexos três (“Klossowski ou os corpos-linguagem”) e quatro (“Michel Tournier e o mundo sem Outrem”).

Do Jogador Ideal (O Coelho Branco)

“Ai, ai! Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!”

“Pela toca do coelho”, *Alice*⁴⁰³

O jogador de *Lógica do sentido* é de um tipo muito especial: um jogador ideal, o Aion. Ele se engaja em um jogo ideal, que, como esclarece Deleuze, possui certos princípios aparentemente inaplicáveis, mas que tornam um jogo puro, isto é, destituído de modelos implícitos morais do Bem ou do Melhor, modelo econômico das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins. Seguem as “regras” desse estranho jogo: em primeiro lugar, não há regras imperativas ou categóricas preexistentes, pois cada lance inventa suas regras. Em segundo lugar, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-lo a cada jogada. Em terceiro lugar, as jogadas são qualitativamente distintas: cada lance é ele próprio uma série, mas em um tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável. A este mínimo serial corresponde uma distribuição de singularidades: “cada lance emite pontos singulares, os pontos sobre os dados”.⁴⁰⁴ Porém, o conjunto dos lances está compreendido no ponto aleatório, único lançar que se desloca através de todas as séries, em um tempo maior que o máximo de tempo contínuo pensável: “os lances são sucessivos uns com relação aos outros, mas simultâneos com relação a este ponto que muda sempre a regra, que coordena e ramifica as séries correspondentes, insuflando o acaso sobre toda a extensão em cada uma delas”.⁴⁰⁵ O único lançar é um caos, de que cada lance é um fragmento, no qual “cada lance opera uma distribuição de singularidades, constelação”.⁴⁰⁶ Os resultados são móveis, que se repartem no espaço aberto do lançar único, não repartido. Trata-se do jogo dos problemas e das perguntas, não mais do categórico e do hipotético. Em quarto lugar, este estranho “jogo sem regras, sem vencedores

⁴⁰² Nas palavras de Deleuze: “*on peut encore se demander quel genre de folie représentent cliniquement le chapelier, le lièvre de Mars et le loir*”. LS, p. 95 [ed. fr., p. 113].

⁴⁰³ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 09 [ed. ing., pp. 25-26].

⁴⁰⁴ LS, p. 62 [ed. fr., p. 75].

⁴⁰⁵ LS, p. 62 [ed. fr., p. 75].

⁴⁰⁶ LS, p. 62 [ed. fr., p. 75].

nem vencidos, sem responsabilidade”,⁴⁰⁷ sem que haja diferença entre destreza e acaso – o “jogo da inocência”, como a Corrida em Comitê ou o jogo de Croquê da Rainha –, “é a realidade do próprio pensamento”.⁴⁰⁸ “Pois só o pensamento pode afirmar todo o acaso, fazer do acaso objeto de afirmação”.⁴⁰⁹ Tal é o sentido da fórmula do estruturalismo – “pensar é lançar os dados” –, que encontra o jogador ideal: o Aion. “É ele a cartada única de que todos os lances se distinguem em qualidade. Ele joga ou se joga sobre duas mesas pelo menos, na juntura das duas mesas [...] – Carroll diria: a tábua (*table*) de multiplicação e a mesa (*table*) de comer”.⁴¹⁰ Seu instrumento é um relógio que daria toda uma variedade de velocidades.⁴¹¹ Por sua criação de superfícies, a personagem se aproxima de uma filósofa-menina, a jogadora ideal. Tais características encontram-se na décima série de *Lógica do sentido* (“Do Jogo Ideal”).

Do Alcoólatra (O Arganzaz)

O alcoólatra, como personagem deleuziano, não busca o prazer, mas um efeito. Este efeito consiste no endurecimento do presente. Ele vive em dois tempos simultâneos, que se compõem de uma maneira estranha, nem no imperfeito nem no futuro, mas apenas no passado composto. O que ele compõe é um passado imaginário, “como se a doçura do particípio passado viesse a combinar com a dureza do auxiliar presente: eu tenho amado (*j’ai aimé*), eu tenho feito (*j’ai fait*), eu tenho visto (*j’ai vu*) – eis o que exprime a copulação dos dois momentos”.⁴¹² No entanto, neste caso, o passado composto não exprime uma distância ou um acabamento. O momento presente é o do verbo ter (*avoir*), enquanto que todo o ser (*l’être*) é passado em outro momento simultâneo, no momento da participação, da identificação com o particípio. Assim, o presente envolve outro momento. Entretanto, o passado composto torna-se fatalmente um efeito do efeito, isto é, o efeito que resulta do efeito das misturas corporais: “eu tenho bebido” (*j’ai bu*). O efeito de fuga do passado constitui o aspecto depressivo do alcoólatra, cujo representante é o escritor norte-americano Scott Fitzgerald. Esta personagem deleuziana é o caso exemplar da ética dos efeitos: “se perguntamos por que não bastaria a saúde, por que a fissura é desejável

⁴⁰⁷ LS, p. 63 [ed. fr., p. 76].

⁴⁰⁸ LS, p. 63 [ed. fr., p. 76].

⁴⁰⁹ LS, p. 63 [ed. fr., p. 76]. Segue um complemento à passagem, em que o autor vincula mais diretamente pensamento e arte: “é pois o jogo reservado ao pensamento e à arte, lá onde não há mais vitórias para aqueles que souberam jogar, isto é, afirmar e ramificar o acaso, ao invés de dividi-lo *para* dominá-lo, *para* apostar, *para* ganhar. Este jogo que não existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado além da obra de arte, é também aquilo pelo que o pensamento e a arte são reais são reais e perturbam a realidade, a moralidade e a economia do mundo”. LS, p. 63 [ed. fr., p. 76].

⁴¹⁰ LS, p. 63 [ed. fr., p. 76].

⁴¹¹ “*Une horloge qui donnerait toute une variété de vitesses*”. MP, p. 61 [ed. fr., p. 332].

⁴¹² LS, p. 161 [ed. fr., p. 185].

é porque, talvez, nunca pensamos a não ser por ela e sobre sua bordas e que tudo que foi bom e grande na humanidade entra a sai por ela, em pessoas prontas a se destruir a si mesmas [...]”.⁴¹³ A fórmula que ela elabora é: “não se pode saber de antemão, é preciso arriscar permanecendo o mais tempo possível, não perder de vista a grande saúde”.⁴¹⁴ Daí o conceito que movimenta, o conceito de “grande saúde”, inspirado em Nietzsche, que faz da saúde uma avaliação da doença e da doença uma avaliação da saúde. Em Deleuze, a grande saúde consiste na apreensão da verdade eterna do acontecimento, mas tão-somente na medida em que ele se inscreve também na carne; a cada vez é preciso duplicar essa efetuação dolorosa por uma “contra-efetuação” que a limita, a representa, a transfigura. Assim, uma menina aprende, com esta personagem, a esperar que os efeitos da droga ou do álcool possam ser recuperados independentemente do uso de substâncias; afinal, o que importa é o efeito, e não a substância, como vislumbrara William S. Burroughs, nas conclusões de *Almoço nu*.⁴¹⁵ O alcoólatra está mais próximo de uma menina-filósofa, ou do devir-filósofo da menina, na medida em que ele anuncia uma ética dos efeitos incorporais e a contra-efetuação dos acontecimentos puros. Ele aparece na vigésima segunda série, “Porcelana e Vulcão”.

Do Adivinho (O Gato de Cheshire)

“*Naquela* direção”, explicou o Gato, acenando com a pata direita, “vive um Chapeleiro; e *naquela* direção”, acenando com a outra pata, “vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.”

“Porco e pimenta”, *Alice*⁴¹⁶

O adivinho é um mestre estoico fundador do polo da ética voltada para os corpos, que comporta toda uma física (o outro polo da ética estoica é voltado para a lógica).⁴¹⁷ A arte praticada por este mestre estoico consiste na relação entre o acontecimento puro (ainda não efetuada) e a profundidade dos corpos, isto é, as ações e paixões corporais de onde o acontecimento resulta. Deleuze explica como procede esta arte adivinhatória: “trata-se sempre de cortar na espessura, de talhar superfícies, de orientá-las, de crescê-las e de multiplicá-las,

⁴¹³ LS, p. 165 [ed. fr., p. 188].

⁴¹⁴ LS, p. 165 [ed. fr., p. 188].

⁴¹⁵ Cf. BURROUGHS, W. S. “Depoimento: Testemunho acerca de uma doença”. In: *Almoço nu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, pp. 245-252. O texto de Burroughs é mencionado por Deleuze no final da vigésima segunda série, “Porcelana e vulcão”, no tópico precisamente chamado “homenagem à psicodelia”. LS, pp. 164-165 [ed. fr., pp. 188-189].

⁴¹⁶ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 51 [ed. ing., p. 89].

⁴¹⁷ Sobre a “moral” corporal e a “ética” dos efeitos nos Estoicos, cf. a nota 130 do Livro I, “A Toca”.

para seguir o traçado das linhas e dos cortes que se desenham sobre elas”.⁴¹⁸ Sendo um método físico, a adivinhação consiste em participar de uma visão divina, que reúne em profundidade todas as causas físicas entre si na unidade de um presente cósmico, para extrair então a arte da interpretação adivinhatória dos acontecimentos que resultam das misturas corporais. Na ética dos corpos e dos estados de coisas, o acontecimento se liga às suas causas corporais e a sua unidade física (no outro polo, o acontecimento se liga a sua quase-causa incorporeal). A fórmula do adivinho é, pois, “querer o acontecimento como tal, isto é, querer o que acontece enquanto acontece”.⁴¹⁹ No entanto, este primeiro polo é ainda insuficiente, na medida em que os acontecimentos como efeitos incorporais diferem em natureza das causas corporais de que eles resultam. Portanto, os acontecimentos-efeitos possuem leis distintas das que regem os corpos-causas, e são determinados somente por sua relação com a quase-causa incorporeal. Com efeito, há um “uso lógico das representações”, praticada pelo sábio estoico, oriundo da diferença de natureza entre as “representações” e as “expressões”, isto é, entre as representações-corpos e os acontecimentos-efeitos incorporais. As representações sensíveis são designações, as representações racionais são significações, mas os acontecimentos incorporais constituem o sentido como expresso da proposição. Daí o seguinte paradoxo: a expressão, que difere em natureza da representação, age como o que está envolvido (ou não) na representação. Assim, a operação do uso lógico da representação consiste em envolver o acontecimento-efeito, que tem uma natureza distinta da natureza das suas causas corporais. Quando a representação não atinge este ponto, “fica sendo só letra morta em face de seu representado, estúpida no seio de sua representatividade”.⁴²⁰ A “representação” assim compreendida, isto é, em seu uso estratégico e lógico, é o conceito que o adivinho deleuziana movimentava. Voltado para a profundidade dos corpos, onde começam as aventuras de Alice, o adivinho torna-se um filósofo-menina, personagem que aparece na vigésima série de *Lógica do sentido*, “Sobre o problema moral nos Estoicos”.

Do Arqueiro Zen (A Lagarta)

“Controle-se”, disse a Lagarta.
 “Conselho de uma Lagarta”, Alice⁴²¹

⁴¹⁸ LS, p. 146 [ed. fr., p. 168].

⁴¹⁹ LS, p. 146 [ed. fr., p. 168].

⁴²⁰ LS, p. 149 [ed. fr., p. 168].

⁴²¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 39 [ed. ing., p. 69].

Esta personagem deleuziana é inspirada no budismo Zen. O arqueiro Zen se volta para o segundo polo da ética estoica, isto é, a ética dos efeitos, dos acontecimentos puros ou do sentido-incorporal. No polo da ética dos corpos, como na arte praticada pelo adivinho, trata-se de reunir todas as causas entre si na unidade de um presente cósmico, extraindo então a adivinhação dos acontecimentos que resultam. No polo da ética do acontecimento, como na arte do arqueiro, trata-se desta vez de querer o acontecimento, qualquer que ele seja, sem nenhuma interpretação. Isso acontece graças a um “uso das representações” que acompanha desde o início a efetuação do acontecimento, ainda que atribuindo-lhe o mais limitado presente. Na ética dos corpos, o adivinho liga o acontecimento a suas causas corporais e a sua unidade física; na ética dos efeitos, o arqueiro liga o acontecimento a sua quase-causa incorporal, causalidade que ele recolhe e faz ressoar na produção de sua própria efetuação. Esta personagem movimentada o conceito de quase-causa e identifica-se a ela, instala-se na superfície, sobre a reta que a atravessa, no ponto aleatório que traça ou percorre esta linha. No entanto, não devemos interpretar a arte do arqueiro como uma metáfora moral de intenção, como se o sábio estoico fosse considerado capaz de fazer qualquer coisa não para atingir o fim, mas por fazer tudo o que dependia dele para atingi-lo.⁴²² O que ele ensina a uma menina, com sua arte, é o seguinte paradoxo: “atingir ao ponto em que o visado é também o não visado, isto é, o próprio atirador, e em que a flecha desliza sobre sua linha reta criando seu próprio fim, em que a superfície do alvo é também a reta e o ponto, o tiro e o atirado”.⁴²³ Daí a fórmula que suscita: “aí o sábio espera o acontecimento. Isto é, *ele compreende o acontecimento puro* na sua verdade eterna, independentemente de sua efetuação espaço-temporal, como ao mesmo tempo eternamente por vir e sempre já-passado segundo a linha do Aion”.⁴²⁴ Porém, ao mesmo tempo, ele também quer a encarnação, isto é, a efetuação do acontecimento puro incorporal em um estado de coisas, em seu corpo, na sua carne. Tendo se identificado à quase-causa, o sábio quer “corporizar” seu efeito incorporal, pois o efeito herda a causa. A personagem, que aparece na vigésima série de *Lógica do sentido*, “Sobre o problema moral nos Estoicos”, aproxima sua ética dos efeitos ao pensamento de uma menina-filósofa.

Do Ator (Tweedledee e Tweedledum)

⁴²² LS, p. 149 [ed. fr., p. 171].

⁴²³ LS, p. 149 [ed. fr., p. 172].

⁴²⁴ LS, p. 149 [ed. fr., p. 172]. (Grifo do autor).

“Se era assim, podia ser; e se fosse assim, seria; mas como não é, não é. Isto é lógica”.

“Tweedledee e Tweedledum”, *Através do espelho*⁴²⁵

O ator é encarnado, em Deleuze, na figura do mestre estoico, que ganha traços nietzschianos. Ele se opõe à leitura do tempo de deus, o tempo de Cronos: “o presente divino é o círculo inteiro, enquanto que o passado e o futuro são dimensões relativas a tal ou tal segmento que deixa o resto fora dele”.⁴²⁶ O tempo do ator, ao contrário, é o do Aion: “no lugar do mais profundo, do mais pleno presente, presente que se espalha e que compreende o futuro e o passado, eis que surge um passado-futuro ilimitado que se reflete em um presente vazio não tendo mais espessura que o espelho”.⁴²⁷ O ator fica no instante, enquanto o “personagem” – ou melhor, o “papel” ou o “tema” que ele desempenha –, ramifica-se em passado e futuro: no futuro ele espera ou teme, e no passado, ele rememora-se ou se arrepende.⁴²⁸ O que ele “representa” é pois ainda futuro e já passado, enquanto sua “representação” se divide sem se romper, sem agir nem padecer. Ele suscita, ainda, o seguinte paradoxo: o de permanecer no instante, para desempenhar alguma coisa que não para de se adiantar e de se atrasar, de esperar e de relembrar. Uma menina aprende, com o ator, a desempenhar papeis, a ir do futuro e do passado ilimitados até o menor presente, um instante puro que não cessa de se subdividir; em outras palavras, do acontecimento puro até a sua mais limitada efetuação presente. A partir de um acontecimento puro, ela aprende a dirigir e duplicar a efetuação cósmica, física, com uma contra-efetuação incorporal, tornando-se atriz de seus próprios acontecimentos.⁴²⁹ É assim que este sábio estoico não somente compreende e quer o acontecimento, “*mas o representa e o seleciona*”: eis a fórmula elaborada por Deleuze a partir do ator.⁴³⁰ Assim, o conceito que ele movimenta é o de *amor fati*, inspirado em Nietzsche, que quer dizer precisamente afirmar o acontecimento, liberar para cada coisa uma “porção imaculada”, um “duplo incorporal”. Isto é, querer o acontecimento enquanto ele acontece, em sua verdade eterna, independentemente de sua causa física. O ator é uma menina-filósofa, na medida em que suscita o desafio ético da contra-efetuação, ou seja, o de liberar o duplo incorporal, na conquista de superfícies. Tal

⁴²⁵ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 148 [ed. ing., p. 231].

⁴²⁶ LS, p. 153 [d. fr., p. 176].

⁴²⁷ LS, p. 153 [d. fr., p. 176].

⁴²⁸ LS, p. 150 [d. fr., p. 172].

⁴²⁹ A palavra “*comédien*”, no francês, pode ser traduzida por “ator” ou “comediante”. Optamos por manter a palavra “ator” em todas as traduções, a fim de evitar a confusão com a personagem do “humorista”. Segue a passagem no francês: “[...] *devenir le comédien de ses propres événements*, contre-effectuation.” LS, p. 150 [d. fr., p. 153]. (Grifo do autor).

⁴³⁰ LS, p. 150 [d. fr., p. 153]. (Grifo do autor).

personagem aparece no final da vigésima série e é desenvolvido na vigésima primeira, “Do Acontecimento”.

Do Humorista

“Meu nome significa meu formato... aliás, um belo formato. Com um nome como o seu, você poderia ter praticamente qualquer formato”.

“Humpty Dumpty”, *Através do espelho*⁴³¹

O humorista, em *Lógica do sentido*, é o próprio mestre estoico, como contam as divertidas anedotas da vida (e da morte) desses gregos: Crisipo de Solos, ao ver seu asno ser embriagado por sua criada, morre em decorrência de uma grande gargalhada.⁴³² A primeira aventura do sábio estoico é o humor, rompendo tanto com a ironia como com a seriedade trágica, colocando em cena a teatralidade inerente à vida e apreendendo o caráter verdadeiramente cômico da existência. Sua operação é a dupla destituição da altura e da profundidade, em proveito da superfície. Este mestre dos efeitos denuncia a impossibilidade tanto de uma linguagem platônica idealista como de uma linguagem pré-socrática física. A dimensão espacial que suscita é, portanto, a da superfície, mas de uma maneira complexa. Em primeiro lugar, à personagem é preciso saber “descer”, o mais depressa possível, contra a ironia socrática ou a técnica da ascensão. Com a arte do humor, uma menina aprende a responder uma pergunta de significação – o que é o Belo, o Justo, o Amor, a Beleza, o Homem etc. – designando um corpo, mostrando um objeto imitável ou até mesmo consumível, dando-se, caso necessário, o golpe de cajado. O cajado é pois o instrumento de toda designação possível. A humorista estoica ensina a fazer Platão descer o caminho que ele pretendia fazer seus discípulos escalam para atingir as essências nas alturas. Segue a fórmula que ela suscita: “a cada vez que nos interroga sobre uma significação, responderemos por uma designação, uma mostração puras”.⁴³³ Ora, para persuadir o espectador de que não se trata de um simples exemplo, mas que o problema de Platão está mal colocado, o mestre estoico ensina ainda a imitar aquilo que designamos, a mimetizá-lo, ou então a comer ou a quebrar aquilo que mostramos, com vistas a recusar a falsa dualidade essência-exemplo. Porém, na medida em que toda designação se

⁴³¹ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 173 [ed. ing., p. 263].

⁴³² Esta observação é feita pelos tradutores para o português, Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho, em referência à obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio, na apresentação ao livro *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Cf. BRÉHIER, E. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 09.

⁴³³ LS, p. 138 [ed. fr., p. 160].

prolonga em consumação, trituração e destruição, sem que se possa deter esse movimento de precipitação, a linguagem não pode mais se fundar nem na designação nem na significação, tampouco se afundar nos corpos. Pelo mesmo movimento, depois do afundamento, uma menina aprende a voltar à superfície, onde não há mais nada a designar nem a significar, lugar em que o sentido puro é produzido. É a velocidade que interessa em ambos movimentos, a saber, a queda das Ideias e a subida da linguagem à superfície, para se chegar à gargalhada perfeita. O paradoxo desta personagem é o do sentido, isto é, a coexistência do sentido e do não-senso de superfície. Embora ela manobre este duplo movimento – o de descida e o de subida –, aproximamos o seu pensamento de uma menina-filósofa (e não de um filósofo-menina), pois o que conta, neste caso, é a prática da arte das superfícies. Tal personagem aparece na décima nona série de *Lógica do sentido*, “Do Humor”.

Do Esquizofrênico (A Lebre de Março)

“Vi lebres antes”, pensou; “a Lebre de Março vai ser interessantíssima, e talvez, como estamos em maio, não esteja freneticamente louca... pelo menos não tão louca quanto em março.”

“Porco e pimenta”, *Alice*⁴³⁴

O esquizofrênico, em *Lógica do sentido*, é marcado pela dimensão da profundidade. Encontramos nesta personagem uma loucura irreversível. A primeira evidência que temos é que a superfície se arreventou. Nesse sentido, não há mais fronteira entre as coisas e as proposições. Tal personagem indica a falência da superfície, quando a linguagem é engolida por um não-senso informe e sem fundo. Neste caso, portanto, “*não há, não existe mais superfície*”.⁴³⁵ “Uma árvore; uma coluna, uma flor, uma vara crescem através do corpo; sempre outros corpos penetram em nosso corpo e coexistem com suas partes”.⁴³⁶ Com a falência da superfície, a palavra no seu todo perde seu sentido, isto é, “a capacidade de recolher ou de exprimir um efeito incorporal distinto das ações e das paixões do corpo, um acontecimento ideal distinto de sua efetuação presente”.⁴³⁷ Todo acontecimento é efetuado, toda palavra é física, e afeta imediatamente o corpo. Não se trata aqui de recuperar o sentido, mas de destruir a palavra, de conjurar o afeto ou de transformar a paixão dolorosa do corpo em ação triunfante,

⁴³⁴ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 53 [ed. ing., p. 90].

⁴³⁵ LS, p. 89 [ed. fr., p. 105]. (Grifo do autor).

⁴³⁶ LS, p. 90 [ed. fr., p. 107].

⁴³⁷ LS, p. 90 [ed. fr., p. 107].

necessariamente na dimensão da profundidade. O esquizofrênico é marcado por duas espécies de palavras, a palavra-ação e a palavra-paixão, que se desenrolam com relação às dualidades do corpo, “corpo feito em pedaços [corpo-coador] e corpo sem órgãos [corpo-glorioso]”.⁴³⁸ “Tudo se passa aqui, age e padece abaixo do sentido, longe da superfície. Subsentido, infra-sentido, *Untersinn*, que deve ser distinguido do não-senso de superfície”.⁴³⁹ Com efeito, nesta ordem primária, a dualidade ocorre entre as ações e paixões do corpo, enquanto “a linguagem é os dois ao mesmo tempo, inteiramente reabsorvida na profundidade escancarada”.⁴⁴⁰ A personagem do esquizofrênico, representada por Antonin Artaud, aparece na décima terceira série (“Do esquizofrênico e da menina”) como um filósofo-menina, na linhagem do devir-menina do filósofo.

Do Dançarino (A Tartaruga Falsa)

“*Você quer, ou não quer, quer ou não quer hoje comigo dançar?*”

“A Quadrilha da Lagosta”, *Alice*⁴⁴¹

O dançarino tem o poder de fazer a filosofia falar o Sem-fundo, o fundo informe ou o abismo indiferenciado, encontrando a linguagem mística de seu furor, de sua infirmitade. Sua operação é o encontro da profundidade tendo conquistado a superfície, mas sem permanecer nela, na medida em que a reavalia do ponto de vista da profundidade. Esta personagem deleuziana ensina uma menina a sair da alternativa imposta pela filosofia transcendental ou pela metafísica, equilibrando-se sobre uma corda, seu instrumento: “alguma coisa que não é nem

⁴³⁸ LS, p. 93 [ed. fr., p. 111]. Aliás, Deleuze reconhece a ambivalência do corpo feito em pedaços e corpo sem órgãos, inspirada em Artaud – o corpo-coador e o corpo-glorioso, inspirado em Freud – no diálogo entre Alice e Humpty Dumpty, em *Através do espelho*: Humpty Dumpty propõe que Alice experimente uma nova organização de seu rosto (“Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca no alto... isso seria de alguma ajuda”); Alice confunde a gravata e o cinto, pescoço e cintura, no corpo esférico de Humpty Dumpty. Porém, o autor frisa, diversas vezes, na décima terceira série, que não devemos confundir a linguagem de superfície em Carroll e a linguagem de profundidade em Artaud, o não-senso de superfície e o não-senso de profundidade, a organização primária e a organização secundária, o corte de superfície e a *Spaltung* profunda, ainda que se identifique uma “posição” esquizoide na criança antes mesmo de ela ter se elevado e conquistado a superfície, assim como podemos encontrar pedaços esquizoide na dimensão superficial de modo geral. Em suma, são diferentes dimensões geográficas, diferentes séries e organizações, que não devem ser confundidas: “Artaud não é Carroll nem Alice, Carroll não é Artaud, Carroll não é nem mesmo Alice”. LS, p. 95 [ed. fr., p. 113]. Neste Livro-Jogo, achamos que Humpty Dumpty se encaixa ao mestre estoico humorista, e a dupla Chapeleiro Louco e Lebre de Março, às personagens do perverso e do esquizofrênico, respectivamente.

⁴³⁹ LS, p. 93 [ed. fr., p. 111].

⁴⁴⁰ LS, p. 95 [ed. fr., p. 113].

⁴⁴¹ CARROLL, L. *Alice*: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 82 [ed. ing., p. 134].

individual nem pessoal e, no entanto, que é singular, não abismo indiferenciado, mas saltando de uma singularidade para a outra, sempre emitindo um lance de dado que faz parte de um mesmo lançar sempre fragmentado e reformado em cada lance”.⁴⁴² O conceito que movimenta é, portanto, o das singularidades impessoais e pré-individuais, livres e nômades. O paradoxo desta personagem é: ser um monstro e um caos. A fórmula que ela suscita é a da reversão do platonismo, isto é, a destituição das “velhas Essências metafísicas”.⁴⁴³ A dimensão espacial do dançarino deve ser determinada de maneira complexa: ele pisa e dança sobre a superfície da terra, faz subir os “monstros do fundo” e as “figuras do céu”. Entretanto, as profundezas vertiginosas, o sem-fundo do mundo dionisíaco da vontade de potência ameaçam engolir tudo, nesta descoberta perigosa representada por Nietzsche: “ele viu um novo meio de explorar o fundo, de levar a ele um olho distinto, de discernir nele mil vozes, de fazer falar todas essas vozes, correndo o risco de ser tragado por essa profundidade que interpretava e povoava como nunca havia ocorrido”.⁴⁴⁴ O dançarino da corda, o equilibrista, não suportava permanecer na superfície frágil e é engolido pela profundidade. O movimento mais próximo desta singularidade, exploradora do fundo, de cavernas e abismos, é o de devir-menina do filósofo.⁴⁴⁵ Por fim, o dançarino, como uma menina-filósofa, aparece sobretudo na décima quinta série de *Lógica do sentido*, “Das singularidades”.

Da Filósofa-Rainha

⁴⁴² LS, p. 110 [ed. fr., p. 130].

⁴⁴³ LS, pp. 108-109 [ed. fr., p. 128].

⁴⁴⁴ LS, pp. 110-111 [ed. fr., pp. 131-132].

⁴⁴⁵ Por um lado, o dançarino aparece nas séries voltadas para a ética de LS associado ao ator, à liberação do duplo incorporal e à contra-efetuação. Nesse sentido, ele estaria inserido na linhagem do devir-filósofo da menina, como sugere a seguinte passagem, extraída da vigésima segunda série: “[...] ser o mímico do que acontece efetivamente, duplicar a efetuação com uma contra-efetuação, a identificação com uma distância, *tal o ator verdadeiro ou o dançarino*, é dar à verdade do acontecimento a chance única de não se confundir com sua inevitável efetuação, à fissura a chance de sobrevoar o seu campo de superfície incorporal sem se deter na rachadura em cada corpo, e a nós de irmos mais longe do que teríamos acreditado poder”. LS, p. 164 [ed. fr., p. 188]. (Grifo nosso).

Entretanto, esta transformação de dimensão – a conquista da superfície realizada pelo dançarino – ocorre a partir da décima quinta série. Em “Das singularidades”, Nietzsche ainda explora as profundezas, o sem-fundo ameaça engolir tudo e, ao final, “quase-perece”, apontando-se assim que nas séries seguintes o dançarino se torna “quase-causa” do que se efetua em seu corpo, ou seja, ele contra-efetua o acontecimento, como vimos a passagem acima. A justificativa para inseri-lo na linhagem do devir-menina do filósofo encontra-se na seguinte passagem, que parafraseamos na descrição acima, mencionando algumas partes, e que colocaremos, na íntegra, logo abaixo: “na sua própria descoberta, Nietzsche entreviu como em um sonho o meio de pisar a terra, de roçá-la, *de dançar* e de trazer de volta à superfície o que restava dos monstros do fundo e das figuras do céu. Mas é verdade que ele foi tomado por uma ocupação mais profunda, mais grandiosa, mais perigosa também: na sua descoberta ele viu um novo meio de explorar o fundo, de levar a ele um olho distinto, de discernir nele mil vozes, de fazer falar todas essas vozes, correndo o risco de ser tragado por essa profundidade que interpretava e povoava como nunca havia ocorrido. Ele não suportava permanecer na superfície frágil, de que havia, entretanto, feito o traçado através dos homens e dos deuses. Reganhar um sem-fundo que ele renovava, que ele reaprofundava, foi aí que Nietzsche, à sua maneira, pereceu. Ou então ‘quase pereceu’”. LS, pp. 110-111 [ed. fr., pp. 131-132]. (Grifo nosso).

“Não quero ser prisioneira de ninguém. Quero ser uma Rainha”.

““É uma invenção minha””, *Através do espelho*⁴⁴⁶

A filósofa-Rainha é a anfitriã da Festa do Chá. A Alice de Deleuze é a personagem do puro devir, crescendo e diminuindo ao mesmo tempo. O primeiro movimento é de devir-menina do filósofo, nas profundezas. Em seguida, ela descobre, depois dos sábios estoicos, os acontecimentos puros; descoberta superficial que supõe muita sabedoria (a ética das Causas) e implica toda uma ética (a ética dos Efeitos). A conquista das superfícies aproxima as meninas do estoicismo, com base na seguinte fórmula: “em regra geral, somente as meninas compreendem o estoicismo, tem o senso do acontecimento e liberam um duplo incorporal”.⁴⁴⁷ Deleuze aproxima uma menina, ao longo de *Lógica do sentido*, dos acontecimentos puros: “os acontecimentos são como os cristais, não se transformam e não crescem a não ser pelas bordas, nas bordas”.⁴⁴⁸ Assim também é uma menina: “é a descoberta da menina, que só cresce e diminui pelas bordas, superfície para enrubescer e verdejar. Ela sabe que os acontecimentos concernem tanto mais os corpos, cortam-nos e mortificam-nos tanto mais quanto percorrem toda sua extensão sem profundidade”.⁴⁴⁹ A filósofa-Rainha perde o nome próprio nas profundezas e passa a habitar o mundo pululante das singularidades anônimas e nômades, impessoais, pré-individuais: “[...] as singularidades ou potenciais frequentam a superfície. Tudo se passa na superfície em um cristal que não se desenvolve a não ser pelas bordas”.⁴⁵⁰ Ao longo do livro, Alice deixa seu papel de discípula e se torna uma mestra estoica. Suas características principais encontram-se espalhadas em *Lógica do sentido*, porém identificamos as principais delas mais diretamente trabalhados na primeira série, “Do puro devir”, e na segunda, “Dos efeitos de superfície”.

Final do jogo (O lance de dados)

“Você vai ver que amanhã o jogo acaba”.
Mas ela estava enganada, embora não muito...

Final do jogo, de Cortázar⁴⁵¹

⁴⁴⁶ CARROLL, L. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 196 [ed. ing., p. 296].

⁴⁴⁷ LS, p. 11 [ed. fr., p. 20].

⁴⁴⁸ LS, p. 10 [ed. fr., p. 19].

⁴⁴⁹ LS, p. 11 [ed. fr., p. 20].

⁴⁵⁰ LS, p. 106 [ed. fr., p. 125].

⁴⁵¹ CORTÁZAR, J. *Final do jogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 220.

Lógica do sentido é um jogo ideal, em que cada série é um lance, e cada lance emite pontos singulares, os pontos brilhantes sobre os dados, que se cruzam em uma constelação de problemas, sobre uma superfície pura. Não há, nesse tipo de jogo, nem vencedores nem vencidos, nenhuma moralização, é um jogo que implica toda uma ética. Há sempre um ponto que muda sempre a regra, coordena e ramifica as séries correspondentes, insuflando o acaso a cada jogada. “Cada lance opera uma distribuição de singularidades, constelação”.⁴⁵² As séries são casas vazias, e as personagens que movimentam os conceitos, as peças. Ao longo das casas, perseguimos Alice com dedais, com cuidado... Ela é a jogadora ideal, uma criança-jogadora, como também é a personagem que abre o teatro deleuziano, na primeira série, e encena o conceito de puro devir. Ao longo do livro, a menina aparece e desaparece, surge fantasiada de múltiplos personagens – Alice, a filósofa-mascarada? Não cessamos de enfatizar que ela não é um exemplo, mas um acontecimento do pensamento deleuziano; não devemos perguntar, em linhas finais, o sentido do acontecimento – o sentido da caça à Alice –, na medida em que o acontecimento é o próprio sentido, a própria caça. Ela funciona como uma chave-mestra no livro de Deleuze: a chave de Alice abre uma porta para que as meninas possam se tornar filósofas, e para que os filósofos possam, por sua vez, entrar no pensamento de uma menina. Com os Estoicos, é preciso aqui aprender a afirmar cada etapa desta construção, cada lance; pois, no final do jogo, tudo se reúne em uma só e mesma jogada, em um mesmo lance, que é o resultado de todos os desvios e planos, de todas as tocas estreitas e passagens escuras, sombrias, de lances arriscados; como também de dores, loucuras, acertos, que se reúnem em um só e mesmo lançar que faz do pensamento de uma menina um acontecimento.

⁴⁵² LS, p. 62 [ed. fr., p. 76].

Referências bibliográficas⁴⁵³

a) Referências no português:

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1988, p. 106. (Epígrafe).

BARBOSA, Mariana de Toledo. Um corpo que experimenta e avalia: a ética em Deleuze à luz da “grande identidade” Spinoza-Nietzsche. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 141, Dez./2018, p. 867-890.

BARBOSA, Mariana de Toledo. Regras facultativas ou variáveis: a regulação da vida na ética deleuziana. In: **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, vol. 8, nº 2, 2º quadrimestre de 2015, pp. 54-72.

BARBOSA, Mariana Toledo. **A ética em Deleuze: um corpo que avalia e experimenta**. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Tradução de Santiago Nazarian. São Paulo: Barba Negra, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3ª edição. Campinas: Editora da Unicamp; Pontes, 1991.

BRÉHIER, Emile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Tradução de Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho. Transliteração e tradução do grego de Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BRÉHIER, Emile. **História da filosofia II: período helenístico e romano**. Tradução de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

CARROLL, Lewis. **Caça ao Esnarque: uma agonia em 8 surtos**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza e Eduardo Brigagão Verderame; ilustrações de Gosia Bartosik. 1ª edição. São Paulo: Laranja Original, 2016.

CARROLL, Lewis. **Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; ilustrações originais de John Tenniel; introdução e notas de Martin Gardner. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARROLL, Lewis. **Cartas às suas amiguinhas**. Tradução de Newton Paulo Teixeira dos Santos. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1997.

CARROLL, Lewis. **Meninas** (cartas e fotografias). In: AVELAR, Mário (org.). Tradução de Mário Avelar. Lisboa: Assírio & Alvin, 1994.

⁴⁵³ Todas as referências de mesmo autor foram ordenadas de acordo com o ano da publicação da edição utilizada (e não da publicação original), da edição mais recente à mais antiga.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 20ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 1ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)**. In: LAPUJADE, David (org). São Paulo: Iluminuras, 2010.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Félix Alonso Muñoz. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Tradução de Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUECE, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 4**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo e outros escritos**. São Paulo: Ed. Pauliceia, 1992.

FORD, Colin. **Lewis Carroll**. Tradução de Irene Ernest Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Theatrum Philosophicum**. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). : **Nietzsche, Freud e Marx & Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Princípio Editora, 1997, p. 81.

KAFKA, Franz. A construção. In: **Um artista da fome e A construção**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Editora 34, 2002.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. 2ª edição. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LINDGREN, Astrid. **Pippi Meialonga**. Tradução do sueco por Maria de Machado; ilustrações de Michael Chesworth. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOBATO, Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado**. 5ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1930.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MILLER, Henry. **Trópico de Capricórnio**. Tradução de Angela Pessôa e Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: José Olympo, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ONETO, Paulo Domenech. “Estoicismo e epicurismo na filosofia de Gilles Deleuze: uma identidade discreta”. In: **Revisa Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência**, vol. 8, nº 2, 2º quadrimestre de 2015, pp. 105-127.

POE, Edgar Allan. A carta roubada. Tradução de José Paulo Paes. In: **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROSA, Guimarães. “Partida do audaz navegante”. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 166-175.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (org.). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Cíntia Vieira da. “Desviando da pergunta ‘o que é ser mulher?’ com Despendes e Preciado”. In: **XVIII Encontro Nacional da ANPOF**, Vitória, Espírito Santo, 2018. Resumo disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/agenda-encontro-2018/item/559-categoriaagenda2018/19551-desviando-da-pergunta-o-que-e-ser-mulher-com-despendes-e-preciado>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica**. São Paulo: Ed. Globo, 1987-2006.

WAHL, François. “O copo de dados do sentido”. In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: Uma vida filosófica**. Tradução de Paulo Nunes. São Paulo: Editora 34, 2000, pp. 119-158.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Tradução de Mário Quintana; apresentação de Marília Gabriela. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 24, 2016.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

b) Referências no francês:

BACKÈS-CLÉMENT, Cathérine. (1972) Les petites filles ou les aventures de la philosophie. In: **ARC n° 49**. Paris: Éditions Inculte, 2005.

BEAULIEU, Alain. (2015) “Gilles Deleuze et les Stoïciens”. In: BEAULIEU, Alain. **Gilles Deleuze: héritage philosophique**. Paris: Presses Universitaires de France.

BENVENISTE, Émile. (1966) **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard.

BOUANICHE, Arnaud. (2010) **Gilles Deleuze: une introduction**. Paris: Pocket.

CARROLL, Lewis. **Logique sans peine**. GATTÉGNO, Jean; COUMET, Ernest; ERNST, Max (org.). Paris: Éditions Hermann, 1968.

DELEUZE, Gilles. (1990) **Pourparlers**. Paris: Minuit, 2007.

DELEUZE, Gilles. (1993) **Critique et clinique**. Paris: Minuit, 2006.

DELEUZE, Gilles. (1962) **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 2005.

DELEUZE, Gilles. (1968). **Différence et répétition**. Paris : PUF, 2005.

DELEUZE, Gilles. (1969) **Logique du sens**. Paris: Minuit, 2005.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (1991) **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Minuit, 2005.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (1975) **Kafka: Pour une littérature mineure**. Paris: Minuit, 2005.

DELEUZE, Gilles. (2003) **Deux régimes de fous**. In: LAPOUJADE, David (org.). Paris: Minuit, 2003.

DELEUZE, Gilles. (1981) **Spinoza: philosophie pratique**. Paris : Les Éditions de Minuit, 2003.

DELEUZE, Gilles. (2002) **L'île déserte et autres textes**. In: LAPOUJADE, David (org.). Paris: Minuit, 2002.

- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. (1977) **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1996.
- FÉDIDA, Pierre. (1972) Le philosophe et sa peau. In: **L'Arc n° 49**. Paris: Éditions Inculte, 2005, pp. 159-178.
- GATTEGNO, Jean. **L'univers de Lewis Carroll**. Paris: Librairie José Corti, 1990.
- IMBERT, Claude. (2007) La triangulation du sens. In: GELAS, Bruno; MICOLET, Hervé (org.). **Deleuze et les écrivains: littérature et philosophie**. Nantes: Éditions Cécile Defaut.
- KARAKAS, Özler. **À la recherche de la petite fille: la différence sexuelle dans la pensée de Deleuze**. Turquia: Éditions universitaires européennes, 2017.
- KARAKAS, Özler. La petite fille de la surface comme figure de la dissolution du soi. In: **La Deleuziana – Revue em Ligne de Philosophie**, n° 2, 2015.
- MADOU, Jean-Pol. Événement, répétition, création. In: GELAS, Bruno; MICOLET, Hervé (org.). **Deleuze et les écrivains: littérature et philosophie**. Éditions Cécile Defaut, 2007, pp. 507-518.
- MONTEBELLO, Pierre. **Deleuze: la passion de la pensée**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 2005.
- SÉGUR, Comtesse de. (1858) **Les malheurs de Sophie**. Illustrations d'Alice Charbin. Paris: Gallimard Jeunesse, 2008.
- SEMPÉ, Jean-Claude. (1972) Le leurre et le simulacre. In: **ARC n° 49**. Paris: Éditions Inculte, 2005.
- TAAT, A. Mieke. (1972) Les signes du feu. In: **ARC n° 49**. Paris: Éditions Inculte, 2005, pp. 193-218.
- VUARNET, Jean-Noël. (1972) Métamorphoses de Sophie. In: **ARC n° 49**. Paris: Éditions Inculte, 2005, pp. 89-108.
- ZOURABICHVILI, François. La question de la littéralité. In: GELAS, Bruno; MICOLET, Hervé (org.). **Deleuze et les écrivains: Littérature et philosophie**. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2007, pp. 531-544.

c) Referências no inglês:

- CARROLL, Lewis. (1894) What the Tortoise said to Achilles. In: **Alice's adventures in wonderland & other stories**. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 1104-1108.
- CARROLL, Lewis. (1876) The hunting of the Snark. In: **Alice's adventures in wonderland & other stories**. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 677-699.

CARROLL, Lewis. (1865) The dynamics of a parti-cle. In: **Alice's adventures in wonderland & other stories**. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 716-720.

CARROLL, Lewis. (1860) A photographer's day out. In: **Alice's adventures in wonderland & other stories**. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 979-985.

CARROLL, Lewis. (1853) The two brothers. In: **Alice's adventures in wonderland & other stories**. New York: Barnes & Noble, 2010, pp. 716-720.

CARROLL, Lewis (1897/1887). **Symbolic logic & The game of logic**. New York: Dover Publications, 1958.

CARROLL, Lewis. (1895/1885) **Pillow problems & A tangled tale**: mathematical recreations of Lewis Carroll vol. 2. 4th Edition. New York: Dover Publications, 1958.

CARROLL, Lewis. (1865/1872) **The Annotated Alice**. Great Britain: Penguin, 1970.

DRISCOLL, C. The Little Girl. In: GENOSKO, G. (org.) In: **Deleuze and Guattari: critical Assessments of Leading Philosophers**. Vol III. London and New York: Routledge, 2002, pp. 1464-1479.

NICKEL, Douglas R. **Dreaming in pictures**: the photography of Lewis Carroll. California: San Francisco Museum of Modern Art & Yale University Press, 2002.

TAYLOR, Roger; WAKELING, Edward. **Lewis Carroll, photographer**: the Princeton University Library albums. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

WILLIAMS, James. **Gilles Deleuze's Logic of Sens**: a critical introduction and guide. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2008.

Anexo II (A Tabela)

Operação ou linhagem	Devir-menina do filósofo	Devir-filósofo da menina
Dimensão topológica	Profundidade	Superfície
Representante	Nietzsche, com a denúncia das Ideias nas alturas	Os Estoicos, com a descoberta dos efeitos de superfície
Fórmula	“Reversão do platonismo”	“Conquista da superfície”
Aventura	A perda do nome próprio, como consequência da identidade infinita	A conquista das superfícies, a desmistificação da falsa profundidade e a descoberta de que tudo se passa na fronteira (entre as coisas e as proposições)
Regras	Compreender o platonismo, adentrar o reino dos simulacros e liberar uma identidade infinita	Compreender o estoicismo, ter o senso do acontecimento e liberar um duplo incorporal
Conceitos principais	Simulacro, devir-ilimitado	Acontecimento, incorporal, sentido, singularidades, duplo-incorporal, quase-cause, contra-efetuação
Dualidades implicadas	1ª dualidade: causas e efeitos; 2ª dualidade: coisas e proposições; 3ª dualidade: nomes e verbos	4ª dualidade: designação e expressão
A orientação do pensamento em Lewis Carroll	A profundidade na primeira parte (caps. 1-3) e a altura na segunda parte (caps. 4-7) de <i>Alice</i>	A superfície na terceira parte (caps. 8-12) de <i>Alice</i> , em <i>O Espelho</i> e em <i>Sílvia e Bruno</i>
A orientação do pensamento nas imagens de filósofos antigos	A profundidade no pré-socratismo e a altura no platonismo	A superfície no estoicismo, no megarismo e no cismismo
Séries privilegiadas	1ª, 18ª, 1º anexo	2ª, 15ª, 20ª, 21ª, 22ª
Eixo de investigação	Corpo e linguagem	Ética

Anexo II

O Tabuleiro

[Uma versão do tabuleiro foi enviada a cada membro da banca e será anexado aqui no encaminhamento da dissertação à biblioteca da UFF].